

REGISTRO DE BEM IMATERIAL - QUADRO VI
FORMA DE EXPRESSÃO
ARRAIAL DO LAGEADO - ITAPAGIPE - MG





QUADRO VI

DATA DE ENCAMINHAMENTO AO IEPHA: 15/01/2011		ITAPAGIPE
ENDEREÇO DA PREFEITURA	Rua 8, nº 1000, centro. Itapagipe – MG	
NOME DO PREFEITO	Benice Maia	
NOME DO SETOR DE PATRIMONIO CULTURAL DA PREFEITURA	Secretaria Municipal de Cultura	
ENDEREÇO DO SETOR	Rua 8, nº 1000, centro. Itapagipe – MG	
TELEFONE DO SETOR	(034) 3424 3877-1000	
ENDEREÇO ELETRÔNICO DO SETOR	secmuncultural@gmail.com	
NOME DO SECRETÁRIO DE CULTURA	Anderson Paulo Franco dos Santos	

REGISTRO DO BEM IMATERIAL

CELEBRAÇÃO: ARRAIAL DO LAGEADO



SUMÁRIO

01.	LEI DO REGISTRO IMATERIAL	07
02.	INTRODUÇÃO	09
03.	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA / SOCIOLÓGICA / ANTROPOLÓGICA	11
	03.2.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS	45
	03.2.2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA CULTURAL E TRANSFORMAÇÕES DA ATIVIDADE CULTURAL	55
	03.2.3. RELAÇÃO DA ATIVIDADE COM O LUGAR/COMUNIDADE	71
	03.2.4. DESCRIÇÃO DOS LUGARES, SUPORTES FÍSICOS E AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE	76
	03.2.5. DESCRIÇÃO DETALHADA DA ATIVIDADE CULTURAL: TODAS AS FASES	80
	03.2.6. IDENTIFICAÇÃO DOS AGENTES ENVOLVIDOS, RECURSOS, PRODUTOS E PÚBLICO ALVO	89
	03.2.7. IDENTIFICAÇÃO DE ATIVIDADES CORRELATAS	92
04.	FICHAS DE INVENTÁRIO	99
05.	DELIMITAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ÁREA DE OCORRÊNCIA	113
06.	SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA ATIVIDADE CULTURAL	115
	05.1. IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS	115
	05.2. DIRETRIZES/MEDIDAS PARA GESTÃO E CRONOGRAMA DE AÇÕES	115
07.	DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA	119
08.	REGISTRO AUDIOVISUAL	125
09.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
10.	ANEXOS	133
	A. FICHA TÉCNICA	133
	B. PARECER TÉCNICO	135
	C. PARECER DO CONSELHO	137
	D. ATA DE APROVAÇÃO PROVISÓRIA	139
	E. NOTIFICAÇÕES/COMUNICAÇÃO E RECIBOS	141
	F. ATA DE APROVAÇÃO DEFINITIVA	143
	G. CÓPIA DO DECRETO OU HOMOLOGAÇÃO DO REGISTRO	145
	H. INSCRIÇÃO NO LIVRO DE REGISTRO	147

I. PUBLICAÇÃO DO DECRETO OU HOMOLOGAÇÃO DO REGISTRO	149
J. DOCUMENTOS DIVERSOS	151

01. LEI DO REGISTRO IMATERIAL

ANEXAR A CÓPIA DA LEI DE PROTEÇÃO DO PATRIMONIO IMATERIAL



02. INTRODUÇÃO

A Prefeitura Municipal de Itapagipe em conjunto com o seu Conselho de Patrimônio, as instituições atuantes e a sociedade civil deste município, conscientes do valor da cultura e memória de seu povo, buscam, através de ações de proteção e preservação do patrimônio, uma política cultural eficaz e comprometida com seu resultado. Amparada pela lei de proteção do patrimônio cultural municipal e em obediência às condições prescritas na Resolução CONEP 01/2009, o Município coloca-se como instrumento de *identificação, documentação, proteção e promoção* do patrimônio local.

O dossiê de registro do bem cultural imaterial denominado Arraial do Lageado constitui um esforço nesse sentido, a partir do momento em que auxilia na construção da identidade municipal e baseia-se no conceito de *desenvolvimento sustentável*. As visitas técnicas e a elaboração do dossiê em questão foram feitas pela equipe da empresa MGTM Ltda. seguindo as diretrizes do IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

Para melhor compreensão do bem, o presente dossiê foi dividido em capítulos que perpassam a história do município, a história da manifestação cultural, o local onde ocorre, a contextualização da atividade no local onde ocorre e o seu diálogo direto e indireto com outros bens integrados. A metodologia aplicada a este trabalho compreende uma extensa pesquisa multidisciplinar através da análise da literatura existente e da coleta de dados orais. Agrupa-se também um minucioso levantamento fotográfico e audiovisual.

Diante do exposto, a Prefeitura Municipal de Itapagipe apresenta ao IEPHA/MG - Exercício de 2013, o *Dossiê de Registro do Arraial do Lageado*.

Belo Horizonte, 15 de Janeiro de 2012.

Coordenação Técnica – R.T. MGTM Ltda.
Mônica Guimarães Maciel e Silva Marinho
Arquiteta e Urbanista

Supervisão e Montagem - MGTM Ltda.
Rogério Stockler de Mello

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a todos que, com seu apoio, depoimentos e sugestões, colaboraram para a elaboração do trabalho, em especial a equipe de funcionários da Prefeitura Municipal de Itapagipe - MG.



03. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA / SOCIOLÓGICA / ANTROPOLÓGICA

03. 1. DO MUNICÍPIO

03.1.1. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Os antecedentes históricos do município de Itapagipe estão relacionados à descoberta do ouro e das pedras preciosas na região das *minas gerais*, a partir dos anos finais do século XVII. O grande número de aventureiros, exploradores e gentes de todo tipo que foram para a região no século seguinte em busca de riquezas e oportunidades moldariam uma sociedade extremamente dinâmica e miscigenada.

Porém, a riqueza dali provinda logo provocaria as primeiras disputas pelo direito de posse e exploração daquelas terras. Como muitas dessas descobertas foram realizadas por *bandeiras*¹ paulistas, os moradores do Planalto do Piratininga apelaram à Coroa pelo direito de explorar aquelas riquezas, pagando os tributos reais devidos. Porém, nem o Rei nem as expedições e *entradas* vindas de outras regiões da Colônia pensavam da mesma forma e, ainda em 1706, estouraria a famosa Guerra dos Emboabas², que teve como palco Vila Rica (atual Ouro Preto) e suas adjacências.

A derrota em 1709 levaria os paulistas a se embrenhar pelos sertões da região central da Colônia em busca de novas jazidas e riquezas. Essa área já havia sido explorada por várias expedições nos séculos anteriores, como as de Fernão Dias e Manuel de Campos Bicudo, que visavam, sobretudo, a captura e escravização de índios. Mas essas campanhas não se deram de forma sistemática e a região permanecia ainda pouco conhecida. O ouro apareceria ali a partir de 1718 – tendo sido encontrado por Pascoal Moreira –, não de forma tão impressionante como nas Minas, mas farto o suficiente para erigir grandes e imponentes vilas como as de *Cuiabá, Goiás Velho e Paracatu*.

Com o ouro vem o comércio e o incremento das estâncias agropecuárias, necessárias para alimentar o crescente número de aventureiros e gentes de todo tipo, ávidas pelas oportunidades e promessas desses *novos* centros de riqueza. Além das estâncias e fazendas,

¹ Expedições exploratórias. As provindas de São Paulo são mais identificadas por esse termo, enquanto que as que partiam de Salvador eram mais conhecidas como *entradas*, mas não há uma regra.

² Emboaba era o apelido pejorativo dado pelos índios e usado pelos paulistas quando se referiam aos portugueses e exploradores de outras regiões da Colônia, principalmente da Bahia, todos considerados forasteiros.

ao longo dos caminhos e rotas também surgem entrepostos comerciais, que logo se tornariam pequenos arraiais e vilarejos. Minas se desenvolve destacando-se como área de interlocução entre as regiões brasileiras, em especial as mineradoras, o que favoreceria a integração e o trânsito de gentes, mercadorias, culturas e costumes.

É nesse contexto, e seguindo a *Picada de Goiás*, que surgiria a região conhecida como Sertão da Farinha Podre, origem da ocupação do que é hoje o Triângulo Mineiro. Povoada por índios Araxá e Caiapó, essa área foi desbravada por *bandeiras* paulistas a partir de 1722, e logo seria ocupada por fazendas e estâncias agropecuárias, funcionando como um dos principais celeiros das regiões auríferas. Os paulistas comandariam a região até 1748, quando ela é anexada à Capitania de Goiás e ganha o nome de Julgado do Desemboque³. Mas essa área também era disputada pela Capitania das Minas Gerais, que finalmente a englobaria em 1816.

O esgotamento das jazidas auríferas mineiras a partir dos anos 1730-1740 iniciaria um longo processo de mudança do eixo econômico da província, ocasionando o esvaziamento de muitos dos antigos centros mineradores. Em Goiás e Mato Grosso esse processo começaria alguns anos mais tarde, mas, a partir da segunda metade desse século, a decadência de ambas já se tornara latente. O comércio, a agropecuária e a produção de gêneros passam gradativamente à condição de motores da economia mineira. As fazendas e estâncias se multiplicam, dando origem a grandes latifúndios, e a atividade dos tropeiros se intensifica.

A região onde hoje se encontra o município de Itapagipe certamente começou a ser ocupada nessa época. Segundo Jurani Gonçalves Lima⁴, ainda no final do setecentos passou pela região um viajante português de nome Antônio Gomes Sobreiro. Ele teria demarcado aquelas terras para seus dois filhos: Antônio Gomes de Araújo e Rosa Maria de Araújo. Rosa ficaria com a parte compreendida entre os ribeirões São Mateus e Moeda, e Antônio com as desse último até o Rio Verde.

³ Não foi possível estabelecer a origem desse nome.

⁴ LIMA, Jurani Gonçalves. (org.). *Nossa História*. Prado: Capital, 1993. v.1.

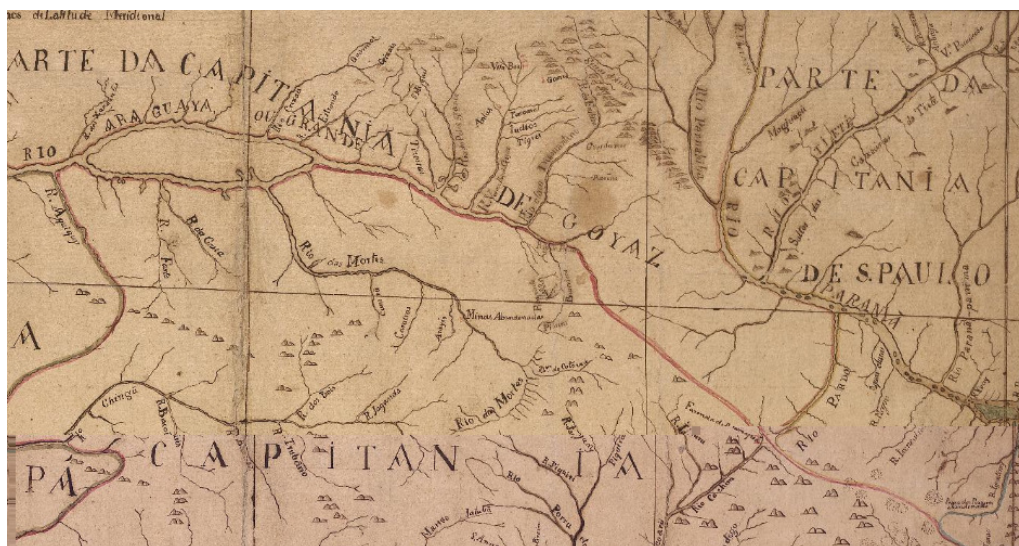


Imagem 01 – Detalhe de um mapa do início dos anos 1800, mostrando a região entre o “Rio Araguaya ou Grande”, na parte superior do mapa, e o “Rio Parahyba”, afluente do Rio Paraná, na parte superior direita. Sabe-se que as terras supostamente demarcadas por Antônio Gomes Sobreiro ficavam entre esses rios, mas, como os ribeirões mudaram de nome e as distâncias e perspectivas desta carta não são muito precisas, não foi possível localizá-las.

Município de Itapagipe – MG. 2011

Rosa se casaria com Antônio Ferreira de Faria pouco depois, e o casal ergueria ali a Fazenda Córrego Fundo, onde criaria seus filhos. Antônio Araújo também se instalaria em uma fazenda naquelas bandas, porém, dessa não se descobriu o nome. Algum tempo depois esse Antônio venderia suas terras e parte das da irmã e do cunhado, e se mudaria da região. Rosa e seu marido continuariam a viver ali até falecer e, de acordo com Jurani, o casal ainda possuía descendentes na região até o início dos anos 1990. No entanto, estes não foram localizados durante a pesquisa, assim como também não foram encontrados registros ou maiores informações sobre esses moradores antigos ou suas fazendas. Ainda existe uma Fazenda Córrego Fundo no município, mas trata-se de um imóvel dos anos 1950, e não foi possível estabelecer sua relação com a antiga fazenda

Alguns relatos também mencionam que a Fazenda Velha da Fortaleza, localizada ao norte do município, seria um remanescente desses momentos iniciais, ainda nos anos finais do século XVIII. De acordo com a tradição oral, essa fazenda teria se originado de um quilombo organizado por escravos fugidos das grandes estâncias que dominavam a região. Ali também se encontra uma serraria movida a água do mesmo período da fazenda e que é considerada um das primeiras do tipo na região. Porém, novamente não foram encontrados maiores informações sobre essa fazenda ou seus antigos moradores. Além disso, a hipótese de que ali teria existido um quilombo ainda carece de estudos mais aprofundados, configurando-se mais como um “causo” do lugar.

O certo é que, segundo a pesquisadora Maria Rodrigues⁵, em 1810 passou pela região a *bandeira* do sargento mor Antônio Eustáquio da Silva de Oliveira, que tinha como objetivo esquadrihar as terras entre os Rios Grande e Paranaíba.

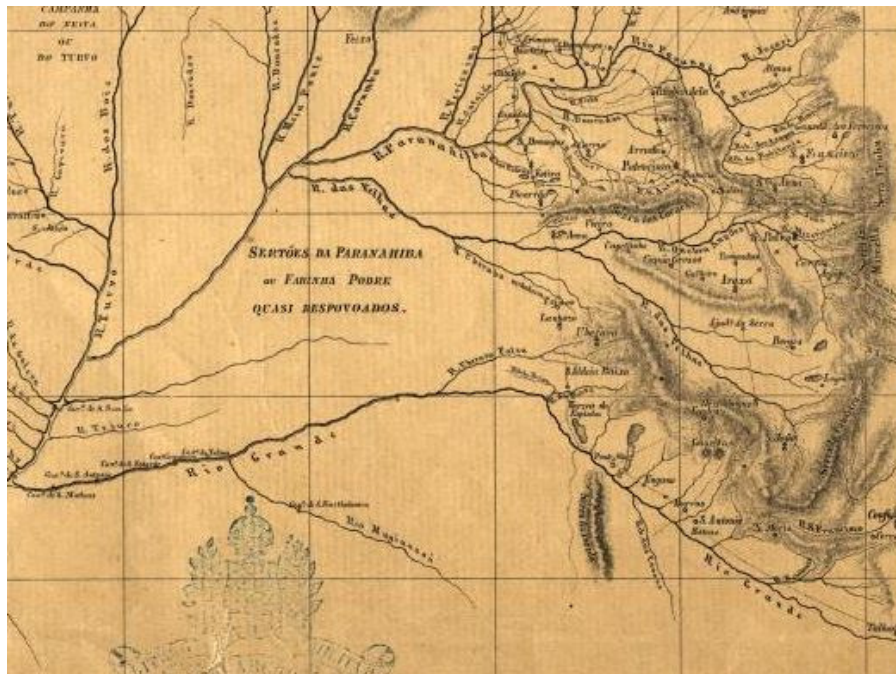


Imagem 02 – Detalhe do mapa feito pelo Brigadeiro Raimundo José da Silva Mattos em 1836, que mostra a área compreendida pelos “Sertões da Paranaíba ou Farinha Podre”. A expedição de Antônio Eustáquio em 1810 esquadrihou a região entre o Rio Grande, visto na metade inferior do mapa, e o Rio Paranaíba, na parte superior. Porém, não foi possível identificar a localização do atual município de Itapagipe nessa carta.

Município de Itapagipe – MG. 2011

Segundo Jurani Gonçalves Lima, a mais antiga escritura conhecida de posse de terras na região data de 1830, tendo sido passada a Manuel Joaquim Ubaldo, que era natural da região onde hoje se encontra a cidade de Itapeçerica. Manuel era casado com Inez Francisca da Silva e teria recebido as terras como herança do pai, o português Domingos Gonçalves Beirigo. Ali Manuel construiria a Fazenda Serra da Moeda, onde cultivava algumas roças, além de possuir algumas cabeças de gado e pequenas criações. Essa região passou a ser conhecida como Serra da Moeda, abrigando uma pequena comunidade. Esse povoado daria origem à Vila de São Sebastião, que hoje pertence ao município de Itapagipe.

Muitas famílias passaram a viver na região nessa época, atraídas principalmente pela excelente qualidade daquelas terras e pela abundância de recursos hídricos. Porém, a

⁵ RODRIGUES, Maura Afonso. *Fagulhas de história do Triângulo Mineiro*. [s.l.]: ABC-SABE, 1988.

ocupação da área era feita através de fazendas espaçadas, sem um núcleo ou povoado específico.

Vicente Joaquim da Silva, mais conhecido como Vicente Chico, aparece como grande fazendeiro da região na segunda metade do século XIX, época em que construiria uma imponente estância agropecuária próximo ao Rio Grande. Nascia assim a Fazenda Lageado, núcleo inicial do que hoje conhecemos como Itapagipe. Seu nome faz alusão ao Córrego Lageado, com suas grandes lages de pedra pelas quais a água corre no seu leito.

Ligada principalmente à pecuária, essa fazenda atrairia muitos trabalhadores e suas famílias para a região, dando origem a um vilarejo. Visando o desenvolvimento dessa comunidade, Vicente doou a maior parte das terras da Fazenda Lageado a seu orago protetor, Santo Antônio, ainda em 1880. Nessa ocasião, José Martins Arruda e Alexandre Alves Pereira, fazendeiros da região, também doaram glebas de terra para a formação desse povoado. Mas o maior doador foi mesmo o Vicente.

Nessa época, muitas famílias já haviam se estabelecido na região, como os Ferreira de Faria, Amorim, Souza e Silva, Queiroz, Machado, Meneses, Trivelato e Rodrigues, dentre outras. O local então passou a ser conhecido como Patrimônio de Santo Antônio do Lageado, e a comunidade logo tratou de arrecadar fundos para a ereção de uma capela em homenagem ao santo padroeiro.

Sua construção foi iniciada em 1888 pelo padre Guilherme Van de Sandt, que era superior da casa de Campo Belo e vigário da freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Boa Vista do Rio Verde, à qual o local estava colado. Essa freguesia estava submetida ao Bispado de Uberaba/MG, e os padres que serviam ao Patrimônio de Santo Antônio do Lageado vinham do povoado de Campina Verde/MG, distante nove léguas. As obras na capela de Santo Antônio, no entanto, se prolongariam até 1917, quando a capela-mor finalmente é construída.

As famílias que se instalaram na região, assim como na maioria das cidades e vilas mineiras, sempre foram muito devotadas à religião, em especial dos oragos católicos. É importante lembrar que, até meados do século XX, a religiosidade teve uma forte influência sobre a vida cotidiana da sociedade mineira, moldando costumes, tradições e formas de conduta. Assim, Patrimônio de Santo Antônio do Lageado se desenvolveria ao redor de sua capela primitiva.



Imagem 03 – Fotografia da antiga Capela de Santo Antônio do Lageado, erigida na margem direita do córrego de mesmo nome. A primeira ermida em louvor ao santo padroeiro, na verdade uma choupana, foi erguida na margem esquerda desse rio, região que se mostraria inadequada. A capela definitiva então seria construída na margem oposta.

Município de Itapagipe – MG. 2011

A população cresceria e, em 1892, o povoado seria oficializado e elevado à categoria de Localidade do município de Frutal/MG⁶. A economia da época, assim como hoje, girava em torno da agropecuária, sendo sua produção bastante diversificada. O setor agrícola abarcava roças de arroz, feijão, mandioca, café, fumo e cana de açúcar, e a pecuária abrangia cabeças de gado de corte e de leite, além de pequenas criações de porcos, galinhas e cabras. Com exceção da pecuária, principal fonte de divisas da época e feita já de modo extensivo, a produção era mais voltada à subsistência, sendo o excedente vendido na região.

As primeiras indústrias implantadas no município foram: serraria, tear, marcenaria, sapataria, curtume, olaria, engenhos de cana para produção tanto de aguardente quanto de rapadura, desnatadeira de leite e beneficiador de fumo. Mas essa produção, assim como a agrícola, não era feita em larga escala e sua maior parte era vendida/consumida na própria região e seu entorno.

A comunidade ali formada sempre foi muito unida, e eram comuns as festividades, encontros, reuniões e associações entre os moradores. Além disso, as cerimônias religiosas,

⁶ O município de Frutal tem suas origens ainda em meados do século XIX, no movimento de ocupação do Triângulo Mineiro. Foi elevado à categoria de arraial em 1850, e incorporado ao município de Uberaba em 1854. Em outubro de 1885, de acordo com Lei n.º 3325, o distrito seria emancipado e elevado a Vila, denominada Carmo do Fructal, desmembrando-se de Uberaba. Sua elevação a cidade se deu a 4 de outubro de 1887, através da Lei nº 3.464, já com o nome de Frutal.

principalmente a Semana Santa e o dia do padroeiro, eram muito concorridas e os moradores sempre organizavam novenas e procissões.

Assim, no início do século XX, teve início um movimento comunitário para a melhoria do lugar. Liderado por Sebastião Vieira de Queiroz, esse grupo providenciou a divisão e consolidação da localidade ainda em 1913. As medições e repartições do terreno ficaram a cargo do agrimensor Edmundo de Novaes. Foi nessa época que o núcleo urbano atual do município começou a se formar efetivamente.

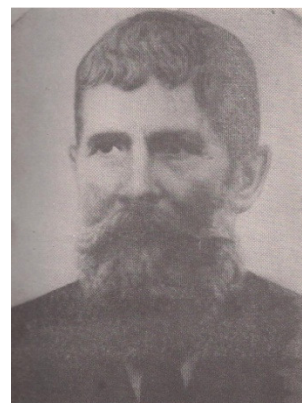


Imagem 04 – Sebastião Vieira de
Queiroz

Município de Itapagipe – MG. 2011

Além disso, a partir de 1916, com a criação da chamada “Casa de Instrução”, tem início a formação da rede de ensino público na região. O prédio para abrigá-la foi construído por Quintino José de Amorim, e a obra foi custeada pela Prefeitura de Frutal, no mandato do prefeito Alcides de Paula Gomes. O primeiro professor que ali lecionou foi Manoel Maia de Lima e o ensino estava restrito ao fundamental. Porém, o ensino particular já era feito na região desde pelo menos o final do século XIX, pelo professor Juvêncio Correia da Silva, trabalho que foi continuado pelo casal Américo Rosa e Fabiana Anália Rosa a partir de 1910.

O movimento popular continuaria trabalhando pelo desenvolvimento do Patrimônio do Lageado nos anos seguintes, quando aparece a figura de Pedro Gonçalves Ferreira, professor e comerciante local, que muita faria para a melhoria do lugar. Personagem interessante da História itapagipense, Pedro liderou a região durante os conturbados anos 1930, época de grandes revoluções políticas no país. Em 1932, ele daria suporte às tropas legalistas no combate às forças paulistas. Foi ele também quem deu início ao processo de elevação da localidade em distrito de Frutal, o que ocorreria em 17 de dezembro de 1938, através do Decreto-Lei 148, mesmo ano de seu falecimento.



Imagem 05 – Pedro Gonçalves Ferreira
Município de Itapagipe – MG.



Imagem 06 – Fotografia tirada provavelmente no início dos anos 1930, mostrando algumas figuras importantes do lugar nessa época. Na janela aparece o Pedro Gonçalves Ferreira
Município de Itapagipe – MG. 2011

O nome Patrimônio de Santo Antônio do Lageado seria mudado para Itapagipe⁷ pouco depois, por sugestão do Promotor de Justiça de Frutal, Dr. Paulo Berhing, como homenagem aos indígenas que ali habitavam antes da colonização daquelas terras. Aliás, foi esse promotor quem também sugeriu que se iniciasse o processo de emancipação político-administrativa de Itapagipe, levado a cabo por Ramiro de Souza Pinto.

A comissão pró-emancipação era formada por vários membros de destaque na região que, além de doar dinheiro para o processo, também lutaram politicamente para que ele se efetivasse. Itapagipe finalmente foi desmembrada de Frutal em 27 de dezembro de 1948, sendo o Município instalado através dos artigos 1º e 3º da Lei nº 336, datada de 1º de janeiro de 1949. Nessa ocasião, José Carneiro foi nomeado Intendente e, no dia 20 de março de 1949, Alonso de Moraes Andrade tomou posse como primeiro prefeito municipal de Itapagipe (1949-1952).

Nessa época, a ocupação do território da jovem cidade era predominantemente rural, espalhada em fazendas e estâncias agropecuárias. O centro urbano ainda estava se consolidando. Não foi possível descobrir se o planejamento urbano em formato

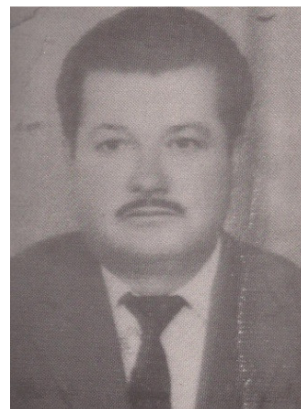


Imagem 07 – Ramiro de Souza Pinto
Município de Itapagipe – MG.

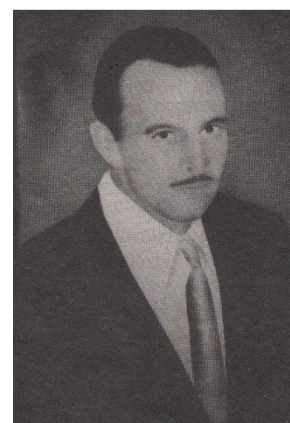


Imagem 08 – Alonso de Moraes Andrade
Município de Itapagipe – MG.

⁷ O nome significa “pedra dura” na língua tupi-guarani e faz referência à grande aglomeração de rochas da região.

ortogonal de Itapagipe é dessa época ou anterior, nem a autoria do projeto, mas o fato é que ele se espelha no sistema empregado na construção da nova capital mineira, Belo Horizonte, em 1895. A economia continuava ligada à agropecuária, mas esta já era feita em larga escala. A criação de gado, tanto de corte como de leite, permanecia como principal fonte de renda, mas as produções de arroz, café, fumo e carvão vegetal também se destacavam.

Além disso, desde o final do século XIX, muitos imigrantes estrangeiros se instalariam na região, como italianos, portugueses, turcos e sírios. Ao longo dos anos, eles teriam grande importância no desenvolvimento e diversificação da economia e do comércio na região. Nesse ponto merecem destaque as famílias Salomão e Maluf, turcos e sírios respectivamente, donos de armarinhos e casas de comércio de gêneros no antigo Lageado desde o início dos anos 1900. Antes disso, ainda no século XIX, a família Trivelato, de origem italiana, teria grande importância no comércio de secos e molhados. No final dos anos 1930 algumas famílias alemãs também se instalariam na região, refugiadas da 2ª Guerra Mundial.



Imagem 09



Imagem 10

Imagens 09, 10 e 11 –

Essa três fotografias mostram os desfiles em homenagem ao Cabo João, figura sobre a qual não foram encontradas maiores informações. Esse desfile parece ter ocorrido entre os anos de 1940-1950. A foto ao lado mostra parte do Largo da antiga capela. Abaixo à esquerda vemos a fachada lateral dessa capela e o local onde hoje fica o cruzamento da Rua Oito com a Av. Treze. Abaixo à direita aparece a fachada principal dessa capela, com sua sineira em trave destacada

Município de Itapagipe – MG. 2011

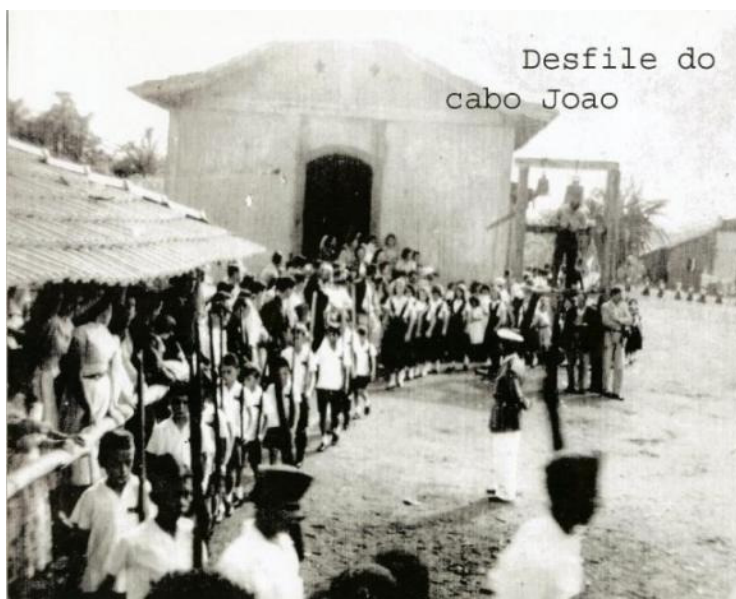


Imagem 11



Imagem 12 – Fotografia provavelmente dos anos 1940-1950, mostrando o entroncamento da Avenida Onze com a Rua Doze, onde ficava a casa do “Matraca”, outra figura não identificada durante a pesquisa

Imagem 13 – Fotografia provavelmente dos anos 1950, mostrando outra parte do entroncamento entre a Rua Doze e a Avenida Onze
Município de Itapagipe – MG. 2011





Imagem 14 – Fotografia provavelmente dos anos 1950, mostrando o entroncamento da Rua Dez com Avenida Onze Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 15 – Fotografia provavelmente dos anos 1950-1960, mostrando a “1ª Bomba de Gasolina” Município de Itapagipe – MG. 2011

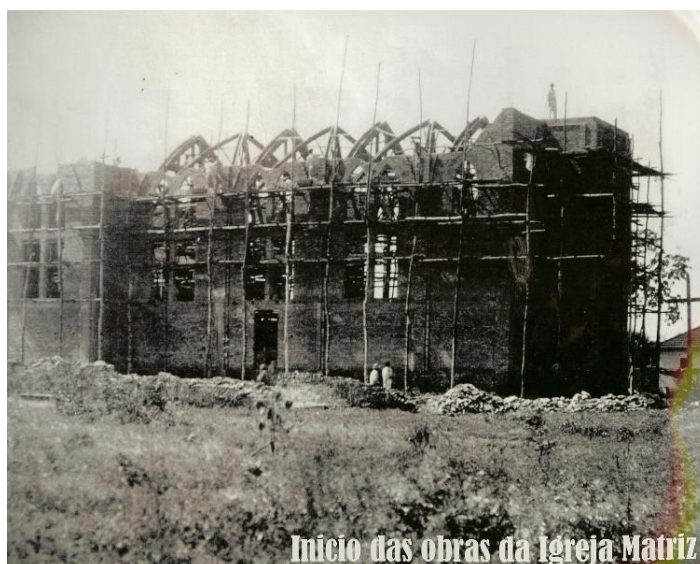
Imagem 16 – Fotografia provavelmente dos anos 1940, mostrando uma turma de alunos em sua 1ª Comunhão Município de Itapagipe – MG. 2011





Imagem 17 – Fotografia provavelmente dos anos 1940, mostrando um grupo de alunos da cidade
Município de Itapagipe – MG. 2011

Com o desenvolvimento do novo município, e o conseqüente incremento da população, a antiga capela de Santo Antônio já não comportava o número de fiéis. Assim, em 1956, teve início a construção de uma nova igreja em homenagem ao padroeiro. O terreno foi doado por Antônio Ferreira da Silva, mais conhecido como Nego Ximba, durante a administração de Jacomo Agrelli (1953 - 1955). Uma Comissão Construtora foi organizada entre os moradores, sendo liderada por Quirino Ferreira de Menezes, o Quirino Lau, que, pouco depois, seria eleito prefeito de Itapagipe (1958-1962). Depois de Quirino, Jair Assis assumiria a liderança da comissão.



Início das obras da Igreja Matriz
Imagem 18 – Fotografia tirada no final dos anos 1950, quando as obras na nova Igreja de Santo Antônio ainda estavam no início.
Município de Itapagipe – MG. 2011

A comunidade participaria ativamente dessa iniciativa tanto através de doações de dinheiro quanto “metendo a mão na massa”. Além disso, os vitrais, bancos e grande parte dos móveis e ornamentos do templo foram doados pelas famílias da região.



Imagem 19 – Essa foto foi tirada em 2007, e mostra a capela de São Bom Jesus da Lapa
Município de Itapagipe – MG. 2011

Essa igreja seria inaugurada no dia 17 de junho de 1973, mesma data em que seria criada a Paróquia de Santo Antônio de Itapagipe, oficializada por Dom José Pedro da Costa, Arcebispo de Uberaba. A agora Igreja Matriz de Santo Antônio passaria a ser responsável pelos templos católicos do município, dentre eles a capela de São Bom Jesus da Lapa, localizada na Avenida Vinte e Três, entre as Ruas Doze e Catorze. Essa capela foi construída em 1958, pela família de Manoel Ferreira Pinto, como pagamento de uma promessa a esse orago. Após a morte do marido, em 1976, Isoldina Ferreira de Lima doou a capelinha à Diocese, por intermédio do Padre Moacir, Pároco na época.

Depois da construção da Matriz, a antiga capela dedicada a Santo Antônio foi sendo gradativamente abandonada. A Praça da Matriz passaria a ser o centro da cidade, abrigando a maioria das festividades e cerimônias públicas e religiosas de Itapagipe. Sem manutenção e em péssimo estado de conservação, a antiga capela teve de ser demolida ainda no início de 1968, pois ameaçava desabar. A cidade perdia assim um de seus mais valiosos bens históricos, remanescente dos primeiros tempos do antigo Lageado.



Imagem 20 – Como indica a própria legenda na foto, ela foi tirada no dia 15 de fevereiro de 1994, e mostra a Igreja Matriz de Santo Antônio antes da reforma e ampliação realizadas no início dos anos 2000.

Município de Itapagipe – MG. 2011

O brasão e a bandeira do Município foram propostos por Jurani Gonçalves Lima e implementados em 1968. Seu simbolismo apresenta a história de Itapagipe e suas características geográficas e econômicas: o triângulo faz alusão à bandeira do Estado de Minas Gerais e simboliza também a região do Triângulo Mineiro; estão representados o Rio Grande, alguns animais e um barco ao centro; nas laterais, o milho e o arroz indicam os produtos agrícolas de maior projeção, e a faixa abaixo contém a data de emancipação e criação do Município. A bandeira de Itapagipe possui três divisões verticais, sendo as laterais na cor verde e a central, com o escudo, na cor branca.

No que tange às obras públicas, as melhorias na cidade tiveram início logo após a emancipação. Assim, ainda no primeiro mandato da Prefeitura Municipal, seriam criadas três escolas municipais na área rural e quatro na área urbana, além da Olaria Municipal. Também seria instalado o Centro Telefônico.

Os prefeitos seguintes dariam continuidade à boa administração da cidade. Jacomo Agrelli (1953-1955) ampliaria a rede de ensino com as escolas rurais (1954) e creches e construiria o abrigo para idosos (1955), dentre outras realizações. Alonso seria eleito prefeito novamente

para o mandato de 1955 a 1958, implantando o serviço de Assistência Rural em 1956, mas seria assassinado nesse mesmo ano.

Nessa ocasião, Amador Rodrigues assumiu a Prefeitura, ficando até o fim do mandato. Ele iniciaria a construção das estradas rurais do município em 1958. Quirino Ferreira Meneses (1958-1962) trataria de implantar o curso de alfabetização de adultos e a Biblioteca Municipal, ambos em 1959. João da Silva (1963-1966) iniciaria a pavimentação das vias urbanas em 1967, além de criar onze escolas rurais. Gilberto Queiroz (1967-1971) criaria o serviço autônomo de água e esgoto em 1968 e o Ginásio Municipal em 1970, dentre outras melhorias. Jerônimo Amorim (1971-1972) melhoraria o ginásio e ampliaria a rede elétrica do município. Ivaldo de Paula Vasconcelos (1973-1976) trataria de incrementar a rede de ensino rural e urbana, dentre outras coisas. Antônio Gonçalves de Paula (1977-1983) instalaria a Caixa Econômica Federal em 1978, formaria a Banda Municipal em 1980 e instalaria o Banco do Brasil, a EMATER-MG, o Escritório FUNRURAL, a COPASA, a COHAB, além de construir o Posto de Saúde e o Terminal Rodoviário, tudo em 1982.



Imagem 21 – Fotografia dos anos 1970, mostrando a fanfarra e o público de uma Festa Cívica Município de Itapagipe – MG. 2011

Imagem 22 – Fotografia do início dos anos 1980, mostrando desfile da fanfarra na Rua 10. A capela antiga de Santo Antônio ficava um pouco abaixo nessa rua, à direita
Município de Itapagipe – MG. 2011



Em 1987, teve início a construção do prédio atual da Prefeitura Municipal, idealizado e projetado pelo engenheiro Nagib Maluf, no mandato de Gilberto Queiroz (1983-1988). Ele seria finalizado em 1992, já no segundo mandato de Antônio Gonçalves de Paula (1989-1992) à frente do Executivo. O prédio, no entanto, teve de ser adaptado para alocar também o Fórum da cidade, pois a parte do edifício destinada a esse uso não pôde ser concluída. Aliás, a Comarca de Itapagipe seria criada no dia 05 de janeiro de 1988, sendo oficialmente instalada no dia 20 de abril de 1991. A jurisdição do município de São Francisco de Sales, com o qual Itapagipe faz divisa, também pertence a essa Comarca.

Benice Nery Maia assumiu a Prefeitura Municipal de Itapagipe em janeiro de 2005, e hoje está em seu segundo mandato. Bem quisto pela população, seu governo mostra sinais de boa administração, algo que parece ter sido comum na história recente do município, visto que a cidade se apresenta bem estruturada e equipada. Durante seu período à frente do Executivo, Benice deu início a um programa de valorização e conscientização sobre a importância do patrimônio cultural do município. Através de um amplo trabalho de inventário e registro da cultura e dos bens de interesse histórico da região, a Secretaria Municipal de Cultura tem fomentado programas de educação patrimonial como o “Cultura e Educação”, principalmente nas escolas e instituições de ensino.

Essa iniciativa tem se mostrado bastante eficaz, e é interessante notar como a população de Itapagipe valoriza sua cultura e seus patrimônios históricos. Algumas das antigas fazendas da região, como a Bom Jardim e a Córrego Fundo, são alvo constante de pesquisa dos alunos, além de receber a visita de curiosos moradores da região, todos interessados em conhecer melhor a história da cidade.

O caráter associativo e comunitário da população permanece o mesmo da época em que o lugar ainda se chamava Patrimônio de Santo Antônio do Lageado. Ao longo dos anos, seriam criadas várias organizações e associações, tanto religiosas, como as Filhas de Maria e a Sociedade São Vicente de Paula, quanto de lazer, como a Associação Recreativa Itapagipense, além de várias entidades ligadas ao campo artístico-cultural. Dentre as entidades assistenciais, destacam-se o Rotary, ACIITA, Sindicato, Cooperativa de Laticínios e COMEM, dentre outras, que muito têm feito pela população mais carente de Itapagipe. Além disso, com o passar dos anos, outras igrejas e entidades religiosas se instalariam no município além da católica. Dentre elas merecem destaque os evangélicos, espíritas e Testemunhas de Jeová, que também prestam importante auxílio no campo da assistência social.

Dentre as manifestações culturais de Itapagipe merecem destaque o Encontro de Bandeiras e Folias de Reis, todo dia 06 de janeiro, a Festa do Peão ou Expolta, que ocorre em maio, o Arraial do Lageado, em julho, e o Natal Comunitário. Nesses eventos, há apresentações da banda de música e de artistas locais, além de mostras e oficinas de artesanato e ação social. No entanto, a cultura local sempre foi mais influenciada pelas de São Paulo e do Centro-Oeste do que pela de Minas Gerais, visto que a região se encontra mais próxima desses estados tanto geográfica quanto economicamente.



Imagem 23 – Fotografia do início dos anos 2000, mostrando um desfile de carros de boi, evento tradicional da Festa do Peão

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 24, 25 e 26 – Essas três fotografias foram feitas no Encontro de Bandeiras de 2004. Esse evento é realizado desde 2001 pela Folia Caminho de Belém de Itapagipe, e conta com a participação de folias e grupos de congado de vários municípios da região.

Município de Itapagipe – MG. 2011



Atualmente, a atividade econômica mais importante do município continua sendo a agropecuária, com forte predomínio da criação de gado de corte e de leite. Aliás, esse setor se encontra hoje bastante industrializado. A maior área é ocupada por pastagens de colônião, e as lavouras ocupam cerca de 10% do território. Grande parte da produção agrícola ainda é feita na base da subsistência, e seus principais produtos são a soja, o feijão, o milho, o abacaxi, a laranja e o arroz. Mas esse campo também já começa a se industrializar. Pequenas criações de porcos e cabras também são comuns, e o recente incremento da atividade das granjas e abatedouros de aves também tem sido incentivado tanto pelo Poder Público local, quanto por empresas estrangeiras.

A instalação da Usina Itapagipe de beneficiamento de açúcar e álcool há cerca de dois anos tem promovido grandes avanços no cultivo da cana de açúcar na região. Esse setor oferece amplas perspectivas econômicas para a cidade, levando-se em consideração o que ocorreu com outros municípios próximos que o implementaram há mais tempo. Também existem planos de instalação de uma Usina de Biodiesel na região. O município conta hoje com uma população total de 13.656 habitantes, de acordo com o Censo realizado em 2010 pelo

IBGE. Está localizado na macrorregião do Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, e microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro, no Baixo Vale do Rio Grande. Sua extensão territorial é de 1.795,431 km² e o município faz divisa com os de Frutal, Comendador Gomes, Campina Verde e São Francisco de Sales, em Minas Gerais, e com Riolândia e Paulo de Faria, do outro lado do Rio Grande, já no estado de São Paulo. A BR-255 passa pela sede municipal, que dista de Belo Horizonte 681 Km, por rodovia.



Imagem 27 – Mapa de Minas Gerais, destacando o município de Itapagipe em vermelho
Município de Itapagipe – MG. 2011

03.1.2. HISTÓRICO DO LOCAL ONDE OCORRE A MANIFESTAÇÃO

As festividades juninas certamente são comemoradas em Itapagipe desde o início da ocupação daquela região, ainda em meados do século XIX. Nessa época, muitas das famílias que ali moravam eram devotas de Santo Antônio, e é bem provável que realizassem quermesses e festejos no dia do padroeiro, onde também comemoravam as colheitas e o início do cultivo da terra para a próxima lavoura. Essas comemorações tinham como palco as

fazendas e estâncias que coalhavam a região, reunindo familiares, vizinhos, amigos e trabalhadores num grande banquete coletivo.

A ereção da capela de Santo Antônio, iniciada em 1888, promoveria o desenvolvimento de um núcleo efetivo para o povoado. O Dia do Padroeiro então passaria a ser comemorado em quermesses realizadas no Largo da Capela ou em suas cercanias, atual Centro do município, e contavam com procissões e cerimônias religiosas pelo povoado.

Porém, estas comemorações eram mais litúrgicas do que populares e as festas juninas de fato, com seus arraiais e quadrilhas, continuariam sendo realizadas nas fazendas da região. Com o desenvolvimento do povoado, os bailes e quadrilhas juninas começaram a se tornar mais freqüentes também em espaços “privados”, como clubes e galpões emprestados.

Ao longo dos anos, as festas juninas seriam realizadas em vários espaços da cidade, principalmente nas escolas e instituições públicas. Além disso, como dito anteriormente, a comunidade que ali se desenvolveu sempre foi muito unida e participativa, sendo vários os exemplos de organizações e agremiações sociais, civis e religiosas que também promoviam seus próprios arraiais e festividades juninas.

Em 2001, a Prefeitura Municipal assumiu a promoção e realização de uma grande festa junina na cidade, unificando as comemorações já centenárias que ocorriam na região. Nascia aí o Arraial do Lageado, que desde então passaria a abrigar quadrilhas e apresentações de várias instituições públicas e privadas locais, e que agora teriam como palco a Praça da Matriz, centro da cidade.

Essa Praça começou a ser construída em 1956, junto com a atual Igreja Matriz de Santo Antônio. O terreno foi doado por Antônio Ferreira da Silva, mais conhecido como Nego Ximba e devoto do padroeiro, durante a administração de Jacomo



Imagem 28 – Fotografia tirada no início dos anos 1960, quando as obras na Matriz já se encontravam bastante adiantadas.

Município de Itapagipe – MG. 2011

Agreli (1952 - 1955). Nessa ocasião, a Comissão Construtora organizada entre os moradores para erigir a igreja também foi responsável pelos primeiros esboços da Praça como a conhecemos hoje. Quirino Ferreira de Menezes, o Quirino Lau, era o líder desse movimento e, pouco depois, seria eleito prefeito de Itapagipe (1959-1962). O prefeito anterior, Amador Rodrigues Chaves, já havia aprovado a Lei nº 38, datada de 17 de fevereiro de 1957, que concedia auxílio financeiro, material e de mão de obra para a construção do novo templo. Depois de Quirino, Jair Assis assumiria a liderança da comissão.

O projeto da Igreja Matriz ficou a cargo de Guilherme Rodriguez de Oliveira, que não era engenheiro, mas era construtor licenciado pelo CREA. Evaristo Moura Soares, que depois seria vereador por cinco mandatos, começou a trabalhar nas fundações e no piso de mosaico da igreja em 1956. Hiroshi Suenaga, que era um mestre de carpintaria japonês morador na região, construiu os arcos da Matriz e seu discípulo, Belchior Luiz da Silva, fez o madeiramento do teto em 1959.

A comunidade participaria ativamente dessa iniciativa tanto através de doações de dinheiro quanto se envolvendo efetivamente na obra. Além disso, os vitrais, bancos e grande parte dos móveis e ornamentos do templo foram doados por famílias da região. Os bancos da praça, assim como alguns de seus equipamentos urbanos, também foram doados pelos moradores, e muitos trazem inscritos os nomes dos doadores, de suas famílias ou de seus estabelecimentos comerciais (com endereço).

A designação Praça da Matriz seria estabelecida através da Lei nº 39, que dispunha sobre a denominação das vias e praças públicas do município. Porém, a delimitação do terreno que essa Praça ocuparia, assim como sua efetiva construção, se daria apenas em 1962, através da Lei nº 77, de 29 de dezembro desse mesmo ano. A implantação do busto de ferro em homenagem ao Quirino Lau também se daria nessa época. Porém, não foram encontradas informações sobre as autorias desse busto ou do projeto da Praça.

A Praça da Matriz foi finalizada durante o primeiro mandato do prefeito Gilberto Soares (1966 – 1970). Nessa época, Antônio Fernandez da Silva, apelidado Tuniqum, instalou em frente à Matriz a estátua de Santo Antônio, que passaria a receber homenagens durante o Dia do Padroeiro.

Balizado pelas Ruas Oito e Dez e pelas Avenidas Cinco e Sete, o entorno da Praça começaria a se consolidar nessa época, com a construção do prédio da Câmara Municipal (iniciado em 1962) e da Casa Paroquial (1968). A pavimentação das vias urbanas centrais

começaria em 1967, durante o mandato de Gilberto Queiroz à frente do Executivo Municipal (1967-1971).

A Matriz seria inaugurada somente no dia 17 de junho de 1973, mesma data em que seria criada a Paróquia de Santo Antônio de Itapagipe, oficializada por Dom José Pedro da Costa, Arcebispo de Uberaba. A Praça da Matriz então já exibia suas feições atuais, sendo o centro da cidade e passando a abrigar a maioria das festividades e cerimônias públicas e religiosas no município a partir daí.

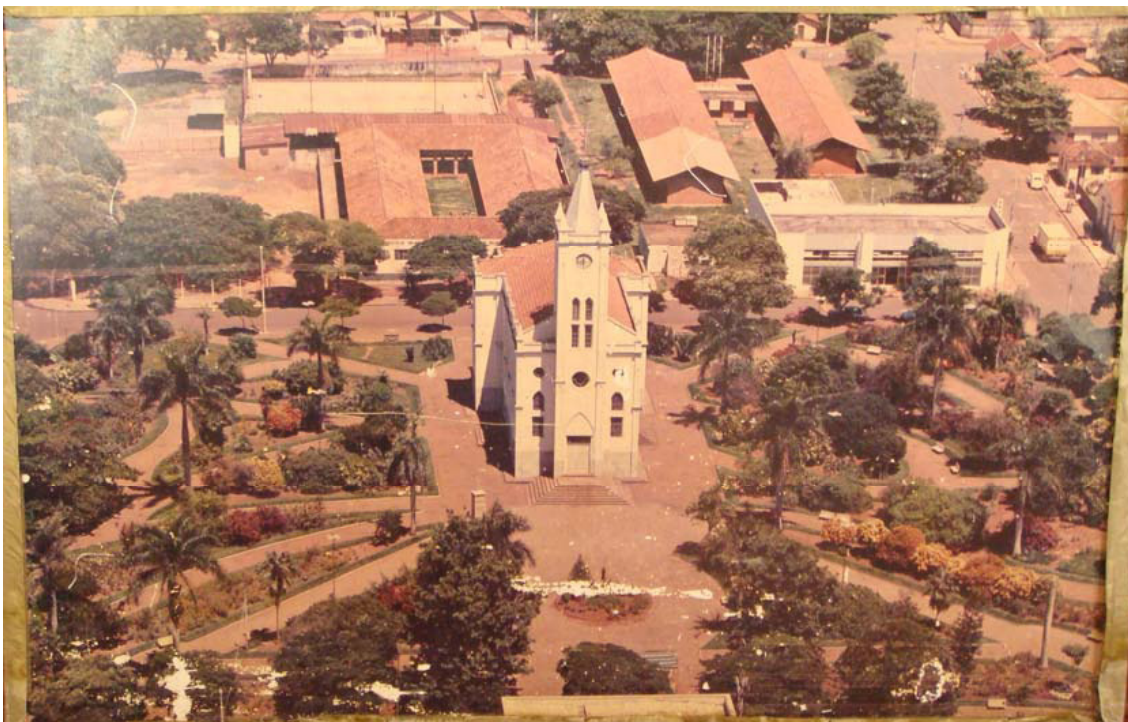


Imagem 29 – Vista aérea da Praça da Matriz nos anos 1970
Município de Itapagipe – MG. 2011

Em 1977, o prefeito Antônio Gonçalves ampliaria a Praça, construindo também os banheiros públicos. A imagem do padroeiro parece ter sido instalada nessa época. O imóvel que serve ao Banco do Brasil foi construído em 1982.



Imagem 30 – Fotografia tirada em junho de 2011, mostrando os banheiros públicos localizados do outro lado da Av. Sete

Município de Itapagipe – MG. 2011

Em 1987, teve início a construção do prédio que atualmente é o centro administrativo de Itapagipe, abrigando a Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores e o Fórum. Idealizado e projetado pelo engenheiro Nagib Maluf no mandato de Gilberto Queiroz (1983-1988), o imóvel seria finalizado em 1992, já na gestão seguinte, a segunda de Antônio Gonçalves de Paula à frente do Executivo Municipal.



Imagem 31 – Vista aérea da Praça da Matriz (com o Norte deslocado), retirada do programa Google Earth em agosto de 2011. No centro da imagem temos a Igreja Matriz de Santo Antônio, circundada pela praça. A seta amarela mostra a sede administrativa municipal. A seta azul mostra a Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva”. A seta vermelha destaca a Escola “Alonso de Moraes” e a seta laranja mostra o prédio do Banco do Brasil

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 32 – Vista geral da Praça e da Matriz de Santo Antônio em junho de 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

Apesar de hoje já ser o palco tradicional do Arraial do Lageado, a Praça da Matriz não foi construída para abrigar eventos desse tipo e nem se mostra apropriada para tanto. Isso fica claro durante a festa, onde muitas das barraquinhas e a maioria do público ficam sobre os seus jardins, que precisam ser revitalizados depois do evento. Além disso, ao longo dos anos o Arraial do Lageado se tornou muito famoso na região, atraindo um público maior a cada edição, o que acaba agravando esse cenário.



Imagem 33 e 34 – Essa duas fotos foram tiradas durante o Arraial do Lageado 2011 e mostram as barraquinhas montadas sobre os jardins da Praça da Matriz. A foto à esquerda destaca a área de alimentação, enquanto que a da direita mostra a montagem dos estandes de venda
Município de Itapagipe – MG. 2011

Segundo Anderson Paulo Franco dos Santos, Secretário Municipal de Cultura, apesar de a cidade contar com espaços mais apropriados para festividades desse tipo, como a Vila Olímpica “Mário de Assis” e o Parque de Exposições “Homero Santos”, a população não gosta da idéia de tirá-la da Praça, justamente por causa da tradição iniciada em 2001. Porém, um grande Centro de Eventos está sendo construído na cidade e, ainda de acordo com o Anderson, a proposta é levar o Arraial do Lageado para lá assim que ele estiver pronto.

A Praça da Matriz abriga a festa em si e suas apresentações e barraquinhas, mas o Arraial do Lageado se inicia mesmo é nas escolas e instituições que participam da festa. É nesses lugares que os quitutes, guloseimas e artesanatos são preparados, assim como as quadrilhas e apresentações são ensaiadas.

Mas nem todas as entidades participantes realizam apresentações, e muitas apenas produzem e vendem quitandas e produtos artesanais no Arraial. Em 2011, por exemplo, isso ocorreu com o SESU, a Comunidade do Cachoeirão, a Paróquia Santo Antônio, o Pós-médio, o PROARTI, o CEREJA, o Abrigo “Jerônimo de Paula Assunção”, o Projeto Acordar, a Creche Municipal “Marina Costa Camargo” e o CMEI “Profa. Alice Nogueira Andrade”. Nesse mesmo ano ocorreram apresentações da APAE, do CRAS “Vovô Valentin” e da Creche “Jane Franco”.

Nesse ponto, independente da forma de participação no evento, cabe ressaltar o grande empenho e interesse não só dos funcionários e públicos dessas instituições como, principalmente, da comunidade em geral, que muito se esforça e contribui para a realização do Arraial do Lageado.



Imagem 35 e 36

Imagens 35, 36, 37, 38 e 39 – Esse conjunto de imagens apresenta algumas das instituições que participam do Arraial do Lageado. A foto acima à esquerda mostra a Creche Municipal “Marina Costa Camargo”; acima à direita aparece o CMEI “Profa. Alice Nogueira Andrade”. Ao lado temos a Creche Municipal “Jane Franco”. Abaixo aparecem o Abrigo “Jerônimo de Paula Assunção” à esquerda e a sede da APAE à direita.
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 37



Imagem 38 e 39

Nesse contexto, algumas das escolas da cidade se destacam, principalmente pelo grande número de funcionários e alunos mobilizados para o evento e suas apresentações. A seguir são apresentados os históricos de algumas dessas instituições:

Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva”

A Escola Municipal Gil Brasileiro da Silva foi autorizada a funcionar pela Portaria SEE nº 007, datada de 05 de março de 1981, atendendo alunos do Ensino Fundamental. Porém, tudo indica que a instituição já funcionava antes dessa data, visto que o prédio onde ela está instalada até hoje, iniciado na gestão do prefeito Gilberto Queiroz (1966-1970) e concluído na de Jerônimo Amorim (1971-1972), sempre serviu como escola. No entanto, é em 1981 que a escola recebe sua denominação atual.

Seu nome é uma homenagem a Gil Brasileiro da Silva, que foi um dos primeiros professores contratados pelo município. Nascido no Lageado no dia 19 de julho de 1902, Gil iniciou seus estudos nessa região, tendo completado sua formação provavelmente em Frutal. Como professor contratado, ele lecionaria principalmente na zona rural de Itapagipe, onde teria importante papel no desenvolvimento do sistema de ensino local. Além de professor dedicado, Gil também era artesão e auxiliar de serviços de agrimensura. Também foi um dos fundadores da Sociedade São Vicente de Paulo e da Legião de Maria, ambas em Itapagipe. Ele faleceu no dia 05 de abril de 1975.

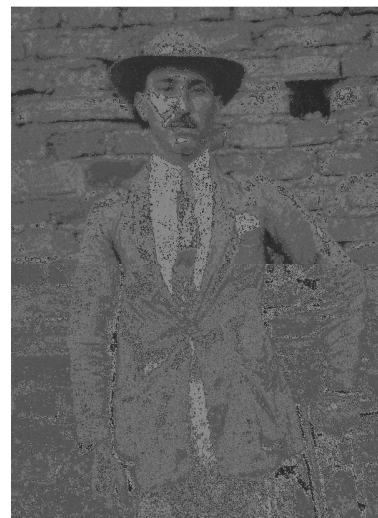


Imagem 40 – Gil Brasileiro da Silva
Município de Itapagipe – MG. 2011

Durante as décadas de 1980 e 1990, a Escola receberia algumas melhorias, mas não foram encontrados muitos registros sobre esse período. Parece que no início dos anos 2000 a instituição deixou de oferecer o Ensino Fundamental, que teria seu reinício autorizado através da Portaria nº 256, de 25 de março de 2003. Porém, não foram encontradas maiores informações sobre o motivo dessa Portaria.

Em 2009, já no segundo mandato consecutivo de Benice Nery Maia à frente da Prefeitura Municipal, a Escola seria inteiramente reformada e ampliada. No ano seguinte, Neide Araujo Barbosa assumiria a direção da entidade, permanecendo no cargo até hoje. Neide é natural do município, sendo professora aposentada pelo Estado. Ela também é preceptora do curso de Pedagogia da Universidade de Uberaba.

A Escola hoje atende sete turmas no período matutino e oito no vespertino, além de contar com uma sala em período integral e abrigar 386 alunos do 1º ao 5º ano, divididos em oito salas de aula. A infra-estrutura é boa, contando com quadra poliesportiva coberta e sala de informática, além de possuir completo aparato multimídia. A instituição conta hoje com quarenta e dois funcionários, sendo que dezoito são professores. A estrutura da Escola também é utilizada por dois cursos da UNIPAC, além de servir a alguns cursos profissionalizantes como: curso preparatório para máquinas pesadas, curso de inglês, curso de beleza, preparatório para concursos (Microlins) e preparatório para exames de carteira de motorista, dentre outros.

Segundo Neide, a Escola está sempre aberta à comunidade, emprestando salas e dependências aos interessados e, durante os eventos ocorridos na Praça da Matriz, serve de ambulatório e posto policial. Ela aponta que a comunidade também se mostra muito participativa na manutenção das dependências e no auxílio das atividades desenvolvidas pela Escola.

Os funcionários se mostram muito atenciosos e comprometidos. O contato com os pais é freqüente e, anualmente, são realizadas duas assembléias gerais para os debates e trocas de informações, além de reuniões bimestrais entre pais e mestres. Além disso, os pais têm total liberdade para conversar com os professores. A Escola também conta com o auxílio de duas coordenadoras pedagógicas. Como forma de reforçar a participação das famílias nas atividades da escola também são desenvolvidos os projetos Dia das Mães (que conta com desfiles e apresentações), e o Família na Escola.

A Escola é mantida com recursos do Município, mas muitas vezes o dinheiro é pouco para as demandas – como na maioria das instituições públicas. Os funcionários então promovem eventos e iniciativas que visam complementar essa renda. Além disso, durante os eventos e festas da cidade, como o tradicional Arraial do Lageado, a Escola monta barraquinhas para vender quitutes e bebidas, e a renda obtida nessas ocasiões ajuda a manter e melhorar as instalações.



Imagens 41 e 42 – Essas duas fotos mostram a entrada da Escola “Gil Brasileiro da Silva”. Na da direita alunas fazem pose em frente ao corredor lateral do prédio
Município de Itapagipe – MG. 2011

Escola Estadual “Alonso de Morais Andrade”

A Escola Estadual “Alonso de Morais Andrade” foi criada pelo Decreto nº 5355, datado do dia 18 de dezembro de 1957. Seu nome homenageia Alonso de Morais Andrade, primeiro prefeito de Itapagipe, e que foi morto em 1956, quando iniciava seu segundo mandato.

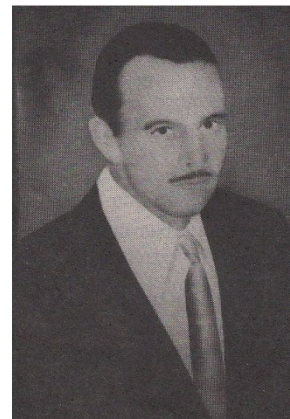


Imagem 43 – Alonso de Morais
Andrade
Município de Itapagipe – MG.

Porém, devido à falta de alunos e professores, a Escola só começaria a funcionar efetivamente em maio 1967, como um desdobramento da Escola Estadual Santo Antônio, então única instituição de ensino pública de Itapagipe. A então Delegada de Ensino da região, Geni Chaves, e o prefeito Gilberto Queiroz tiveram grande participação nessa empreitada. A primeira diretora foi Maria do Rosário Afonso Amorim, que exerceu o cargo até 1987, e muitos dos professores e alunos vieram da Escola Santo Antônio.

Durante os anos iniciais, a Escola não possuía prédio próprio, funcionando em um imóvel alugado na Avenida Nove. Em 1976, a instituição foi transferida para o Ginásio Municipal, então cedido pela Prefeitura. Porém, no ano seguinte, já no mandato de Antônio Gonçalves de Paula, o poder público retomaria o Ginásio sob a promessa de construção de um novo prédio para a Escola, cujas verbas já haviam sido liberadas pelo governo estadual. No entanto, a entidade ficaria sem local para funcionar até que o novo prédio ficasse pronto.

Para evitar que ela parasse, Maria do Rosário e seu marido, Jerônimo Amorim, ex-prefeito da cidade, construíram três salas de aula no quintal de sua casa, localizada na Rua Dez. Ali a Escola funcionaria, mesmo que de forma precária e com o calendário atrasado, até a construção do imóvel atual, iniciado ainda em 1977. Localizado também na Rua Dez, esse novo edifício foi inaugurado em janeiro de 1979.

Nessa época, a Escola atendia alunos de 1º a 4º séries do Ensino Fundamental e da pré-escola. Em 1986, a Escola Alonso de Morais Andrade passaria a oferecer também o Ensino Médio, de acordo com o Decreto 2.596, de 13 de fevereiro de 1986. No ano seguinte, seria implantado o Curso Técnico em Contabilidade, através do Decreto 1.039, de 11 de março de 1987. Nesse ano, a Diretoria da Escola seria assumida por Zarif Silva Martins, que ficou no cargo até janeiro de 2000.

Em 1988, a rede de ensino da cidade foi reestruturada e o Ensino Fundamental foi municipalizado. Nesse mesmo ano, a Escola Alonso de Moraes Andrade passaria a oferecer aulas de 5ª a 8ª séries, autorizadas pela Resolução 6.483, de 03 de agosto de 1988. A pré-escola seria municipalizada em 1993.

Em 2000, Sonia Maria Rezende assumiria a Diretoria da Escola que, então, já contava apenas com o Ensino Médio Regular. Em 2002, durante o governo estadual de Itamar Franco, o prédio seria inteiramente reformado e ampliado, recebendo várias melhorias. Toshiyuki Oizumi, atual diretor da Escola, assumiu o posto em agosto de 2009.

Assim como ocorre na maioria das instituições de ensino de Itapagipe, os professores e funcionários da E. E. “Alonso de Moraes Andrade” também são muito atenciosos e comprometidos com a educação dos alunos, buscando sempre o contato e a participação da família nesse processo. Além disso, a interação com a comunidade é constante, principalmente através de ações ligadas à formação social dos jovens itapagipenses e da erradicação do atraso no processo educacional de adultos, como o projeto “A Caminho da Cidadania”, iniciado em 1998.



Imagem 44 – Vista de parte da Escola Estadual “Alonso de Moraes Andrade”

Município de União de Minas – MG. 2011

A Escola Alonso é mantida pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, além de outros convênios. No entanto, como em muitas instituições públicas, algumas vezes o dinheiro não é suficiente para arcar com tudo de que a instituição necessita. Os funcionários então promovem eventos e iniciativas que visam complementar essa renda. Além disso, durante os eventos e festas da cidade, como o tradicional Arraial do Lageado, a Escola monta barracões para vender quitutes e bebidas, e a renda obtida nessas ocasiões ajuda a manter e melhorar as instalações.

Escola Estadual Santo Antônio

A Escola Estadual Santo Antônio é a mais antiga instituição de ensino pública de Itapagipe. Ela começou a funcionar em 1952, por iniciativa do primeiro prefeito municipal eleito pela cidade, Alonso de Moraes Andrade. Com o nome de Escolas Reunidas “Santo Antônio”, a instituição ministrava aulas do antigo 1º Grau (hoje desmembrado em Ensinos Básico e Fundamental). Ela seria estadualizada através do Decreto nº 4.819, datado de 03 de dezembro de 1955, quando o governador do Estado era Milton Campos.

Nessa época, a escola funcionava em um imóvel alugado pela Prefeitura Municipal, mas não foi possível precisar sua localização. Em 1963, um prédio pré-fabricado foi construído para abrigá-la, e a escola foi renomeada como Grupo Escolar Santo Antônio. Em 1967, esse Grupo cederia salas, alunos e professores de oito classes para a instalação do Grupo Escolar “Alonso de Moraes Andrade”.

Inaugurado em 1979, o prédio atual da Escola Estadual Santo Antônio, localizado na Avenida Seis nº 907, foi iniciado pela Prefeitura Municipal no mandato de Antônio Gonçalves de Paula. O governador Francelino Pereira também liberou recursos para essa iniciativa. A Escola atendia alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. No ano seguinte o ensino seria



Imagem 45 – Vista da entrada da Escola Estadual Santo Antônio
Município de União de Minas – MG. 2011

estendido até a 8ª série, mas as novas turmas tiveram de ser alojadas em um imóvel cedido pela Prefeitura, pois o prédio não comportava mais salas de aula.

Jurani Gonçalves Lima, que era diretora da Escola Estadual Santo Antônio em 1983, conta em seu livro⁸, nessa época, requereu junto ao então governador Francelino que implantasse o Ensino Médio nessa escola. Itapagipe ainda não contava com escolas desse nível de ensino. O governador aceitou o pedido e prometeu a implantação do antigo ensino de 2º Grau ali, o que realmente ocorreu no ano seguinte na cidade, só que na Escola Estadual “Alonso de Moraes Andrade”. Jurani alega que isso ocorreu devido a desavenças políticas entre o prefeito Gilberto

⁸ LIMA, Jurani Gonçalves. (org.). *Nossa História*. Prado: Capital, 1993. v.1, pag. 174.

Queiroz e o governador Hélio Garcia. O governo teria autorizado o funcionamento na Escola Santo Antônio, mas a Prefeitura decidiu instalá-la na Escola Alonso. Porém, isso não pôde ser confirmado.

Ao longo dos anos, a E. E. Santo Antônio certamente recebeu reformas e ampliações, mas destas não foram encontrados maiores informações. Seu atual vice-diretor é o Ademir Gonçalves Ferreira, figura tão importante quanto à própria Escola Santo Antônio na criação do Arraial do Lageado como o conhecemos hoje.

Em 2001, a festa junina realizada por essa Escola era uma das maiores e mais tradicionais da cidade. Alguns de seus funcionários então decidiram procurar a Secretaria Municipal de Cultura e Educação propondo a criação de um grande arraial “municipal”, com espaço para todas as entidades e instituições que já faziam suas próprias quadrilhas juninas. Ocorre que o Secretário de então era o Ademir, que abraçou a causa com o maior entusiasmo⁹.

Assim como ocorre nas outras escolas do município, os funcionários e professores da Escola Estadual Santo Antônio também se mostram muito zelosos e comprometidos com a educação dos alunos, e sempre procuram integrar as famílias ao processo educacional. A interação com a comunidade é constante, principalmente através da realização de eventos, festividades e programas de educação e inserção social.

Escola Municipal “Pedro Gonçalves Ferreira”

A Escola Estadual “Pedro Gonçalves Ferreira” foi criada pelo Decreto nº 31.491, de 05 de julho de 1990. Sua criação foi obra do prefeito Antônio Gonçalves de Paula e de Jurani Gonçalves de Lima, que haviam conseguido a verba para construção de uma escola de Ensino Fundamental junto ao Ministro da Educação, Carlos Santana. O terreno foi desapropriado em 1989 e logo tiveram início as obras, também financiadas pela Prefeitura Municipal.

Nessa época, a Escola era mantida pelo governo estadual, e foi fundada para atender principalmente aos moradores das regiões da COHAB, Alto da Saudade e



Imagem 46 – Pedro Gonçalves Ferreira
Município de Itapagipe – MG. 2011

⁹ Esse caso está exposto de maneira mais aprofundada no tópico sobre o Desenvolvimento da Atividade Cultural deste Dossiê de Registro.

Avenida 23. Posteriormente, em janeiro de 1998, ela seria municipalizada através da Resolução nº 9218/98 e da Lei Municipal nº 22, de 25 de novembro de 1997. Ainda em janeiro de 1998, a agora Escola Municipal Pedro Gonçalves Ferreira seria transferida para o imóvel atual, localizado na Avenida Dez, nº 1111.

Seu nome foi proposto por Antônio Gonçalves de Paula, e homenageia um importante líder político e um dos mais antigos professores da região. Nascido no Lageado em 1874, Pedro Gonçalves Ferreira se tornaria o principal líder político do antigo Patrimônio de Santo Antônio do Lageado durante as primeiras décadas do século XX. Foi ele quem administrou a localidade durante os conturbados anos 1930 e suas revoluções políticas, principalmente as revoltas paulistas a partir de 1932. Foi também um dos principais responsáveis pela elevação do povoado a Distrito de Frutal, o que ocorreu em 1938, mesmo ano de sua morte.

Essa escola conta hoje com 368 alunos de 1ª à 5ª séries, divididos entre os períodos matutino e vespertino, além de possuir algumas turmas em período integral. Sua Diretora é Aparecida de Jesus Jorge Garcia.

A E. M. “Pedro Gonçalves Ferreira” é mantida pela Secretaria Municipal de Educação, além de outros convênios, mas, como na maioria das instituições de ensino públicas, na maior parte das vezes o dinheiro não é suficiente e os funcionários promovem eventos e iniciativas que visam complementar essa renda. Além disso, durante os eventos e festas da cidade, como o tradicional Arraial do Lageado, a escola monta barraquinhas para vender quitutes e bebidas, e a renda obtida nessas ocasiões ajuda a manter e melhorar as instalações.



Imagem 47 – Vista geral da entrada da Escola Municipal “Pedro Gonçalves Ferreira”
Município de Itapagipe – MG. 2011

03.2. DO OBJETO

03.2.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Como muitas festas populares, as comemorações de junho remontam a épocas antiquíssimas, ainda nos primórdios da civilização. O surgimento da agricultura e a domesticação de animais teriam enorme impacto no desenvolvimento da civilização. Muito além de apenas alimentar a humanidade, essa nova forma de relação com a natureza daria origem a inúmeras crenças e ideários místicos, complexos e cheios de simbolismos.

Para as sociedades antigas, os fenômenos naturais, assim como a vida em geral, estavam relacionados a deuses e entidades mágicas diversas. A fartura ou a escassez das colheitas e a saúde das criações estavam ligadas à vontade desses seres mitológicos. Assim, para agradá-los e garantir uma boa safra, as sociedades passaram a realizar festejos em sua homenagem, tanto na época do cultivo da terra quanto na das colheitas. Praticamente todas as culturas conhecidas possuíam deuses ou entidades ligadas à natureza e à fertilidade, a quem dedicavam grandes rituais, cerimônias e festividades.

No hemisfério norte, o mês de junho corresponde ao solstício de verão, a partir do qual os dias se tornam mais longos e quentes, ou seja, mais propícios ao cultivo da terra. Por isso mesmo, esse período do ano passou a ser mais relacionado aos deuses da fertilidade e da natureza. No hemisfério sul, esse período corresponde ao inverno, mas o sentido é o mesmo.

Para os incas, o Solstício de Inverno marcava um novo ano, e era época da Festa do Sol, ou Inti Raymi, onde se comemorava a colheita do milho. Os egípcios realizavam o Festival da Queima das Lanternas, em honra às divindades Isis, Neith e Hathor, responsáveis pela união, o amor e a fertilidade. Para os celtas, povo que viveu em partes da Europa Ocidental e que ainda hoje atrai seguidores de sua cultura, o solstício de verão é época do Alban Heilim, cerimônia que exalta o fogo como símbolo da vida e da purificação. Os gregos dedicavam



Imagem 48 – Foto de uma cerimônia inca, revivida nos dias atuais, em homenagem ao Solstício de Inverno na América do Sul
Município de Itapagipe – MG. 2011

esse período a Adônis, considerado o espírito dos cereais e da fertilidade, e lhe rendiam rituais e oferendas. Os romanos adotaram o mesmo panteão de divindades gregas, mas mudaram os nomes e algumas invocações. Para eles, o solstício de verão era época de Juno, esposa de Júpiter, deusa da fertilidade e da fidelidade, e cujo nome batizaria esse mês no calendário romano.



Imagens 49 e 50 – A foto à esquerda mostra uma cerimônia da Ordem dos Druidas, de inspiração céltica, realizada no monumento de *Stonehenge*, na Inglaterra, em homenagem ao solstício de verão. A foto da direita mostra uma tradicional dança da Bielorrússia em homenagem ao mesmo evento.

Município de Itapagipe – MG. 2011

O crescimento do cristianismo a partir do século IV, quando essa religião é abraçada por Roma, iniciaria um grande processo de homogeneização e formatação das comemorações religiosas no Ocidente. Assim como muitas das cerimônias e festividades ligadas à agricultura, as comemorações do solstício de verão/inverno já se encontravam bastante enraizadas nas sociedades antigas. E estas não abraçariam o cristianismo e o monoteísmo tão plenamente sem que identificassem neles aspectos de suas tradições. Então, muitas das crenças e rituais considerados pagãos passaram a ser gradativamente ligados à figura de santos e transfigurados em ritos católicos, cujo calendário seria adotado por todo o Ocidente conhecido.



Imagens 51 e 52 – A foto à esquerda mostra uma comemoração do Solstício de Verão na Letônia, região ainda muito apegada à tradição agrícola da festa. À direita vemos a celebração desse mesmo evento na Suécia.

Município de Itapagipe – MG. 2011

O Império Romano cairia pouco depois, mas o catolicismo assumiria a liderança letrada e espiritual na Europa. Essa religião dominaria a vida cotidiana durante toda a Idade Média, moldando costumes e tradições que, ao longo dos anos, tornar-se-iam seculares. As cerimônias e ritos em homenagem aos santos católicos seriam muito difundidos, principalmente entre os camponeses.

O dia 24 de junho já era consagrado a São João Batista¹⁰ nessa época e, a partir do século XIII, as comemorações juninas seriam ampliadas, passando a contar com os festejos em homenagem a Santo Antônio¹¹, dia 13, e a São Pedro¹², no dia 29.

Essa trinca se tornaria padroeira das festas juninas dali pra frente, chegando até os dias atuais. Algumas reminiscências e simbolismos pagãos permaneceriam, mas ressignificados pelo catolicismo. A tradição da fogueira, por exemplo, ganhou contornos cristãos ao ser relacionada à figura de Isabel, mãe de São João Batista, que teria se utilizado desse artifício para avisar sua prima Maria de seu nascimento.

O solstício de verão/inverno agora era época de louvor aos santos juninos, e a antiga ligação com a terra começa a perder seu sentido original. Mas essas festividades ainda guardavam grande proximidade com os rituais antigos, e, por isso mesmo, tinham um caráter mais “agrário e festivo” e menos litúrgico.

Porém, entre os séculos XII e XIV, as comemorações juninas seriam adotadas pelas cortes européias, ganhando ares mais sofisticados. Alguns estudos apontam que esse movimento teria se iniciado na França, tendo sido adotado pelas cortes inglesas ainda no período da Guerra dos Cem Anos¹³, mas o assunto ainda gera discussões. Seja como for, é nesse contexto que nasceria a famosa “contradança”, origem da quadrilha moderna. Segundo alguns autores, seu nome é o afrancesamento do termo inglês *country dance*, ou dança regional, em alusão à sua origem camponesa.

¹⁰ De acordo com o Evangelho de São Lucas, João Batista era filho do sacerdote Zacarias com Isabel, prima de Maria, mãe do Cristo. Tornou-se Profeta e é considerado por algumas correntes religiosas como o antecessor direto de Jesus, a quem teria batizado no Rio Jordão. Ele introduziria o batismo como ritual de conversão ao judaísmo, que mais tarde seria adotado também pelo cristianismo.

¹¹ Nasceu **Fernando Martin de Bulhões, em Lisboa, Portugal, em 1195. Foi educado em Coimbra, onde ingressou na Ordem de Santo Agostinho. Mais tarde, ele se mudaria para a Ordem dos Franciscanos. Conhecido pela grande oratória e pela pregação eloquente, Santo Antônio, como ficou conhecido mais tarde, assumiria importantes cargos administrativos da Igreja Católica na Itália e depois novamente em Portugal. Faleceu no Oratório de Arcela, arredores de Pádua, em 1231. Tido como grande exemplo de vida, foi canonizado já no ano seguinte pelo Papa Gregório IX. Em 1946, Pio XII o elege Doutor da Igreja, com o título de "Doutor Evangélico".**

¹² São Pedro não necessita de grandes apresentações. Apóstolo de Cristo, ele seria o fundador, junto com São Paulo, da Igreja Apostólica Romana, e é considerado o primeiro Papa Católico.

¹³ Série de conflitos armados entre os Reinos da França e da Inglaterra, entre os séculos XIV e XV.

Esse tipo de dança com vários pares logo tomaria conta dos bailes e salões nobres europeus, sobretudo em seu formato francês: cinco partes, em compassos que variavam de 6/8 a 2/4, dependendo da parte que estava sendo dançada, terminando sempre em um galope, que normalmente atravessava o salão. Os pares executam a dança numa coreografia frente a frente.

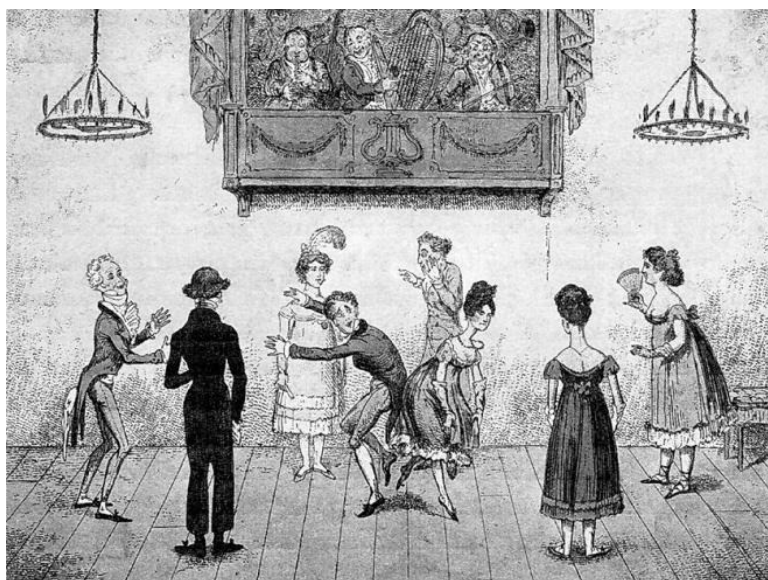


Imagem 53 – A gravura "Dos à Dos - Accidents in Quadrille Dancing", de George Cruikshank, feita em 1817, mostra a quadrilha da corte de forma caricatural
Município de Itapagipe – MG. 2011

A *quadrille* surge como uma leitura francesa da contradança, e se tornaria muito comum nas cortes dos séculos XVIII ao XIX. Ela inicialmente era composta por quatro casais - daí seu nome - que dançavam em compasso ritmado e coreografado. Esse estilo seria trazido para o Brasil pela corte portuguesa que, ironicamente, veio para a colônia em 1808 fugindo justamente de Napoleão Bonaparte, imperador da França. Pelo menos na dança e nos modos e modas de corte o general francês conquistaria a coroa portuguesa!

A essa altura, as características camponesas já não apareciam mais nessas comemorações, pelo menos não nas cortes. Porém, no campo e nas áreas rurais ela ainda seria bastante presente, tendo reflexos até hoje. Além disso, com o tempo, o sincretismo religioso tratou de misturar os rituais religiosos juninos à alegria das antigas festividades pagãs, conferindo ao mês de junho um colorido todo especial.

Portugal foi uma das nações onde essa mistura se deu de forma mais dinâmica e popular no contexto europeu, e isso se refletiria na diversidade cultural de suas colônias ultramarinas.

Em especial no Brasil, onde o sincretismo religioso se daria de forma ainda mais pungente, assim como a miscigenação e a mistura cultural.



Imagens 54 e 55 – Essas duas fotografias são de 2010, e mostram aspectos diferentes da festividade do Solstício de Verão em Portugal, comemorado no dia 21 de junho. É interessante notar que a foto da direita mostra os sacrifícios oferecidos aos deuses nesse dia, o que demonstra um retorno às antigas tradições pagãs de comemoração do Solstício

Município de Itapagipe – MG. 2011

Como ressaltou Gilberto Freire, *“um catolicismo ascético, ortodoxo, entrvando a liberdade aos sentidos e aos instintos de geração teria impedido Portugal de abarcar meio mundo com as pernas. As sobrevivências pagãs no cristianismo português desempenharam assim importante papel na política imperialista. As sobrevivências pagãs e as tendências para a poligamia desenvolvidas ao contato quente e voluptuoso com os mouros”*¹⁴.

Quando os portugueses aqui chegaram, tomaram contato com culturas completamente diferentes das então conhecidas, em praticamente todos os aspectos. Porém, em pelo menos um ponto essas civilizações se aproximavam: a mistificação do Solstício de Verão/Inverno e a consequente comemoração e ritualização desse período do ano.

Assim como nas culturas européias, o ideário indígena também era povoado por deuses e seres mágicos, principalmente ligados à fertilidade da terra e à natureza. E essas sociedades também possuíam ritos e cerimônias seculares em homenagem a eles durante essa época do ano, quando comemoravam as colheitas passadas e o cultivo da terra que se inicia.

Com suas fogueiras, rezas, cânticos, oferendas e banquetes coletivos, essas festividades se assemelhavam aos cultos pagãos europeus, e logo passariam a servir como meio de

¹⁴ FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Ed Record, Rio de Janeiro, 1995, pag. 250. O termo mouro utilizado pelo autor refere-se aos árabes e muçulmanos, que dominaram a Península Ibérica até o século XII e que muito influenciaram as culturas portuguesa e espanhola.

cristianização e aculturação dessas sociedades. Foram os missionários jesuítas¹⁵ que enxergaram na música e nas festividades religiosas meios extremamente eficazes de conversão dos povos indígenas, e a consequente identificação destes com o cristianismo e o universo cultural europeu. Nesse contexto, as tradicionais comemorações juninas cristãs, por sua alegria e seu caráter agrário-festivo, seriam as de maior sucesso entre os índios.

A introdução dos escravos africanos nos grandes engenhos de açúcar do nordeste acrescentaria mais lenha a essa fogueira cultural, e teria enorme influência na formação da sociedade brasileira. Principalmente após as descobertas auríferas nas Minas Gerais, que incrementariam enormemente a importação de cativos.

Trazidas pelos escravos, as crenças, mitos, ritos e batuques das culturas africanas também seriam gradativamente ressignificados dentro do catolicismo português¹⁶. Essa ressignificação se daria nos dois lados: os negros se utilizariam dela como forma de camuflagem, mantendo suas crenças e tradições, mas com “rostos” católicos; já a Igreja Católica buscaria criar um processo de identificação desses africanos com seus dogmas, o que ajudava na conversão dos “gentios”.

Além disso, ainda de acordo com Gilberto Freire, a carência de mulheres européias na colônia, a “voluptuosidade” das índias e das cativas africanas, e a necessidade de povoamento da região de certa forma justificam a tolerância da sociedade e a falta de escrúpulos do catolicismo na Colônia, principalmente durante as promíscuas festas juninas. Isso explicaria a grande difusão no Brasil colonial do culto aos oragos ligados à fertilidade, fecundidade e amor, como Santo Antônio, São João, São Pedro, o Menino Jesus, N. Sra. do Bom Parto etc. ...

A imagem de Santo Antônio como casamenteiro viria daí, assim como muitas das simpatias a ele dedicadas. São João também já teve esta fama, como nos lembra Gilberto Freire:

“Uma das primeiras festas, meio populares, meio de igreja de que nos falam as crônicas coloniais do Brasil é a de São João já com fogueiras e danças. Pois as funções deste popularíssimo santo são afrodisíacas; e ao

¹⁵ Fundada pelo padre Inácio de Loyola em 1534, a Companhia de Jesus chegaria ao Brasil em 1549, onde teria enorme importância na difusão do cristianismo e na conversão dos indígenas. A obra realizada em suas Missões, aldeamentos de indígenas padronizados e extremamente organizados, e sua influência na formação sócio-cultural colonial impressionam até hoje e, no século XVIII, provocariam apreensão na corte portuguesa. Por isso mesmo, os jesuítas seriam expulsos do Império Ultramarino Português em 1759, por ordem do Marquês de Pombal.

¹⁶ Alguns exemplos disso são o culto a Santa Efigênia, ou Ifigênia, derivado de uma antiga lenda africana adaptada pelo catolicismo no século XV para conversão dos negros; e a Santo Antônio que, em virtude de sua suposta capacidade de curar doenças, encontrar objetos perdidos e trazer fecundidade, era considerado um bruxo poderoso, associado à entidade Exú.

seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. É o santo casamenteiro por excelência. [...] As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, busca-pés e vivas, visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda”. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água; a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comê-la; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para, de manhã cedo, decifrar-se sofregamente a mancha ou a nódoa na lâmina; a da bacia de água, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antônio. Por exemplo, as afeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desaparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil. É a imagem desse santo que freqüentemente se pendura de cabeça para baixo dentro da cacimba ou do poço para que atenda às promessas o mais breve possível. Os mais impacientes colocam-na dentro de urinóis velhos.”¹⁷

Ao longo do século XIX, a *quadrille*¹⁸ dos salões nobres começa a ser absorvida pelos camponeses, sendo adaptada às festas juninas rurais. A essa altura essas comemorações já haviam se espalhado por todo o território nacional, mas incorporando tradições e costumes locais. Esse movimento daria origem a uma cultura junina extremamente original no Brasil. Exemplo disso é a culinária, que se utilizaria em larga escala de produtos genuinamente brasileiros, como a mandioca, o jenipapo, o leite de coco e o milho - que na verdade é andino, mas que seria um dos grandes produtos agrícolas aqui cultivados. Além disso, o forró, o boi-bumbá, o casamento na roça e o tambor-de-crioula são algumas tradições que também engrossam a lista de contribuições brasileiras à festa junina em seu formato atual.

É interessante notar que, por suas dimensões continentais e por sua diversidade cultural, o Brasil desse período abrigava diferentes formas de comemorações juninas que, mesmo originárias de uma tradição comum, guardavam suas especificidades. Assim, no sul do país, o

¹⁷ FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Ed Record, Rio de Janeiro, 1995, pag. 246.

¹⁸ Na época da Regência a quadrilha fazia enorme sucesso no Rio de Janeiro, tendo sido trazida pelos mestres de orquestras que tocavam músicas de Musard e Tolbecque, os 'pais' das quadrilhas. Foi adotada pelos compositores nacionais que lhe deram um 'sotaque' brasileiro.

grande número de imigrantes alemães e italianos, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, conferiria um caráter mais europeizado às festividades de junho. Enquanto isso, no norte e no nordeste, essas manifestações teriam um caráter mais sincrético e alegre, muito influenciado pelas festividades ibéricas, mas repleto de elementos e simbolismos das culturas indígenas e africanas.

A região sudeste e parte do centro-oeste¹⁹ gradativamente assumiriam o papel de área de interligação nacional, recebendo influências não somente dessas duas vertentes, mas, em especial, do Rio de Janeiro, capital nacional até 1960 e grande centro difusor de modas e tendências.

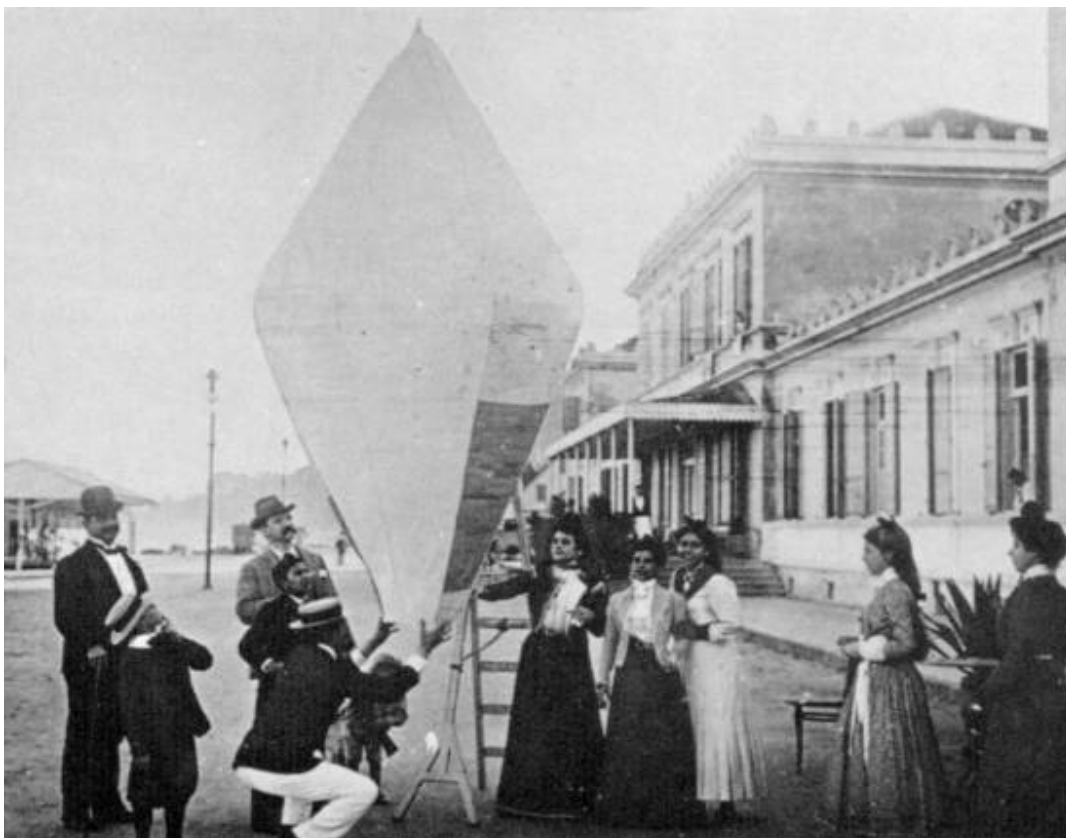
Nesse contexto, cada região criaria uma variante da tradicional quadrilha junina, principalmente no interior. Daí nasceriam a Quadrilha Caipira, no interior de São Paulo e Minas Gerais, o Baile Sifilítico na Bahia e em Goiás, o Saruê (que alguns consideram uma corruptela de soirée) no Centro-Oeste, a Mana Chica e suas variantes no Rio de Janeiro, dentre muitas outras.

Dessa forma, no caldeirão cultural da história brasileira, as festas juninas absorveriam todo tipo de influências. Dos salões nobres europeus viria à quadrilha, com seus passos e marcações inspiradas na contradança, inclusive com os nomes originais das coreografias francesas. A música mesclaria instrumentos europeus e africanos, com ritmos predominantemente portugueses, como o fado e o fandango, mas ganhariam sabores e cores locais. A dança de fitas, muito comum no sul do Brasil, tem origem ibérica.

A tradição da fogueira, como dito anteriormente, vem dos rituais pagãos de purificação, mas seria adotada nas festas juninas brasileira por seu simbolismo cristão e por sua “pirotecnia”. Porém, o costume de pular a fogueira, muito difundido no Brasil desde o início das comemorações, remete àqueles ritos purificadores antigos. Os balões são outro elemento de cunho religioso que também se espalharia pela Colônia. Cabia a eles levar os pedidos dos fiéis aos santos, e, provavelmente, têm origem nos grandes festivais chineses.

Além dessas, ao longo do tempo cada região incluiria brincadeiras e desafios à sua tradição junina, como subir no pau-de-sebo e pegar o porco besuntado de óleo, dentre outras. As bandeirinhas coloridas também se tornariam padrão em festas juninas.

¹⁹ A maior parte da região central do Brasil ainda era muito pouco conhecida nessa época, e só seria efetivamente ocupada a partir do final do século XIX e início do XX.



**Imagem 56 – Essa fotografia foi tirada provavelmente na virada do século XIX para o XX, e mostra a família Penedo preparando seu tradicional balão junino no Grande Hotel do Guarujá, na cidade de Guarujá/SP.
*Município de Itapagipe – MG. 2011***

Fruto do intenso trânsito de gentes promovido pelo ouro e pedras preciosas, e sua consequente afeição por gêneros e produtos de primeira necessidade, a ocupação da região do atual Triângulo Mineiro daria origem a uma “cultura agrícola”, extremamente apegada às tradições do campo. Por isso mesmo, os períodos de cultivo e colheita sempre rendiam encontros e comemorações entre os moradores, principalmente no período junino. Além disso, como dito anteriormente, muitas das famílias que ali se instalaram eram devotas dos santos juninos, a quem dedicavam grandes festas e cerimônias religiosas.

Na região do atual município de Itapagipe o orago mais difundido seria Santo Antônio, que logo se tornaria padroeiro da Fazenda Lageado, núcleo original da cidade. Aliás, o proprietário dessa estância, Vicente Joaquim da Silva, era um devoto tão fervoroso do santo que doaria a maior parte de suas terras ao padroeiro em 1880, dando origem ao povoado de Patrimônio de Santo Antônio do Lageado.

Além de religiosa, a comunidade ali surgida também sempre foi muito unida e solidária, e certamente comemorava com festa o Dia de Santo Antônio desde os primórdios da ocupação.

Nessas ocasiões eram realizadas as famosas quermesses, que tinham como palco as fazendas e estâncias que coalhavam a região.



Imagem 57 – Fotografia de uma festa junina na cidade de Leopoldina/MG, do início do século XX, com suas tradicionais bandeirinhas
Município de Itapagipe – MG. 2011

Animadas por músicos locais ou “importados” de outras regiões, essas reuniões juntavam familiares, vizinhos, amigos e trabalhadores num grande banquete coletivo. Os participantes levavam quitandas e guloseimas e cuidavam da ornamentação dos espaços com bandeirinhas e fogueiras. Os párocos que atendiam à região cuidavam das cerimônias religiosas e procissões, que sempre reuniam muita gente. A apresentação de quadrilhas e danças juninas aos poucos começaria a se tornar freqüente nessas festividades.

Assim, é nesse contexto que se iniciaria a tradição das festas juninas no antigo Patrimônio de Santo Antônio do Lageado. Porém, desses primeiros anos não foram encontrados maiores registros ou informações, nem mesmo dos responsáveis por sua introdução naquela região. O certo é que, no final do século XIX essas festas já haviam se tornado verdadeiras tradições locais.

03.2.2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA-CULTURAL E TRANSFORMAÇÕES DA ATIVIDADE CULTURAL

Como apresentado no tópico anterior deste Dossiê, a tradição das festas juninas em Itapagipe teve início nas grandes fazendas que dominavam aquelas paragens, ainda em meados do século XIX. A parte litúrgica e cerimonial dessas comemorações, como as missas, novenas e trezenas, era realizada ao ar livre e as procissões interligavam as principais estâncias.

Com a ereção da Capela de Santo Antônio, iniciada em 1888, começaria a formação de um núcleo efetivo para o povoado. Desde então, a maior parte do cerimonial religioso das comemorações do Dia do Padroeiro passaria a ser realizada no Largo da Capela ou em suas cercanias, atual Centro da cidade, quando também era organizada uma quermesse.

Porém, as comemorações nesse espaço eram mais litúrgicas do que populares e as festas juninas de fato, com seus arraiais e quadrilhas, continuariam sendo realizadas nas fazendas e comunidades da região. A essa altura, o Dia de Santo Antônio se somava aos de São João e de São Pedro, formando um calendário de festas espalhadas pelo território que passaram a ocupar praticamente todo o mês de junho. No entanto, desses primeiros anos não foram encontradas maiores informações ou registros. O certo é que, ainda na virada do século XIX para o XX, os bailes e quadrilhas juninas já eram uma tradição enraizada e difundida no Patrimônio de Santo Antônio do Lageado.

Como geralmente ocorre em toda localidade, ali também se destacaria a figura dos festeiros, moradores que sempre cuidavam da organização de determinadas festividades da região, principalmente os arraiais juninos. Alguns fazendeiros continuavam realizando suas festas juninas por conta própria, mas os festeiros já começavam a promovê-las também em clubes, salões e galpões próximos à Capela de Santo Antônio, geralmente emprestados pelos donos para a realização dos eventos. Os festeiros cuidavam da organização das quadrilhas e da festa em si, além de arranjar os músicos, e todos ajudavam na produção e realização dos eventos.



Imagem 58 – Graciano José de Lima, em fotografia tirada provavelmente nos anos 1940
Município de Itapagipe – MG. 2011

Nessa época, um dos principais festeiros da região era Graciano José de Lima, que possuía uma grande fazenda próximo de onde hoje é o município de Paulo Faria/SP²⁰, cidade que então se chamava Patos. Ali ele mantinha muitas cabeças de gado e cavalos, além de pequenas lavouras e criações de galinhas e porcos. Graciano também era boiadeiro e transportava rebanhos para a cidade de Barretos/SP, quando lá ainda funcionava como principal matadouro da região. O polivalente Graciano era também ótimo músico, tocador de violão, viola catirera, guitarra e sanfona.

Apesar de morar do outro lado da divisa, Graciano sempre teve forte ligação com Patrimônio de Santo Antônio do Lageado, que conhecia desde criança e onde tinha muitos amigos. Além disso, foi ali também que ele se casaria pela primeira vez, com Arlinda Josefa do Amorim. O casal passaria a morar na comunidade da Cabeceira do Lageado, onde nasceria sua filha, Isoldina Ferreira Lima – em 04 de setembro de 1914 –, que muita importância teria para as festas juninas de Itapagipe nas duas décadas seguintes.



Imagem 59 – Graciano José de Lima, no centro, e um compadre seu não identificado, em fotografia tirada provavelmente nos anos 1920
Município de Itapagipe – MG. 2011

Algum tempo depois o casal se separaria, de forma amigável, e Graciano voltaria a morar em sua fazenda. Mas manteria forte laço com a região do Lageado, principalmente durante as festas juninas, onde continuava organizando quadrilhas. Arlinda se casaria novamente, com

²⁰ Essa cidade faz divisa com Itapagipe pelo Rio Grande.

Joaquim Maria de Assis, que possuía um salão de baile no povoado e também era músico, tocador de clarineta, violino, cavaquinho, sanfoninha, viola, violão e guitarra.

O interessante é que Joaquim e Graciano eram muito amigos, e possuíam uma banda de música juntos. Além disso, faziam boa dupla na organização e realização da festa junina que promoviam num salão do Joaquim. Um sobrinho de Graciano, cujo nome não foi possível identificar, engrossava a banda nessas ocasiões, tocando acordeom.

Nessa época existiam outros músicos naquelas paragens, mas esse foi o primeiro conjunto formado ali e, como não tinha nome, ficou conhecido apenas como a “Banda de Música”. Tratava-se de uma agremiação no formato tradicional, com vários instrumentos: saxofone, trombone, piston, bombardino, bumbo, caixa, trompa e tuba. Seu repertório incluía dobrados, marchas, músicas populares e sacras.

Além de animar as principais festividades da região como quermesses e Folias de Reis, essa banda também realizava serenatas e tocava em cerimônias religiosas – com destaque para a chamada Alvorada, “ritual” que ocorria nos dias santos comemorados no povoado, onde a banda percorria as ruas convidando os moradores para as missas.

Isoldina herdaria do pai o gosto pelas festas juninas e, segundo ela, começou a organizar quadrilhas ainda aos oito anos de idade. Nos anos 1920-1930, ela, seu pai e seu padrao teriam grande importância na manutenção dessa tradição, e seriam responsáveis pelas principais quadrilhas juninas do lugar.

Pouco depois, a principal festa junina que eles organizavam, aquela do salão do Joaquim, passou a ser realizada no Salão Velha Guarda, que era propriedade de Assuntino José, primo de Isoldina. Assuntino era dono do antigo posto de gasolina e construiu o salão próximo deste no início dos anos 1920. Ali ele tocava um baile que funcionava sempre aos sábados, e era freqüentado pelo pessoal mais idoso.

Durante a festa junina, o espaço era emprestado por Assuntino e Isoldina e seus “pais” cuidavam da organização do evento e dos ensaios e apresentações das quadrilhas. O salão era decorado e a Banda de Música animava a festa. Alguns anos depois, Assuntino se mudaria da região, e esse arraial passaria a ser realizado no Salão Sassaricando, mas deste não foram encontradas maiores informações.

Nessa época, a região contava com outros festeiros, e eram muitas as fazendas que continuavam promovendo suas próprias festas juninas. Porém, novamente não foram encontradas maiores informações ou registros, nem mesmo os nomes.

Independente do local onde ocorria, a organização dessas festas seguia mais ou menos o mesmo padrão. O espaço era decorado com fitas e bandeirinhas, e contava com barraquinhas feitas de madeira e palha, onde os moradores vendiam ou distribuía quitutes e bebidas para os convivas. Essas guloseimas eram preparadas por famílias e grupos comunitários que, ao longo dos anos, se especializaram no preparo de pratos com ingredientes específicos. Assim, havia a barraquinha do milho, vendendo pamonha, curau, milho cozido etc., a barraca do queijo, da galinhada e assim por diante. Mas não havia regra, e cada um podia vender o que quisesse.

É interessante notar que essa tradição seria mantida no atual Arraial do Lageado, onde algumas das instituições participantes também já elegeram seus pratos típicos, como a Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva”, que tradicionalmente cuida dos produtos feitos de milho.

A fogueira não podia faltar e, segundo Isoldina, à medida que o arraial se animava, alguns moradores davam tiros nas brasas e soltavam fogos de artifício, fazendo um grande fuzuê. Essas festas se alternavam durante vários dias do mês de junho e atraíam muita gente de toda a região. Além disso, outras cidades e localidades próximas também realizavam arraiais juninos famosos, como São Carlos/SP.

As quadrilhas eram compostas por moradores da região, e havia grupos de todas as idades e formações. Alguns eram ligados a instituições, principalmente de ensino, outros eram organizados por famílias ou comunidades. Cada participante fazia seu próprio figurino, mas a dança e os passos eram ensaiados com antecedência pelo festeiro. As apresentações ocorriam no esquema de grande roda, envolvendo vários casais.

As coreografias eram mais ou menos as mesmas de hoje, com suas marcações franco-abrasileiradas e seus passos tradicionais. O *marcante* cantava os versos, acompanhado pela banda. Anarriê! Os casais realizavam os passos e o público aplaudia. Cestinho de flor! Balancê! Voa borboleta! Olha o túnel! Damas ao centro balanceia! Aliás, esses versos eram uma tradição passada de geração em geração. Além disso, algumas contavam com encenações como o tradicional Casamento na Roça.

A comunidade era muito religiosa e dava especial atenção aos dias santos do mês de junho, principalmente o do padroeiro. As missas, procissões, novenas e trezenas ocorriam durante o mês todo e atraíam muita gente. Segundo Isoldina, a antiga Capela de Santo Antônio possuía um coreto em frente, onde o padre declamava sermões e as bandas de música e corais se apresentavam. Além disso, em algumas ocasiões esse coreto também era usado para leilões de animais. Isoldina conta que, nessas ocasiões, eram servidas quitandas, guloseimas e bebidas para os convivas, numa grande reunião comunitária.

Isoldina se casou em 1937 com Manoel Ferreira Pinto²¹, também nascido na Cabeceira do Lageado e filho de Pedro Gonçalves Ferreira, grande líder local nessa época. Segundo ela, seu marido não gostava muito de festa e por isso ela se afastou um pouco da organização dos arraiais juninos. Mas continuaria participando das quadrilhas – ensaiando, dançando e encenando papéis nos casamentos – sob o pretexto de acompanhar a filha. Isso até 1948, quando a família se mudou para São Paulo para tratar uma doença de Graciano, que morreria no ano seguinte. O casal então ficaria morando ali por mais alguns anos.



Imagem 60 – Isoldina Ferreira Lima.
Município de Itapagipe – MG. 2011

Isoldina e sua família voltaram definitivamente para Itapagipe em meados dos anos 1950, onde ela se tornaria importante empreendedora em vários ramos. Dentre outras iniciativas, teve loja de bicicleta, padaria, bazar, criou e vendeu gado, além de construir mais de trinta imóveis. Nesta época, ela retomou a participação nas festas juninas da cidade, não de forma tão intensa quanto antes, mas sempre presente. Sua última participação ocorreu há cerca de dois anos, quando fez o papel de avó da noiva em um dos casamentos na roça encenados. Figura interessantíssima de Itapagipe, ela guarda muitas memórias do lugar, e sente muito não poder mais participar da festa junina devido à idade avançada. Porém, sua família continua muito envolvida na organização e realização da festividade até hoje.

As instituições de ensino de Itapagipe sempre se envolveram nas festas juninas do lugar e muitas faziam suas próprias quadrilhas. A partir dos anos 1950, as escolas começariam a tomar

²¹ Foi esse casal que construiu a Capela de São Bom Jesus da Lapa da cidade, tendo trazido a imagem da Bahia como pagamento de uma promessa.

frente na organização dessas festas, em especial a Escola Estadual Santo Antônio, cujo arraial se tornaria famoso. Aliás, ao longo dos anos, a festa junina promovida por essa escola começaria a abrigar apresentações de outras instituições do lugar, tornando-se, de certa forma, um protótipo do que viria a se ser o Arraial do Lageado.

Nessa época, a Prefeitura Municipal cedia material e pessoal para algumas dessas festas, mas pouca coisa. A grande maioria dos materiais necessários era arrecadada pelas próprias escolas através de rifas, sorteios e doações, principalmente dos pais dos alunos. A organização e a realização dos eventos ficavam a cargo dos funcionários da escola, mas a comunidade também participava. Além disso, como dito anteriormente, a comunidade itapagipense sempre foi muito unida e participativa, sendo vários os exemplos de organizações e agremiações sociais, civis e religiosas ali surgidas, muitas também organizadoras de arraiais e festividades juninas próprias.

Apesar de realizadas por instituições diferentes, as festas juninas ocorridas na cidade sempre tiveram um caráter bastante comunitário, sendo abertas à participação de todos, inclusive na venda de produtos e apresentação de quadrilhas e encenações. Porém, Itapagipe continuaria sem ter uma festa junina “oficial” até o início do século seguinte, e muitas ainda ocorriam em fazendas e comunidades rurais do município, como as da Vila Coqueiros e do Cachoeirão. A essa altura, o mês de junho já não comportava todas as festas que aconteciam na região, e algumas tinham de ser realizadas em julho para não concorrer com as outras.

No início de 2001, percebendo a importância que as festas juninas adquiriram na região - e a grande tradição que representavam para a cidade -, alguns professores da Escola Estadual Santo Antônio tiveram a idéia de realizar um grande arraial municipal, já que todas seguiam mais ou menos o mesmo esquema, com poucas variações. O grupo então procurou o Ademir Gonçalves Ferreira, Secretário Municipal de Cultura e Educação à época, e apresentou-lhe a idéia, sugerindo que a festa fosse realizada na Praça da Matriz. Porém, não foi possível descobrir os nomes das pessoas da Escola Santo Antônio envolvidos, nem mesmo de quem foi a idéia.

Ademir abraçou a causa com entusiasmo, e a Secretaria de Educação e Cultura assumiu a promoção e realização da festa. Uma comissão organizadora foi montada, contando com membros da Secretaria e de todas as comunidades, entidades e instituições participantes. Ficou definido que a festa duraria três dias e que, além das quadrilhas, também contaria com shows e apresentações artísticas.

Começavam assim os preparativos para a realização do 1º Arraial do Desemboque, nome que fazia referência tanto à antiga alcunha que a região tinha na época em que pertenceu à Capitania de Goiás, quanto à idéia contida no termo desemboque, local onde tudo se encontra. Porém, algum tempo depois ele seria substituído pelo nome atual, Arraial do Lageado, que também é uma dupla homenagem, ao rio homônimo que corta a cidade e à antiga nomenclatura do povoado ali surgido.

A parte de infra-estrutura e logística ficaria a cargo da Prefeitura e cada grupo ficaria responsável por seus produtos e apresentações. Todos ajudariam na ornamentação e montagem dos espaços, contando com grande apoio popular. Além disso, cada instituição poderia montar uma barraquinha para venda de produtos feitos na região, principalmente quitandas, queijos, geléias e compotas, além de outros produtos artesanais, como panos de prato, toalhas e bordados em geral.

A tradição culinária seria mantida, e é interessante notar a permanência do antigo hábito de muitas entidades e grupos participantes serem identificados por produtos e comidas “patenteados”. A Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva”, por exemplo, sempre esteve ligada aos produtos feitos com milho desde o primeiro evento, sendo assim até hoje.



Imagem 61 – Foto de uma das barraquinhas do Arraial do Lageado 2007, onde pode ser visto sua estrutura feita de madeira e palha
Município de Itapagipe – MG. 2011

Montadas em vários pontos do espaço, essas barraquinhas eram intencionalmente rústicas, feitas de madeira e cobertas com palhas de coqueiro recolhidas na região.

A festa foi um grande sucesso desde a primeira edição, o que “obrigou” a Prefeitura a integrá-la ao calendário festivo anual do Município. Em 2005, a Secretaria de Educação e Cultura foi desmembrada, mas só no papel, pois as duas continuariam virtualmente juntas até 2008. Foi nessa época que a Secretaria Municipal de Cultura começou a funcionar efetivamente, e seu primeiro Secretário foi o Anderson Paulo Franco dos Santos, que continua

no cargo até hoje. Essa nova estrutura seria muito positiva para o Arraial do Lageado, que agora contaria com mais recursos financeiros, materiais e de mão-de-obra.

Ao longo dos anos, o Arraial do Lageado foi se desenvolvendo e, desde o primeiro evento, ao término de cada edição a Comissão Organizadora se reúne e procura estabelecer os pontos positivos e negativos do evento que passou. A Secretaria de Cultura também se mostra aberta a sugestões e críticas da população, e busca sempre aprimorar a festa, adaptando-a ao gosto local.

A cada ano, o número de apresentações aumenta e são testados novos formatos. A organização dos espaços e estruturas da festa também é modificada de acordo com os problemas identificados no ano anterior. As barraquinhas feitas de palha, por exemplo, apesar de esteticamente interessantes, não eram nada práticas ou ambientalmente sustentáveis – além do extrativismo nos coqueiros, uma forte chuva causou acidentes e destruiu grande parte da estrutura em 2009, o que quase forçou o cancelamento do evento. Assim, na edição de 2010, elas seriam substituídas pelas barracas e tendas atuais, feitas de lona e estrutura metálica desmontável. Isso proporcionaria mais conforto e segurança para o público, além de possibilitar economia para a Prefeitura e contribuir para a preservação ambiental.



Imagem 62 – Detalhe de uma das apresentações do Arraial do Lageado 2007
Município de Itapagipe – MG. 2011

Imagem 63 – Detalhe de uma das quadrilhas do Arraial do Lageado 2006
Município de Itapagipe – MG. 2011





Imagem 64



Imagem 65 e 66



Imagens 64, 65, 65 e 67 – Esse conjunto de fotos apresenta aspectos gerais do Arraial do Lageado. A primeira da página e a primeira da linha do meio mostram o espaço de alimentação do evento de 2007. A foto da direita dessa linha mostra uma das encenações de casamento da roça desse mesmo ano. A foto acima mostra uma apresentação de dança do evento de 2008



Imagens 68 e 69 – Essas duas imagens foram feitas em 2007. A da esquerda mostra a barraquinha de uma das creches da cidade e a da direita apresenta a barraquinha da APAE, que nesse ano montou a tradicional pescaria
Município de Itapagipe – MG. 2011

As quitandas e quitutes são outro capítulo interessante dessa festa. Vendidas na maioria das barracas, as comidas revelam muito sobre o caráter agrícola que sempre permeou a história do lugar. As tradicionais galinhadas e o arroz cozido com pedaços de frango e legumes fazem par com tropeiros, churrasquinhos e leitões assados. De sobremesa temos compotas, geléias e doces das mais variadas frutas e ingredientes. Pé-de-moleque, cocada, paçoca e fatia-de-amendoim não podem faltar, assim como o famoso *mané-pelado*, tipo de bolo de mandioca assado muito comum na região.

Além das comidas, o artesanato em tecidos e utensílios domésticos também é outra tradição presente no Arraial do Lageado. As toalhas e panos bordados, tricotados e rendados, os embornais e cestos, dentre muitos outros produtos, são fabricados por algumas das entidades e grupos participantes e vendidos durante a festa. Aqui vale destacar o trabalho realizado pelos projetos Acordar e Proarti, que muito têm colaborado na revitalização dessa antiga tradição, oferecendo novas perspectivas de trabalho e inclusão social.



Imagens 70 e 71 – Essas fotos também são do Arraial do Lageado de 2007 e apresentam algumas das tradições inseridas na festa: as comidas e o artesanato
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 72,73 – Todo esse conjunto de fotos foi feito durante o Arraial do Lageado 2007 e apresenta algumas barraquinhas e os produtos vendidos
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 74, 75, – Todo esse conjunto de fotos foi feito durante o Arraial do Lageado 2007 e apresenta algumas barraquinhas e os produtos vendidos
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens, 76 e 77 – Todo esse conjunto de fotos foi feito durante o Arraial do Lageado 2007 e apresenta algumas barraquinhas e os produtos vendidos

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens, 78 – Fotos feita durante o Arraial do Lageado 2007 e apresenta algumas barraquinhas e os produtos vendidos

Município de Itapagipe – MG. 2011

Atualmente, os preparativos para a festa começam com cerca de um mês de antecedência, quando é formada a Comissão Organizadora. Essa Comissão se reúne com as instituições, entidades e grupos interessados em participar da festa para programar o Arraial do Lageado do ano e discutir os formatos, apresentações e produtos para venda pretendidos por cada instituição.

Os grupos participantes tratam de organizar, montar e produzir suas apresentações e produtos. Eles também continuam sendo responsáveis pela decoração de seus espaços. A ornamentação e montagem da festa também permanecem sendo realizadas por todos, contando com o mesmo apoio popular de antes. Toda a infra-estrutura – palco, energia elétrica, documentação, som, barracas, sanitários químicos, ornamentação etc. – fica a cargo da Prefeitura Municipal, que contrata muitos dos serviços e apresentações artísticas.

As quadrilhas e apresentações artísticas figuram entre as principais atrações do Arraial do Lageado. Seu número aumenta a cada ano, e elas se tornaram muito populares entre os jovens. Durante o evento, no entanto, há quadrilhas de praticamente todas as idades, da pré-escola à terceira idade. Essas apresentações seguem o esquema tradicional de uma quadrilha, onde vários casais executam passos coreografados cantados pelo *marcante*.

Além das quadrilhas, algumas instituições também apresentam encenações do Casamento na Roça e danças tradicionais de outras regiões do país e do mundo. Assim, em 2011, a Escola Estadual “Alonso de Moraes Andrade” apresentou um Casamento na Roça diferente, onde a família do noivo era natural do Oriente Médio, com suas danças-do-ventre e tradições marroquinas, enquanto que a família da noiva representava o interior do Brasil, com dança catiteira e costumes do campo. Os alunos da APAE por outro lado, apresentaram uma bonita dança flamenca.



Imagens 78 e 79 – Fotos do Casamento na Roça apresentado pela Escola Estadual “Alonso de Moraes Andrade” no Arraial do Lageado 2011

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 80 – Detalhe da apresentação de dança flamenca promovida pelos alunos da APAE no Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 81 – Uma das quadrilhas que se apresentaram no Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 82 – Apresentação de uma das quadrilhas infantis do Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagem 83 e 84



Imagens 83, 84, 85, 86 e 87 – Nesse conjunto são apresentadas algumas das quadrilhas que se apresentaram no Arraial do Lageado 2011. A foto acima à direita mostra a Dança da Peneira organizada pelo Projeto Acordar, e que contou com um coro de participantes. As quadrilhas seguem as marcações tradicionais, com populares versos franco-abrasileirados e os passos ensaiados, como a Grande Roda, o Tu, o Túnel etc. No caso das escolas, os professores dançam junto com os alunos, enquanto alguns fazem às vezes de marcante
Município de Itapagipe – MG. 2011



Em termos gerais, a música que anima essas quadrilhas é predominantemente o forró e os ritmos nordestinos. Porém, como dito acima, alguns grupos apresentam números que homenageiam tradições de outros lugares, como a Dança Paranaense, a Dança Flamenca e a Dança do Ventre, que trazem suas respectivas músicas típicas. Os artistas e shows contratados variam de ano a ano, de acordo com a preferência do público, mas sempre buscam privilegiar os *frutos da terra*. Em 2011, ali se apresentaram a Banda Evolução, muito famosa na região, a cantora Inês Ramos e a dupla Jânio & Juno.

O Arraial do Lageado se tornou tão tradicional na região que hoje aparece como a maior festa junina daquelas paragens. Além dessa festa municipal, Itapagipe continua contando com muitas outras festas juninas, tanto nas escolas e instituições da região central da cidade quando em comunidades e distritos da região, como na Vila Coqueiros e na comunidade do Cachoeirão. Existe ainda o Arraial dos Servidores Públicos, e alguns bairros também promovem

festas juninas comunitárias. Segundo Anderson, os moradores já terminam uma festa pensando na do outro ano.

Em termos econômicos, o Arraial do Lageado é muito positivo para o município. Durante os preparativos, a maior parte dos produtos e materiais utilizados é comprada nas lojas e estabelecimentos comerciais da cidade. E, quando a festa começa, o grande público incrementa ainda mais a economia, através da hospedagem, alimentação e outros serviços. Segundo algumas estimativas, esse público chega a ser de cerca de duas a três mil pessoas a cada dia de festa, sendo que no sábado, quando costumeiramente ocorrem os maiores shows e apresentações, esse número beira quatro mil pessoas.

Por tudo isso, o Arraial do Lageado hoje aparece como herdeiro direto da antiga tradição das festas juninas da região. Fruto de um contínuo processo de desenvolvimento, esse arraial se configura como um grande arcabouço de tradições culturais campesinas e dos costumes locais. E a comunidade itapagipense percebe isso, visto que todos ali enxergam o Arraial do Lageado como representante de um de seus mais valiosos patrimônios culturais imateriais: as festas juninas. A população se reconhece e se identifica nesse evento, o que pôde ser constatado na grande participação popular durante a cobertura do Arraial do Lageado 2011, feita para a elaboração deste Dossiê. Todos ali se mostravam muito interessados na preservação da festa e em seu registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Município.

Além disso, segundo Anderson, o Registro do Arraial do Lageado se insere numa grande política de educação e valorização do patrimônio cultural local iniciada pela prefeita Benice em seu segundo mandato no Executivo Municipal. Nesse sentido, a Secretaria Municipal de Cultura tem procurado ampliar sua participação na comunidade através de programas como a Jornada Anual de Educação Patrimonial, que ocorre anualmente em setembro. A temática de cada Jornada é elaborada de acordo com o tema proposto pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico - IEPHA.

Desde 2007, essa Secretaria vem promovendo sistemático levantamento e inventário de seus patrimônios históricos e culturais, o que muito tem contribuído para a questão da conscientização, preservação e difusão da história e memórias locais. A criação da Casa de Cultura e a reativação da Fanfarra e da Banda municipais são outras ações que visam o resgate e a valorização da cultura e das tradições itapagipenses.

03.2.3. RELAÇÃO DA ATIVIDADE COM O LUGAR

Como já mencionado outras vezes nesse Dossiê, a tradição das festas juninas sempre foi muito forte no Triângulo Mineiro, principalmente por ser uma região ligada à agropecuária desde o início de seu povoamento. A religiosidade trespassava a vida cotidiana e moldava os costumes e tradições que ali se desenvolveriam.

Patrimônio de Santo Antônio do Lageado surgiria nesse contexto e já nasceria sob os auspícios de um dos principais santos juninos. Famílias inteiras se instalariam nessa região e a comunidade ali surgida se desenvolveria ancorada em fortes laços comunitários e associativos. Inúmeros são os exemplos nesse sentido, sendo o mais representativo a formação da Comissão para melhoria do lugar a partir de meados do século XX. As instituições filantrópicas e assistencialistas também se destacariam nesse ponto, assim como agremiações recreativas e clubes sociais.

Dessa forma, a união e a solidariedade da população durante as grandes comemorações da cidade se tornariam marcantes ao longo dos anos, principalmente nas festividades juninas, época de grandes encontros e confraternizações comunitárias.

A criação do Arraial do Lageado, em 2001, aparece como uma consequência natural desse caráter comunitário, uma vez que passaria a agregar vários grupos, entidades e instituições da cidade em um dos principais eventos municipais. O empenho da população na montagem e realização de cada edição desse Arraial, e a grande importância que atribuem a essa tradição, merecem destaque, tornando-se um dos principais argumentos para o Registro do Arraial do Lageado como Patrimônio Imaterial da cidade.



Imagens 88 e 89 – A população sempre foi muito participativa, como pode ser visto nessas duas fotos: a da esquerda é da edição de 2007 desse evento e a da direita mostra a Festa de 2011

Município de Itapagipe – MG. 2011

Nas escolas e entidades assistenciais do município, a importância da tradição das festas juninas fica latente na decoração dos espaços e na organização de quadrilhas e apresentações próprias, além da participação no Arraial do Lageado. Os funcionários, professores, alunos e pais se mobilizam durante essas ocasiões e todos colaboram de alguma forma com a realização da festa, alguns através de doações de mantimentos e materiais, outros *metendo a mão na massa*.



Imagens 90 e 91 – A tradição das festas juninas nas escolas. À esquerda aparece o pátio da CEMEI “Jane Franco” e à direita temos o pátio da CEMEI “Profa. Alice Nogueira”, ambos enfeitados com a temática junina. Nesses espaços ocorrem quadrilhas próprias dessas creches.

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 91 e 92 – À esquerda aparece o salão do Abrigo “Jerônimo de Paula Assunção”, e à direita uma quadro de avisos temático da Escola Municipal “Pedro Gonçalves Ferreira”

Município de Itapagipe – MG. 2011

Durante o Arraial do Lageado, as instituições e entidades participantes, principalmente as escolas, funcionam a toque de caixa para a realização e produção da festa. As dependências são utilizadas para ensaios das quadrilhas e no preparo dos pratos e produtos vendidos. O interessante é que, durante os preparativos, os funcionários e ajudantes almoçam ali, e muitas colocam músicas em aparelhos de som para animar a produção. É quase que uma confraternização dentro da outra.

Dessa forma, fica clara a grande importância que essa festa possui para os itapagipenses, movimentando vários setores sociais além de instituições públicas. É interessante notar como o Arraial do Lageado movimenta a cidade não somente durante seus três dias de ocorrência, mas durante todo o mês que antecede a festa, quando começam os preparativos.



Imagens 93, 94, 95, 96 e 97 – As fotografias acima mostram os preparativos para o Arraial do Lageado 2011, realizados na Escola Estadual “Alonso de Morais Andrade”. A foto maior apresenta a barraquinha dessa escola no Arraial desse ano.

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 98, 99, 100 e 101 – Esse conjunto de fotos mostra a relação do Projeto Acordar com o Arraial do Lageado 2011. A foto à esquerda mostra os preparativos na sede do projeto e, à direita, alguns de seus integrantes no coral apresentado junto com o número da Dança da Peneira no Arraial do Lageado 2011. Essa entidade especializou-se na produção de doces tradicionais como doce de leite, de abóbora, pé-de-moleque, *quebrador*, cocada, amêndoas e cartuchos de doces variados, *mané pelado*, mas também são produzidos biscoitos doces e salgados, pão de queijo, além de bonecas de pano e sabugo de milho, colares, panos de prato, bordadinhos da vovó, crochê... Tudo é finalizado em bonitas embalagens feitas pelos integrantes do projeto. Esse ano, a questão ambiental também foi abordada por essa entidade, que distribuiu embornais e capangas de pano no lugar das sacolas plásticas



Imagens 102 e 103 – A foto à esquerda apresenta a barracinha da APAE e a da direita a da CEMEI “Jane Franco”. Ambas faziam parte do Arraial do Lageado 2011

Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 104, 105, 106, 107 e 108 – Esse conjunto de fotos mostra a relação da E. M. “Gil Brasileiro da Silva” com o Arraial do Lageado 2011. As duas fotos acima e a que se encontra ao lado mostram os preparativos gastronômicos. A foto abaixo apresenta as roupas utilizadas por uma das quadrilhas da escola, e a última mostra algumas das funcionárias preparando o milho
Município de Itapagipe – MG. 2011



03.2.4. DESCRIÇÃO DOS LUGARES, SUPORTES FÍSICOS E AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O Arraial do Lageado ocorre na Praça da Matriz, centro da cidade, desde que foi criado, em 2001. Esse espaço foi construído nos anos 1970 e seu paisagismo se desenvolve em curvas suaves. A Igreja Matriz de Santo Antônio é o eixo principal, e os jardins e caminhos se dispõem simetricamente ao longo do conjunto. Há bancos de concreto ao longo desses caminhos, além de lixeiras, postes de iluminação e telefones públicos.



Imagem 109 – Panorama da fachada principal da Matriz em junho de 2011. As barraquinhas do Arraial do Lageado aparecem à direita na imagem
Município de Itapagipe – MG. 2011

Nas extremidades da praça, foram plantadas árvores de médio porte, frondosas o suficiente para oferecer boas sombras. Já os jardins internos são ornados por arbustos e árvores de pequeno porte com flores coloridas. Algumas palmeiras são dispostas de forma a intensificar a marcação do eixo central.

O calçamento é em piso de concreto sextavado intertravado, colorido de vermelho, terminando em passeios. As avenidas que delimitam o espaço são asfaltadas e rodeadas por imóveis de até dois andares. As moradias são muito poucas. Há um banheiro público, dividido em sanitários masculino e feminino, localizado do outro lado da Avenida Sete, atrás da Igreja Matriz.

Durante o arraial, a Prefeitura monta um palco, geralmente, na esquina da Rua Dez com a Avenida Sete. Feito de estrutura metálica e placas de compensado, esse palco abriga também os equipamentos de som e iluminação. Ali são realizadas as apresentações musicais e algumas das quadrilhas e encenações. Porém, as quadrilhas maiores ocorrem na rua, em frente ao palco.



Imagem 110 – Vista a partir da Rua Dez dos fundos do palco, ainda sendo montado
Município de Itapagipe – MG. 2011

A festa não possui um lugar fixo dentro da praça e a cada ano as estruturas são montadas em configurações diferentes. As barraczinhas são feitas de estrutura metálica desmontável coberta por lona (3,00 X 3,00m), e ficam dispostas nas laterais da festa. Cada barraca é decorada pela entidade ou instituição à qual pertence. No centro do espaço ficam as grandes tendas, feitas também de estrutura metálica desmontável e cobertas com lona (3,30 X 5,30m), que servem de área de alimentação. Essas tendas

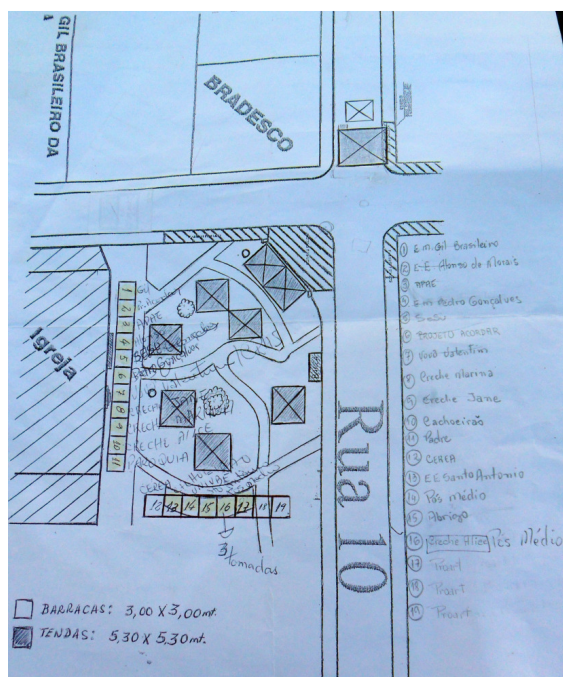


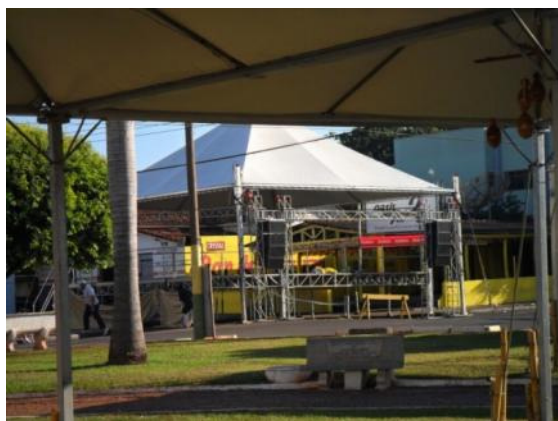
Imagem 111 – Esquema utilizado pelos organizadores durante o Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

são decoradas com feixes de bambu, bandeirinhas de papel e móveis feitos de cabaças e cordas vegetais.

O esquema que aparece na foto ao lado mostra a distribuição das estruturas no evento de 2011. No lado esquerdo da foto aparece a legenda manuscrita da ocupação das barracas e tendas, assim como suas dimensões. O palco aparece aqui no alto da Rua Dez, ao lado do Banco Bradesco.



Imagens 112, 113, 114, 115 e 116 – Aspectos do espaço ocupado pelo Arraial do Lageado na Praça da Matriz em junho de 2011. As fotos acima mostram as barraquinhas já montadas, mas sem a decoração e os equipamentos. A foto ao lado dá um panorama desse espaço. Abaixo à esquerda aparece o palco visto de frente e à direita uma das tendas ainda sendo ornamentada
Município de Itapagipe – MG. 2011



Além das barraquinhas, de uns anos para cá também passou a ser montado um pequeno parque infantil em frente à Matriz, com cama elástica, pula-pula e escorregador. No entorno da praça existem uma agência do Banco do Brasil e uma do Bradesco, e, naquele trecho da Rua Dez e da Avenida Sete, há vários estabelecimentos comerciais como bares, restaurantes, lojas e sorveterias.

Toda a parte da Praça da Matriz utilizada durante o Arraial, inclusive a esquina das vias públicas que cortam o local, é decorada com cordões de bandeirinhas e fitas coloridas, além de flores e balões de papel. A iluminação pública e a rede elétrica do espaço são reforçadas pela CEMIG junto com a Prefeitura Municipal, e contam com a instalação de um transformador próprio para o evento e do cabeamento até as barracas e pontos de energia.

Pela proximidade com o local onde o evento ocorre, a Sede Administrativa Municipal e a Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva” servem de pontos de apoio para a festa. Principalmente esta última, que abriga um posto da Polícia Militar e uma pequena “enfermaria” nessas ocasiões.



Imagens 117, 118, 119, 120 e 121 – Aspectos do Arraial do Lageado de 2011. A foto acima à esquerda mostra o parque infantil, e a da direita as mesas de metal dobráveis utilizadas durante o evento. A foto ao lado mostra uma quadrilha se apresentando na esquina da Rua Dez com a Avenida Sete, espaço todo enfeitado. Abaixo à direita aparece a fachada da Escola “Gil Brasileiro da Silva” e a foto da esquerda mostra a montagem da falsa fogueira junina. Apesar de feita com toras de madeira, essa peça possui uma imitação de fogo feita de tecido com uma luz projetada.

Município de Itapagipe – MG. 2011





Imagens 120 e 121

03.2.5. DESCRIÇÃO DETALHADA DA ATIVIDADE CULTURAL: TODAS AS FASES

O Arraial do Lageado ocorre anualmente, durante três dias do mês de junho, mas não possui uma data fixa. O evento geralmente é comemorado no terceiro final de semana desse mês, e a Secretaria Municipal de Cultura procura sempre marcá-lo em datas que não coincidam com grandes eventos realizados nas cidades próximas, sendo que muitos deles também são festas juninas.

Os preparativos para a festa começam com cerca de um mês de antecedência, quando é montada a Comissão Organizadora. Essa Comissão é formada pelo pessoal da Secretaria de Cultura e por membros de todas as instituições, entidades e grupos participantes. Fica a cargo dela o estabelecimento da data em que o evento ocorrerá no ano, assim como sua formatação, produção e realização.

Os grupos interessados em mostrar quadrilhas e encenações durante a festa se inscrevem mais ou menos nessa época, para que haja tempo para preparar suas apresentações. A Comissão Organizadora define as apresentações artísticas que serão contratadas, dando preferência aos artistas e grupos musicais locais. Cabe a ela também cuidar da infra-estrutura, cuja maior parte é contratada de empresas terceirizadas, como os sistemas de som e iluminação, as barraquinhas, tendas e banheiros químicos – os banheiros públicos da Praça da Matriz não dão conta do público durante os dias de Arraial.

Na semana que antecede o evento, começa a adaptação do espaço escolhido dentro da Praça da Matriz e a montagem das estruturas. A prefeitura recolhe os feixes de bambu usados na decoração em sítios da região. O restante dessa decoração – móveis de cabaça, bandeirinhas, balões, flores de papel etc. – é produzido pelas entidades e grupos participantes,

com materiais doados pelos moradores. Aliás, a comunidade tem grande participação na montagem dos espaços e na realização do Arraial do Lageado, que considera uma de suas grandes tradições.

Imagens 122 e 123 – Preparativos para o Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 124 e 125 – Preparativos para o Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

O Arraial do Lageado começa geralmente no início da noite de sexta-feira, quando é realizada a missa em louvor a Santo Antônio, padroeiro local e um dos principais santos juninos. Em alguns anos essa missa ocorre dentro da Igreja Matriz, mas ela também costuma ser celebrada em frente ao palco do evento. Aliás, as missas ocorrem durante todos os dias da

festa, antes do início das atividades, e também prestam homenagem a São João e São Pedro. As procissões, novenas e trezenas também ocorrem pela região, que guarda forte caráter religioso.

À noite, o evento é aberto oficialmente, geralmente contando com discursos do prefeito municipal e de outras autoridades presentes. Um mestre de cerimônias comanda a festa, apresentando os apoiadores, autoridades, entidades e artistas participantes. Algumas quadrilhas e grupos artísticos se apresentam e segue o show de abertura.

A antiga tradição das fogueiras foi mantida por muitos anos na cidade, mas teve de ser abolida há algum tempo. O motivo, segundo os entrevistados, foi uma briga ocorrida ali, onde os baderneiros usaram as toras em brasa como arma. Desde então, a fogueira utilizada na festa é falsa: o quadrado formado por toras de madeira abriga uma pequena luminária com uma ventoinha, um pedaço de pano faz às vezes de fogo.

No sábado de manhã, algumas escolas infantis ensaiam na Praça da Matriz e se apresentam à tarde. À noite ocorrem as quadrilhas dos estudantes mais velhos e das outras entidades participantes. O número dessas apresentações varia de ano para ano, mas normalmente são quatro ou mais por dia de festa. Também há pelo menos uma encenação de Casamento na Roça por dia, contando com os tradicionais “noivos”, suas respectivas famílias e as costumeiras peripécias dessa trama.

É interessante notar que os alunos são muito participativos nessas festas juninas, em especial nas quadrilhas – a ponto de a proibição de participar nelas servir de punição para má conduta em sala. Nessas ocasiões, a maioria das escolas participantes também promove festas juninas próprias.

O som mecânico é ligado no início das tardes de festa, animando a maioria das apresentações. Os shows ocorrem à noite, seguindo até o início da madrugada. Algumas das instituições e entidades participantes promovem sorteios de brindes, que, em 2011, variaram de uma bezerra a um notebook.

Cada grupo participante tem direito a uma barraquinha para venda de produtos durante o evento. Os mais tradicionais são as quitandas, quitutes e bebidas, que guardam muitos dos sabores do campo, bastante difundidos na região central do país.

Nesse ponto, destacam-se os produtos à base de milho e leite, além de doces e compotas de frutas. Dentre as quitandas aparecem a tradicional galinhada, o risoto de arroz com frango

desfiado e legumes, o charuto de repolho recheado com arroz e carne moída, churrasquinhos variados e o famoso *mané-pelado*, espécie de bolo de mandioca úmido e assado na folha de bananeira. O quentão não pode faltar, assim como as brincadeiras da *pescaria* e da *boca do palhaço*.

Os ingredientes para a elaboração dos pratos são obtidos através de doações arrecadadas pelos próprios grupos participantes. No caso das escolas, os mantimentos e materiais são doados pelos pais dos alunos, muitos deles produtores rurais. É interessante que, nesses casos, todas as escolas realizam gincanas premiadas entre as turmas participantes.

Cada ingrediente arrecadado recebe uma pontuação, e a turma que somar mais pontos ganha um passeio pela região, com direito a lanche especial. Os quitutes



Imagem 126 – O tradicional mané-pelado
Município de Itapagipe – MG. 2011

vendidos na festas são preparados nas dependências da escola, por seus funcionários. Os ingredientes que sobram dessa gincana são utilizados pela escola ou permutados em outros produtos de que ela necessite. Independente da instituição, entidade ou grupo, a renda obtida nessas barraquinhas é revertida na melhoria de suas respectivas instalações e atividades.

Além dessa riqueza culinária, a antiga tradição dos produtos artesanais vem sendo retomada na região nos últimos anos, principalmente através de iniciativas como o Projeto Acordar e o Proarti. Ali são feitos bordados, panos de prato, toalhas e porta retratos, dentre muitos outros objetos de decoração. E ali também começa a se manifestar uma consciência ambiental, visto que muitos dos produtores passaram a utilizar materiais recicláveis há algum tempo. Produtos desse tipo são oferecidos não somente nas barraquinhas desses dois projetos, mas também na de vários outros grupos participantes.

No sábado à noite ocorre a eleição da Rainha do Arraial do Lageado, concurso promovido há nove anos pela Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva”. Em 2010 também foi criado o concurso do Rei do Arraial. A escolha é feita através da venda de votos, sendo a conferência bastante rígida.

No domingo, as outras quadrilhas infantis participantes também ensaiam na praça pela manhã e se apresentam à tarde. A missa ocorre às 18 horas e logo depois começam as quadrilhas dos alunos mais velhos e o restante das outros grupos. O esquema segue como no sábado e os shows encerram a festa. O dia seguinte é feriado municipal e todos colaboram na limpeza da cidade.



Imagem 127 – O Casal Real eleito no Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

Dessa forma, apesar de o Arraial do Lageado em seu formato atual ser relativamente novo, ele torna-se um grande vetor de tradições culturais da região. Além de ser herdeiro direto das seculares quadrilhas e festejos juninos do antigo Patrimônio de Santo Antônio do Lageado, essa festa contribui também para a manutenção de importantes manifestações culturais no campo da culinária e das artes do município. O que, por si só, já configura o Arraial do Lageado como uma valiosíssima ferramenta de preservação/manutenção/difusão do patrimônio cultural de Itapagipe.



Imagens 128 – Aspecto do Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

Imagem 129 – As três bandeiras dos santos juninos, São Pedro, Santo Antônio e São João, ficam hasteadas durante os dias de festa. É interessante que, no primeiro dia do Arraial, num determinado momento elas são iluminadas por fogos de artifício
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 130, 131, 132, 133 e 134 – Aspectos gerais do Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

03.2.6. IDENTIFICAÇÃO DOS AGENTES ENVOLVIDOS, RECURSOS, PRODUTOS E PÚBLICO ALVO

Apesar de sua origem popular, o Arraial do Lageado hoje se tornou um evento promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, que, para tanto, conta com recursos orçamentários próprios. Porém, o montante desses recursos varia de ano para ano, sendo que emendas orçamentárias são propostas no segundo semestre do ano anterior a cada evento. Além disso, por sua própria natureza, o pessoal dessa esfera encarregado do Arraial também varia de ano para ano. Anderson Paulo Franco dos Santos é Secretário Municipal de Cultura desde 2008, tendo sido responsável direto pela festa desde essa época.

Durante o período de preparação do Arraial, é montada uma Comissão Organizadora, formada por funcionários da Secretaria Municipal de Cultura e por membros de todas as instituições, entidades e grupos envolvidos. A escolha da temática, dos formatos e das apresentações de cada edição do evento são definidos por essa Comissão, que também cuida da realização do mesmo.

A infra-estrutura (palco, energia elétrica, documentação, som, barracas, sanitários químicos, ornamentação etc.), assim com a contratação dos artistas, fica toda a cargo da Prefeitura Municipal, que também dá auxílio material, de pessoal e de logística às entidades, instituições e comunidades participantes. Estas cuidam de suas apresentações e da manufatura de produtos a serem vendidos nas barraquinhas.

Os grupos participantes cuidam da arrecadação dos materiais necessários para produção dos quitutes, quitandas e artesanatos. A grande maioria desses materiais é doada pelos membros desses grupos, sendo que, nas escolas, os pais têm grande participação nessa etapa. Os funcionários dessas entidades e instituições cuidam da produção em si, e muito se dedicam a essa empreitada. Além disso, esses grupos também cuidam de suas próprias apresentações, sendo responsáveis pela confecção das roupas e adereços das quadrilhas.

A montagem e ornamentação do Arraial do Lageado é feita por todos e conta com grande apoio da população. Aliás, essa se envolve em todas as etapas da festa, principalmente na preparação das guloseimas e apresentações dos grupos.

A festa em si não gera receita direta para a Prefeitura Municipal, pois o Arraial do Lageado é todo gratuito e aberto ao público em geral. A renda obtida em cada barraquinha fica com a

instituição, entidade ou grupo mantenedor, sendo utilizada na manutenção e melhoria das respectivas sedes ou programas realizados.

Após o término de cada edição, a Comissão Organizadora se reúne para estabelecer os pontos positivos e negativos do evento que passou. A população também manifesta suas opiniões sobre o Arraial que passou, tanto nas reuniões da Comissão quanto ao pé do ouvido dos representantes públicos. De posse dessas informações, a Comissão então se reúne pela última vez, onde são estabelecidas melhorias e adequações para a próxima festa.

Durante o Arraial do Lageado 2011, tiveram participação direta as seguintes entidades, instituições e comunidades, com seus respectivos produtos e apresentações:

Nº da Barraca	Instituição	Produtos oferecidos	Apresentações
1	<i>E. M. Gil Brasileiro da Silva</i>	Barraca do Milho: pamonha, curau, milho cozido e caldo de <i>quenga</i> . Brincadeira da boca-do-palhaço	Quadrilha Infantil, Apresentação de Dança Paranaense e mais uma Quadrilha, essa com encenação do Casamento na Roça. Concurso da Rainha e do Rei do Arraial do Lageado. Sorteio de brindes
2	<i>E. E. Alonso de Morais Andrade</i>	Mané Pelado, biscoito de polvilho, pão de queijo e bolos diversos	Quadrilha e Casamento na Roça
3	APAE	Barraca da mandioca: bolo, mandioca frita, cozida etc. Brincadeira do Pula-pula	Dança Flamenca
4	<i>E. M. Pedro Gonçalves Ferreira</i>	Tortas doces e salgadas variadas, charuto, canjicada e arroz com suã. Brincadeira da pescaria de prêmios	Casamento na Roça e Quadrilha. Sorteio de uma bezerra
5	<i>Projeto Acordar</i>	Doces tradicionais (de leite, de abóbora, pé-de-moleque, amêndoas, doce de cartucho, cocada, <i>quebrador</i>), bolachas e biscoitos variados, <i>mané-pelado</i> , broa e bolos diversos. Também são vendidos artesanatos como panos e toalhas bordadas, produtos feitos de tricô, crochê e renda, dentre outros. Brincadeira da Abóbora	Dança da Peneira: "Farinhada"
6	SESU	Doces tradicionais, amor em pedaço, quentão, batidas, geléias e	Sem apresentações

		compotas diversas. Promove sorteio de dinheiro	
7	<i>CRAS – Vovô Valentin</i>	Biscoito, doces e bolos variados. Também produz artesanatos e bordados diversos	Forró Universitário
8	<i>Creche Municipal Marina Camargos</i>	Bolinho de arroz, cachorro quente, porção de frango, pé de moleque e doces tradicionais	Dança Infantil, Quadrilha e Caminho da Roça
9	<i>CEMEI Jane Franco</i>	Barraca do queijo e mini-pizza. Espaço infantil	Dança Infantil “Ralo Coco e Mexe a Canjica”
10	<i>Comunidade do Cachoeirão</i>	Doces tradicionais, geléias e compotas variadas, <i>mané-pelado</i> , galinhada, porção de leitoa e bolinho de arroz	
11	<i>Paróquia de Santo Antônio</i>	Frango assado, galinhada, arroz com carne, doces e geléias diversas e <i>mané-pelado</i>	Sem apresentações
12	<i>CEREA</i>	Churrasco e bebidas	Sem apresentações
13	<i>E. E. Santo Antônio</i>	Geléias variadas, cocadas, bolo de mandioca, pé de moleque e pasteis diversos	Quadrilha Nordestina. Sorteou um <i>netbook</i>
14	<i>Pós-médio</i>	Batidas, caipirinhas e drinques	Sem apresentações
15	<i>Abrigo Jerônimo de Paula Assunção</i>	Porções de leitoa e batata frita, mini-pizza. Também promove o sorteio de uma bezerra	Sem apresentações
16	<i>CMEI Alice Nogueira Andrade</i>	Pasteis variados, bolo de mandioca caramelada e mini-pizza	Quadrilha Infantil
17	<i>PROARTI</i>	Quitandas e doces variados, porção de peixe, pasteis, galinhada e trufas doces	Sem apresentações

A seguir são apresentados as digitalizações da programação da edição 2011 do evento e o roteiro de Apresentações e Quadrilhas:

PROGRAMAÇÃO “ARRAIÁ DO LAGEADO”

SEXTA-FEIRA (24/06)

- 19:00 - Missa de Ação de Graça
- 20:30 - Dança (Escola Alonso – Vila Coqueiros)
- 21:30 - Dança da Peneira: “Farinhada” (Projeto A-COR-DAR)
- 22:00 - Forró universitário (CRAS/Oficinas de Artes)
- 22:30 - Quadrilha Nordestina (E. E. Sto. Antônio)
- 23:00 - Abertura oficial
- 23:30 - Show Banda Evolução/Inês Ramos

SÁBADO (25/06)

- 20:30 - Banda Evolução
- 21:00 - Coroação ‘Rei e Rainha do Arraiá’ (E. M. Gil Brasileiro)
- 21:30 - Sorteios: (E. E. Sto Antônio; Sesu; E. M. Pedro Gonçalves)
- 22:00 - Show da dupla Nicolás & Fernando
- 22:30 - Casamento Caipira (E.E. Alonso) / Quadrilha do casamento
- 00:30 - Show com a Dupla Jânio & Junio / Banda Evolução

DOMINGO (26/06)

- 11:30 - Almoço
- 14:00 - Banda Evolução
- 15:00 - Sorteio bezerra (Abrigo)
- 15:30 - Apresentações Artísticas e Quadrilhas:
 - Creche Marina (dança “Caminho da Roça”)
 - Creche Jane (dança “rala o coco e mexe a canjica”)
 - Creche Alice (quadrilha)
 - APAE (dança flamenca)
 - E. M. Gil Brasileiro (quadrilha 1º e 2º anos; quadrilha 3º, 4º e 5º anos; e dança paranaense)
 - E. M. Pedro G. Ferreira (casamento com quadrilha; forró)
- 18:30 - Encerramento

ROTEIRO DE APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E QUADRILHAS - DOMINGO (26/06)

1ª APRESENTAÇÃO

CRECHE MARINA COSTA CAMARGOS

Dança “Caminho da Roça”

ALUNOS: Julia Vilela Nicoli Rayssa Mateus Miranda
 Gustavo Gabriel Maria Clara Maria Vitória
 Melissa Vinícius Nicolas Heloisa Vitória
 Karolaine

Ensaíados pelas monitoras da creche Marina

2ª APRESENTAÇÃO

CMEI - JANE FRANCO

Música: “Rala o coco e mexe a canjica”

ALUNOS:

Eduarda Paula Queiroz Silva
Gabriely Nunes Gonçalves
Laura Martins Roldão
Amanda Lovo Brasileiro
Gabriely Eduarda da Silva Moraes
Isabela Leonel Silva
João Miguel Barbosa Lopes
Lucas Oliveira Neto
Yohan Miguel Silva Lourenço
Cássio Machado da Silva
Luiz Ricardo Lourenço dos Santos
Pedro Miguel Pires Franco Alves

PARTICIPAÇÃO das monitoras **Eleidia e Fernanda**

3ª APRESENTAÇÃO

CMEI – ALICE NOGUEIRA ANDRADE

Quadrilha

Dançada por 15 casais mais os NOIVOS Pedro e Mariane
Ensaíados pelas professoras **Núbia e Emanuela**

4ª APRESENTAÇÃO

E. M. GIL BRASILEIRO DA SILVA

“DANÇA PARANAENSE”

5ª APRESENTAÇÃO

APAE

Dança Flamenca

ALUNAS:

Elis Cristina

Viviane Aparecida

Luana Machado

Ensaaiadas pelo professor **Hugo Araújo**

6ª APRESENTAÇÃO

E. M. GIL BRASILEIRO DA SILVA

“QUADRILHA DOS 1º E 2º ANOS”

7ª APRESENTAÇÃO

E. M. GIL BRASILEIRO DA SILVA

“QUADRILHA DOS 3º, 4º e 5º ANOS”

8ª APRESENTAÇÃO

E. M. PEDRO GONÇALVES FERREIRA

“CASAMENTO CAIPIRA – QUADRILHA E FORRÓ”

ENCERRAMENTO...

03.2.7. IDENTIFICAÇÃO DE ATIVIDADES CORRELATAS

Como mencionado nos tópicos anteriores deste Dossiê, as festividades juninas sempre foram muito populares no Brasil desde os anos iniciais da colonização. Em certo sentido, a mistificação desse período do ano e sua relação com a fertilidade e a natureza eram comuns a praticamente todas as crenças e culturas que aqui se encontraram.

O sincretismo e a mistura cultural que essas comemorações adquiriram na tolerância colonial brasileira agregariam elementos e tradições de várias dessas fontes. Algo quase tão forte quanto o próprio sentido do Carnaval.

O caráter festivo das comemorações juninas e a forte presença do culto aos santos desse mês tratariam de difundir a tradição, que logo se espalharia por toda a Colônia. Porém, em cada região essas festas receberiam influências diferentes, moldando costumes e tradições próprias. Mas que, no entanto, não deixariam de ser a mesma comemoração pseudo-agrícola.

A origem da festa junina como a conhecemos hoje remonta ao século XIX, quando os costumes da corte se misturaram aos festejos populares do campo. A introdução da quadrilha nessas festas teria início nesse movimento, e ocorreria quase que simultaneamente em várias regiões do Brasil.

É interessante notar que, por suas dimensões continentais e por sua diversidade cultural, o Brasil desse período abrigava diferentes formas de comemorações juninas que, mesmo originárias de uma tradição comum, guardavam suas especificidades. Assim, no sul do país, o grande número de imigrantes alemães e italianos, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, conferiria um caráter mais europeizado às festividades de junho. Enquanto isso, no norte e no nordeste, essas manifestações teriam um caráter mais sincrético e alegre, muito influenciado pelas festividades ibéricas, mas repleto de elementos e simbolismos das culturas indígenas e africanas.

A região sudeste e parte do centro-oeste²² gradativamente assumiriam o papel de área de interligação nacional, recebendo influências não somente dessas duas vertentes, mas, em especial, do Rio de Janeiro, capital nacional até 1960 e grande centro difusor de modas e tendências. Aliás, os costumes e modas da corte carioca, por seu próprio caráter “imperial”, acabariam influenciando, de uma forma ou de outra, vários aspectos das festas juninas brasileiras, em especial as quadrilhas.

Nesse contexto, cada região criaria uma variante da tradicional quadrilha junina, principalmente no interior. Daí nasceriam a *Quadrilha Caipira*, típica no interior de São Paulo e Minas Gerais, o *Baile Sifilítico* na Bahia e em Goiás, o *Saruê* (que alguns consideram uma corruptela de *soirée*) no Centro-Oeste, a *Mana Chica* e suas variantes no Rio de Janeiro, dentre muitas outras.

²² A maior parte da região central do Brasil ainda era muito pouco conhecida nessa época, e só seria efetivamente ocupada a partir do final do século XIX e início do XX.

No final do século XIX e início do XX, a tradição das festas juninas já se encontrava bastante difundida e enraizada pelo Brasil. Claro que, em cada lugar, essas comemorações assumiriam ou se manifestariam em formatos diferentes, abrangendo as peculiaridades e costumes de cada região. Porém, o espírito pagão da comemoração, assim como sua religiosidade sincrética, continuariam os mesmos em todas elas, em maior ou menor grau.



Imagens 135, 136, 137 e 138 – Esse conjunto de fotografias mostra aspectos da festa junina comemorada em 1909 pela Academia de Comércio de Juiz de Fora/MG. Nela podemos ver as bandeirinhas e barracas decoradas com arbustos e plantas que, mais tarde, se tornariam verdadeiras convenções

Município de Itapagipe – MG. 2011



Assim, durante as primeiras décadas do século XX, quando as comemorações juninas em Itapagipe já haviam se consolidado, outras localidades próximas também realizavam festas similares. Uma delas, citada inclusive pela Isoldina Ferreira, grande festeira local, foi a que ocorria na cidade de São Carlos/SP, e que então era muito concorrida. Barretos/SP também tinha um arraial junino famoso nessa época, assim como as cidades de Uberaba e Frutal, ambas em Minas Gerais.

Até o final dos anos 1930, essas festas ainda guardavam muito de suas peculiaridades regionais, apesar de já bastante padronizadas em alguns aspectos. Mas, é com a política nacionalista e o movimento cívico do Estado Novo implementado por Getúlio Vargas que a festa junina, principalmente a Quadrilha Caipira, seria caracterizada como folclore nacional. Portanto, deveria representar a União Nacional acima de quaisquer bairrismos ou costumes comunitários. A cultura aqui também deve ser nacionalista, padronizando exemplos de brasilidade.



Imagem 139 – Festa Junina no Teatro Municipal de São João da Boa Vista, 1937
Município de Itapagipe – MG. 2011

O Estado Novo se utilizaria em larga escala da idéia de autofagia cultural proposta por Oswald de Andrade e sua trupe modernista. Porém, esta idéia seria lida sob um viés extremamente ufanista, que buscava uniformizar as festas e tradições tidas como exemplos da cultura nacional. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, posteriormente transformado em Instituto, nasceria nessa época, e se tornaria responsável pela formação de conceitos sobre a cultura brasileira que sobrevive até hoje.

Porém, como tudo na História, apesar de essa padronização ter se dado de forma mais latente em alguns aspectos das festas juninas, os regionalismos e costumes de cada lugar nunca seriam plenamente abandonados, sobrevivendo principalmente no interior. A música dessas comemorações, no entanto, seria cristalizada no Baião, Forró e nos ritmos nordestinos, sendo raros os exemplos diferentes.



Imagens 140 e 141 – Essas duas
imagens parecem ser dos anos 1940.
À esquerda temos uma típica
quadrilha junina e abaixo uma dança
junina do Maranhão
Município de Itapagipe – MG. 2011



Imagens 142 – À direita temos um
registro de uma quadrilha infantil dos
anos 1950
Município de Itapagipe – MG. 2011

Imagens 143 – À esquerda vemos o
registro de uma das quadrilhas do
arraial de Piratupa/SP, em 1955
Município de Itapagipe – MG. 2011





**Imagens 144 – Imagem de um Casamento na Roça da Festa Junina do Orfanato Dona Lenita Junqueira, em Leopoldina/MG, 1958-59
Município de Itapagipe – MG. 2011**

**Imagens 145 – Foto provavelmente dos anos 1950, mostrando uma quadrilha infantil de uma escola de Belo Horizonte/MG
Município de Itapagipe – MG. 2011**



A virada dos anos 1970-1980 iniciaria um gradual processo de revitalização das comemorações juninas, que passariam a ser vistas também como fonte de divisas. O incremento da economia e, principalmente, do turismo favoreceria a revalorização de antigas tradições locais.

Nesse cenário, muitas cidades e regiões se “profissionalizariam” na realização dessas festividades, transformando-as em verdadeiros espetáculos alegóricos. Esse movimento se daria de forma mais intensa no Nordeste, onde se mesclaria às culturas do bumba-meu-boi, do frevo e do forró. Além disso, os concursos e competições entre as quadrilhas se tornariam famosos, passando a contar com prestígio e premiações cada vez maiores. Hoje existe inclusive um Festival de Quadrilhas Juninas do Nordeste, que ocorre anualmente em Olinda e reúne representantes de vários estados nordestinos.



Imagens 145, 146 e 147 – Fotos de festas juninas nordestinas: ao lado o São João de Campina Grande/PB, considerada a maior festa junina do Brasil; abaixo **à esquerda** uma quadrilha da festa junina da cidade de Cambují/RN; e **à esquerda** temos uma das apresentações do Festival de Quadrilhas Juninas do Nordeste, na edição de 2010
Município de Itapagipe – MG. 2011



Nas pequenas cidades do interior do país, no entanto, as festas juninas continuariam tendo um caráter bastante comunitário, mais ligado ao sentido original dessas comemorações. Apesar de mais simples, esses eventos guardariam a mesma importância das superproduções, tornando as festas juninas um dos bens mais significativos de nossa cultura.

Atualmente as festas juninas ocorrem em todo o país, guardando especial importância nas comunidades e regiões agrícolas. É o que ocorre no Triângulo Mineiro, onde a cultura agrícola permanece muito forte. Além disso, essa região sempre foi mais influenciada pelas culturas do Centro-oeste e do norte de São Paulo do que de pela mineira, o que teria reflexos nas comemorações juninas.

Na região de Itapagipe e municípios vizinhos, as festas e arraiais juninos sempre tiveram grande acolhida, desde a ocupação do território no século XIX. Como mencionado no texto acima, algumas dessas cidades influenciariam e seriam influenciadas pelas festas juninas itapagipenses.



Imagem 148 – Festa Junina da APAE de Frutal/MG, em 2011
Município de Itapagipe – MG. 2011

Atualmente, todas as cidades vizinhas a Itapagipe realizam festas juninas, principalmente nas escolas e instituições de ensino. Alguns desses eventos se tornaram bastante famosos ao longo dos anos, e hoje atraem um público similar ao que ocorre ao Arraial do Lageado. Por isso mesmo, há uma preocupação entre esses municípios de não realizar eventos simultâneos, o que dividiria o público.



Imagens 149, 150 e 151 – Fotos de festas juninas das cidades próximas a Itapagipe: acima temos o 3º Juninão, uma das festas juninas de Riolândia/SP; ao lado aparece um arraial junino de Campina Verde/MG; e, abaixo, uma das festas juninas comemoradas em Paulo de Faria/SP Município de Itapagipe – MG. 2011



04. FICHA DE INVENTÁRIO

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

IPAC EX. 2013

Prefeitura Municipal de Itapagipe

Arraial do Lageado

01. Município	Itapagipe
02. Distrito	Sede
03. Categoria	Patrimônio Imaterial
04. Subcategoria	Celebrações
05. Denominação	Arraial do Lageado
06. Proteção Legal Existente	Nenhuma
07. Proteção Legal Proposta	Registro
08. Motivação do Inventário	

Este inventário trata do Arraial do Lageado, grande festa junina municipal da cidade de Itapagipe. Herdeiro direto da tradição das festividades juninas, esse Arraial aparece como um verdadeiro apanhado de patrimônios culturais da região, ligados tanto à religiosidade quanto à gastronomia, música e dança.

09. Caracterização

O Arraial do Lageado é uma festa junina tradicional, que mescla elementos populares e religiosos. Para os cristãos, esse mês é época de festejos que comemoram os santos juninos Santo Antônio (Dia 13), São João (Dia 24) e São Pedro (Dia 29).

10. Condição Atual

Vigente | Íntegro | Memória
 Descaracterizado

11. Grupos | Associações ligadas à celebração.

O Arraial do Lageado é realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Itapagipe em parceria com várias entidades, instituições e grupos da cidade, listadas a seguir:

- *E. Alonso de Moraes Andrade*
- *E. E. Santo Antônio*
- *E. M. Pedro Gonçalves Ferreira*
- *E. M. Gil Brasileiro da Silva*
- *CEMEI Alice Nogueira Andrade*
- *CEMEI Jane Franco*
- *Creche Municipal Marina Camargos*
- *APAE*
- *Projeto AcordarPROARTI*
- *SESU*
- *CRAS – Vovô Valentin*
- *Comunidade do Cachoeirão*
- *Paróquia de Santo Antônio*
- *CEREA*
- *Pós-médio*
- *Abrigo Jerônimo de Paula Assunção*

12. Data

Data fixa:
(relativa à principal atividade)
X Data móvel: a escolha da data está relacionada à realização de outras festas juninas na região, tendo como critério a não coincidência das mesmas
(informar o critério para escolha da data)

13. Período de duração

Três dias do

14. Periodicidade

X Anual: sempre em um final de semana do mês de junho
 Outra (informar o critério da periodicidade)

15. Celebrações Associadas

O Arraial do Lageado se enquadra nas comemorações em louvor aos santos juninos: São João (24), São Pedro (29) e Santo Antônio (13). Portanto, durante o evento ocorrem missas diárias dedicadas a esses oragos, em especial a Santo Antônio, padroeiro local, e à Ação de Graças.

16. Documentação Fotográfica

Diversos

Fotografia digital, 12.1 megapixel

Fotógrafo | Data

Diversos

Bernardo A. B. Andrade | Junho - 2011



Foto 01 - Graciano José de Lima, no centro, e um compadre seu não identificado, em fotografia tirada provavelmente nos anos 1920



Foto 02 - Foto de uma das barraquinhas do Arraial do Lageado 2007, onde pode ser visto sua estrutura feita de madeira e palha



Foto 03 - Detalhe da praça de alimentação do Arraial do Lageado 2007



Foto 04 - Detalhe de uma das quadrilhas do Arraial do Lageado 2006



Foto 05 - Casamento na Roça apresentado pela Escola Estadual "Alonso de Moraes Andrade" no Arraial do Lageado 2011



Foto 06 - Detalhe da apresentação de dança flamenco promovida pelos alunos da APAE no Arraial do Lageado 2011



Foto 07 - Apresentação de uma das quadrilhas infantis do Arraial do Lageado 2011



Foto 08 - Aspecto do Arraial do Lageado 2011



Foto 09 - Panorama da fachada principal da Matriz em junho de 2011. As barraquinhas do Arraial do Lageado aparecem à direita na imagem

17. Informações Históricas

As comemorações de junho, assim como muitas festas populares, remontam a épocas antiquíssimas, ainda nos primórdios da civilização. Elas têm origem nos antigos cultos relacionados à fertilidade e à natureza. Daí nasceriam grandes festividades, cerimônias e rituais, principalmente os ligados ao Solstício de Verão/Inverno, época de colheita de algumas safras e plantio de outras. O objetivo dessas comemorações era agradecer os deuses e garantir uma boa safra.

A expansão do cristianismo a partir do século IV fortaleceria enormemente a Igreja Católica Apostólica Romana, que dominaria a vida cotidiana e a escolástica pelos próximos mil e quinhentos anos. Porém, essa religião absorveria e ressignificaria muitos dos antigos rituais e festividades consideradas pagãs, em especial as relacionadas ao período junino. Assim, a partir do século XII, o calendário católico consagraria o mês de junho a Santo Antônio, São João e São Pedro, homenageados em seus respectivos dias, 13, 24 e 29.

Essas comemorações seriam adotadas pelas cortes européias de forma mais efusiva a partir deste mesmo século, ganhando ares mais sofisticados. É nesse contexto que nasceria a famosa “contradança”, origem da quadrilha moderna. Esse tipo de dança com vários pares logo tomaria conta dos bailes e salões nobres europeus. A *quadrille* surge como uma leitura francesa da contradança, e se tornaria muito comum nas cortes dos séculos XVIII ao XIX.

No Brasil, os povos indígenas já realizavam festejos no período do Solstício de Inverno desde antes da chegada dos europeus. O sentido desses festejos era o mesmo das antigas crenças pagãs européias ligadas à fertilidade e à natureza. Essa proximidade ritualística seria usada em larga escala pelos portugueses na cristianização dos indígenas. Porém, o próprio cristianismo seria bastante influenciado pelas culturas indígenas. Além disso, a introdução dos escravos africanos, e, conseqüentemente, de suas crenças e costumes, jogariam mais lenha na fogueira do sincretismo religioso e da mistura cultural que teriam lugar em solo brasileiro.

Desse movimento se originaria uma cultura junina extremamente original no Brasil. Exemplo disso é a culinária, que se utilizaria em larga escala de produtos genuinamente brasileiros, como a mandioca, o jenipapo, o leite de coco e o milho - que na verdade é andino, mas que seria um dos grandes produtos agrícolas aqui cultivados. Além disso, o forró, o boi-bumbá, o casamento na roça e o tambor-de-crioula são algumas tradições que também engrossam a lista de contribuições brasileiras à festa junina em seu formato atual.

Fruto do intenso trânsito de gentes promovido pelo ouro e pedras preciosas, e sua conseqüente afeição por gêneros e produtos de primeira necessidade, a ocupação da região do atual Triângulo Mineiro daria origem a uma “cultura agrícola”, extremamente apegada às tradições do campo. Por isso mesmo, os períodos de cultivo e colheita sempre rendiam encontros e comemorações entre os moradores, principalmente no período junino. Além disso, muitas das famílias que ali se instalaram eram devotas dos santos juninos, a quem dedicavam grandes festas e cerimônias religiosas.

Na região do atual município de Itapagipe o orago mais difundido seria Santo Antônio, que logo se tornaria padroeiro da Fazenda Lageado, núcleo original da cidade. Aliás, o proprietário dessa estância, Vicente Joaquim da Silva, era um devoto tão fervoroso do santo que doaria a maior parte de suas terras ao padroeiro em 1880, dando origem ao povoado do Patrimônio de Santo Antônio do Lageado.

Além de religiosa, a comunidade ali surgida também sempre foi muito unida e solidária, e certamente comemorava com festa o Dia de Santo Antônio desde os primórdios da ocupação. Nessas ocasiões eram realizadas as famosas quermesses, que tinham como palco as fazendas e estâncias que coalhavam a região.

Animadas por músicos locais ou “importados” de outras regiões, essas reuniões juntavam familiares, vizinhos, amigos e trabalhadores num grande banquete coletivo. Os participantes levavam quitandas e guloseimas e cuidavam da ornamentação dos espaços com bandeirinhas e fogueiras. Os párocos que atendiam à região cuidavam das cerimônias religiosas e procissões, que sempre reuniam muita gente. A apresentação de quadrilhas e danças juninas aos poucos começaria a se tornar freqüente nessas festividades.

Assim, é nesse contexto que se iniciaria a tradição das festas juninas no antigo Patrimônio de Santo Antônio do Lageado. Porém, desses primeiros anos não foram encontrados maiores registros ou informações, nem mesmo dos responsáveis por sua introdução naquela região. O certo é que, no final do século XIX essas festas já haviam se tornado verdadeiras tradições locais.

Com a ereção da Capela de Santo Antônio, iniciada em 1888, começaria a formação de um núcleo efetivo para o povoado. Desde então, a maior parte do cerimonial religioso das comemorações do Dia do Padroeiro passaria a ser realizada no Largo da Capela ou em suas cercanias, atual Centro da cidade, quando também era organizada uma quermesse.

Porém, as comemorações nesse espaço eram mais litúrgicas do que populares e as festas juninas de fato, com seus arraiais e quadrilhas, continuariam sendo realizadas nas fazendas e comunidades da região. A essa altura, o Dia de Santo Antônio se somava aos de São João e de São Pedro, formando um calendário de festas espalhadas pelo território que passaram a ocupar praticamente todo o mês de junho. No entanto, desses primeiros anos não foram encontradas maiores informações ou registros. O certo é que, ainda na virada do século XIX para o XX, os bailes e quadrilhas juninas já eram uma tradição enraizada e difundida no Patrimônio de Santo Antônio do Lageado.

Como geralmente ocorre em toda localidade, ali também se destacaria a figura dos festeiros, moradores que sempre cuidavam da organização de determinadas festividades da região, principalmente os arraiais juninos. Alguns fazendeiros continuavam realizando suas festas juninas por conta própria, mas os festeiros já começavam a promovê-las também em clubes, salões e galpões próximos à Capela de Santo Antônio, geralmente emprestados pelos donos para a realização dos eventos. Os festeiros cuidavam da organização das quadrilhas e da festa em si, além de arranjar os músicos, e todos ajudavam na produção e realização dos eventos.

Nessa época, um dos principais festeiros da região era Graciano José de Lima, fazendeiro da antiga região de Patos, hoje município de Paulo Faria/SP, que faz divisa com Itapagipe. Ele era ótimo músico, tocador de violão, viola catirera, guitarra e sanfona, e possuía uma banda de música com Joaquim Maria de Assis, dono de um salão de baile em Patrimônio de Santo Antônio do Lageado. Joaquim tocava clarineta, violino, cavaquinho, sanfoninha, viola, violão e guitarra. Interessante é que Joaquim se casaria com a ex-esposa de Graciano, Arlinda Josefa do Amorim, e todos eram muito amigos.

Graciano e Joaquim faziam boa dupla na organização das festas juninas promovidas no salão deste último. Nessas ocasiões um sobrinho de Graciano, cujo nome não foi possível identificar, tocava acordeom e engrossava as fileiras da Banda de Música, um dos mais antigos grupos musicais daquelas bandas de que se tem notícia.

Nessa época existiam outros músicos naquelas paragens, mas esse foi o primeiro conjunto formado ali e, como não tinha nome, ficou conhecido apenas como a “Banda de Música”. Tratava-se de uma agremiação no formato tradicional, com vários instrumentos: saxofone, trombone, piston, bombardino, bumbo, caixa, trompa e tuba. Seu repertório incluía dobrados, marchas, músicas populares e sacras.

Isoldina Ferreira Lima, filha de Graciano e Arlinda, herdou do pai o gosto pelas festas juninas e, segundo ela, começou a organizar quadrilhas ainda aos oito anos de idade. Nos anos 1920-1930, ela, seu pai e

seu padrao teriam grande importancia na manutencao dessa tradicao, e seriam responsaveis pelas principais quadrilhas juninas do lugar.

Nessa epoca, a regio contava com outros festeiros, e eram muitas as fazendas que continuavam promovendo suas proprias festas juninas. Porém, novamente não foram encontradas maiores informacoes ou registros, nem mesmo os nomes.

Independente do local onde ocorria, a organizacao dessas festas seguia mais ou menos o mesmo padrao. O espaco era decorado com fitas e bandeirinhas, e contava com barraquinhas feitas de madeira e palha, onde os moradores vendiam ou distribuam quitutes e bebidas para os convivas. Essas guloseimas eram preparadas por familias e grupos comunitarios que, ao longo dos anos, se especializaram no preparo de pratos com ingredientes especificos. Assim, havia a barraquinha do milho, vendendo pamonha, curau, milho cozido etc., a barraca do queijo, da galinhada e assim por diante. Mas não havia regra, e cada um podia vender o que quisesse.

É interessante notar que essa tradicao seria mantida no atual Arraial do Lageado, onde algumas das instituicoes participantes também já elegeram seus pratos tipicos, como a Escola Municipal "Gil Brasileiro da Silva", que tradicionalmente cuida dos produtos feitos de milho.

A fogueira não podia faltar e, segundo Isoldina, à medida que o arraial se animava, alguns moradores davam tiros nas brasas e soltavam fogos de artifício, fazendo um grande fuzuê. Essas festas se alternavam durante vários dias do mês de junho e atraiam muita gente de toda a região. Além disso, outras cidades e localidades próximas também realizavam arraiais juninos famosos, como São Carlos/SP.

As quadrilhas eram compostas por moradores da região, e havia grupos de todas as idades e formações. Alguns eram ligados a instituicoes, principalmente de ensino, outros eram organizados por familias ou comunidades. Cada participante fazia seu próprio figurino, mas a dança e os passos eram ensaiados com antecedência pelo festeiro. As apresentações ocorriam no esquema de grande roda, envolvendo vários casais.

As coreografias eram mais ou menos as mesmas de hoje, com suas marcações franco-abrasileiradas e seus passos tradicionais. O *marcante* cantava os versos, acompanhado pela banda. Anarriê! Os casais realizavam os passos e o público aplaudia. Cestinho de flor! Balancê! Voa borboleta! Olha o túnel! Damas ao centro balanceia! Aliás, esses versos eram uma tradição passada de geração em geração. Além disso, algumas contavam com encenações como o tradicional Casamento na Roça.

A comunidade era muito religiosa e dava especial atenção aos dias santos do mês de junho, principalmente o do padroeiro. As missas, procissões, novenas e trezenas ocorriam durante o mês todo e atraiam muita gente. Segundo Isoldina, a antiga Capela de Santo Antônio possuía um coreto em frente, onde o padre declamava sermões e as bandas de música e corais se apresentavam. Além disso, em algumas ocasiões esse coreto também era usado para leilões de animais. Isoldina conta que, nessas ocasiões, eram servidas quitandas, guloseimas e bebidas para os convivas, numa grande reunião comunitária.

As instituicoes de ensino de Itapagipe sempre se envolveram nas festas juninas do lugar e muitas faziam suas próprias quadrilhas. A partir dos anos 1950, as escolas começariam a tomar frente na organização dessas festas, em especial a Escola Estadual Santo Antônio, cujo arraial se tornaria famoso. Aliás, ao longo dos anos, a festa junina promovida por essa escola começaria a abrigar apresentações de outras instituicoes do lugar, tornando-se, de certa forma, um protótipo do que viria a se ser o Arraial do Lageado.

Nessa época, a Prefeitura Municipal cedia material e pessoal para algumas dessas festas, mas pouca coisa. A grande maioria dos materiais necessários era arrecadada pelas próprias escolas através de rifas,

sorteios e doações, principalmente dos pais dos alunos. A organização e a realização dos eventos ficavam a cargo dos funcionários da escola, mas a comunidade também participava. Além disso, como dito anteriormente, a comunidade itapagipense sempre foi muito unida e participativa, sendo vários os exemplos de organizações e agremiações sociais, civis e religiosas ali surgidas, muitas também organizadoras de arraiais e festividades juninas próprias.

Apesar de realizadas por instituições diferentes, as festas juninas ocorridas na cidade sempre tiveram um caráter bastante comunitário, sendo abertas à participação de todos, inclusive na venda de produtos e apresentação de quadrilhas e encenações. Porém, Itapagipe continuaria sem ter uma festa junina “oficial” até o início do século seguinte, e muitas ainda ocorriam em fazendas e comunidades rurais do município, como as da Vila Coqueiros e do Cachoeirão. A essa altura, o mês de junho já não comportava todas as festas que aconteciam na região, e algumas tinham de ser realizadas em julho para não concorrer com as outras.

No início de 2001, percebendo a importância que as festas juninas adquiriram na região - e a grande tradição que representavam para a cidade -, alguns professores da Escola Estadual Santo Antônio tiveram a idéia de realizar um grande arraial municipal, já que todas seguiam mais ou menos o mesmo esquema, com poucas variações. O grupo então procurou o Ademir Gonçalves Ferreira, Secretário Municipal de Cultura e Educação à época, e apresentou-lhe a idéia, sugerindo que a festa fosse realizada na Praça da Matriz. Porém, não foi possível descobrir os nomes das pessoas da Escola Santo Antônio envolvidos, nem mesmo de quem foi a idéia.

Ademir abraçou a causa com entusiasmo, e a Secretaria de Educação e Cultura assumiu a promoção e realização da festa. Uma comissão organizadora foi montada, contando com membros da Secretaria e de todas as comunidades, entidades e instituições participantes. Ficou definido que a festa duraria três dias e que, além das quadrilhas, também contaria com shows e apresentações artísticas.

Começavam assim os preparativos para a realização do 1º Arraial do Desemboque, nome que fazia referência tanto à antiga alcunha que a região tinha na época em que pertenceu à Capitania de Goiás, quanto à idéia contida no termo desemboque, local onde tudo se encontra. Porém, algum tempo depois ele seria substituído pelo nome atual, Arraial do Lageado, que também é uma dupla homenagem, ao rio homônimo que corta a cidade e à antiga nomenclatura do povoado ali surgido.

A parte de infra-estrutura e logística ficaria a cargo da Prefeitura e cada grupo ficaria responsável por seus produtos e apresentações. Todos ajudariam na ornamentação e montagem dos espaços, contando com grande apoio popular. Além disso, cada instituição poderia montar uma barraquinha para venda de produtos feitos na região, principalmente quitandas, queijos, geléias e compotas, além de outros produtos artesanais, como panos de prato, toalhas e bordados em geral.

A tradição culinária seria mantida, e é interessante notar a permanência do antigo hábito de muitas entidades e grupos participantes serem identificados por produtos e comidas “patenteados”. A Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva”, por exemplo, sempre esteve ligada aos produtos feitos com milho desde o primeiro evento, sendo assim até hoje. Montadas em vários pontos do espaço, essas barraquinhas eram intencionalmente rústicas, feitas de madeira e cobertas com palhas de coqueiro recolhidas na região.

A festa foi um grande sucesso desde a primeira edição, o que “obrigou” a Prefeitura a integrá-la ao calendário festivo anual do Município. Em 2005, a Secretaria de Educação e Cultura foi desmembrada, mas só no papel, pois as duas continuariam virtualmente juntas até 2008. Foi nessa época que a Secretaria Municipal de Cultura começou a funcionar efetivamente, e seu primeiro Secretário foi o Anderson Paulo Franco dos Santos, que continua no cargo até hoje. Essa nova estrutura seria muito

positiva para o Arraial do Lageado, que agora contaria com mais recursos financeiros, materiais e de mão-de-obra.

Ao longo dos anos, o Arraial do Lageado foi se desenvolvendo e, desde o primeiro evento, ao término de cada edição a Comissão Organizadora se reúne e procura estabelecer os pontos positivos e negativos do evento que passou. A Secretaria de Cultura também se mostra aberta a sugestões e críticas da população, e busca sempre aprimorar a festa, adaptando-a ao gosto local.

A cada ano, o número de apresentações aumenta e são testados novos formatos. A organização dos espaços e estruturas da festa também é modificada de acordo com os problemas identificados no ano anterior. As barraquinhas feitas de palha, por exemplo, apesar de esteticamente interessantes, não eram nada práticas ou ambientalmente sustentáveis – além do extrativismo nos coqueiros, uma forte chuva causou acidentes e destruiu grande parte da estrutura em 2009, o que quase forçou o cancelamento do evento. Assim, na edição de 2010, elas seriam substituídas pelas barracas e tendas atuais, feitas de lona e estrutura metálica desmontável. Isso proporcionaria mais conforto e segurança para o público, além de possibilitar economia para a Prefeitura e contribuir para a preservação ambiental.

As quitandas e quitutes são outro capítulo interessante dessa festa. Vendidas na maioria das barracas, as comidas revelam muito sobre o caráter agrícola que sempre permeou a história do lugar. As tradicionais galinhadas e o arroz cozido com pedaços de frango e legumes fazem par com tropeiros, churrasquinhos e leitões assados. De sobremesa temos compotas, geléias e doces das mais variadas frutas e ingredientes. Pé-de-moleque, cocada, paçoca e fatia-de-amendoim não podem faltar, assim como o famoso *mané-pelado*, tipo de bolo de mandioca assado muito comum na região.

Além das comidas, o artesanato em tecidos e utensílios domésticos também é outra tradição presente no Arraial do Lageado. As toalhas e panos bordados, tricotados e rendados, os embornais e cestos, dentre muitos outros produtos, são fabricados por algumas das entidades e grupos participantes e vendidos durante a festa. Aqui vale destacar o trabalho realizado pelos projetos Acordar e Proarti, que muito têm colaborado na revitalização dessa antiga tradição, oferecendo novas perspectivas de trabalho e inclusão social.

Atualmente, os preparativos para a festa começam com cerca de um mês de antecedência, quando é formada a Comissão Organizadora. Essa Comissão se reúne com as instituições, entidades e grupos interessados em participar da festa para programar o Arraial do Lageado do ano e discutir os formatos, apresentações e produtos para venda pretendidos por cada instituição.

Os grupos participantes tratam de organizar, montar e produzir suas apresentações e produtos. Eles também continuam sendo responsáveis pela decoração de seus espaços. A ornamentação e montagem da festa também permanecem sendo realizadas por todos, contando com o mesmo apoio popular de antes. Toda a infra-estrutura – palco, energia elétrica, documentação, som, barracas, sanitários químicos, ornamentação etc. – fica a cargo da Prefeitura Municipal, que contrata muitos dos serviços e apresentações artísticas.

As quadrilhas e apresentações artísticas figuram entre as principais atrações do Arraial do Lageado. Seu número aumenta a cada ano, e elas se tornaram muito populares entre os jovens. Durante o evento, no entanto, há quadrilhas de praticamente todas as idades, da pré-escola à terceira idade. Essas apresentações seguem o esquema tradicional de uma quadrilha, onde vários casais executam passos coreografados cantados pelo *marcante*.

Além das quadrilhas, algumas instituições também apresentam encenações do Casamento na Roça e danças tradicionais de outras regiões do país e do mundo. Assim, em 2011, a Escola Estadual “Alonso de

Morais Andrade” apresentou um Casamento na Roça diferente, onde a família do noivo era natural do Oriente Médio, com suas danças-do-ventre e tradições marroquinas, enquanto que a família da noiva representava o interior do Brasil, com dança catiteira e costumes do campo. Os alunos da APAE por outro lado, apresentaram uma bonita dança flamenca.

Em termos gerais, a música que anima essas quadrilhas é predominantemente o forró e os ritmos nordestinos. Porém, como dito acima, alguns grupos apresentam números que homenageiam tradições de outros lugares, como a Dança Paranaense, a Dança Flamenca e a Dança do Ventre, que trazem suas respectivas músicas típicas. Os artistas e shows contratados variam de ano a ano, de acordo com a preferência do público, mas sempre buscam privilegiar os *frutos da terra*. Em 2011, ali se apresentaram a Banda Evolução, muito famosa na região, a cantora Inês Ramos e a dupla Jânio & Juno.

O Arraial do Lageado se tornou tão tradicional na região que hoje aparece como a maior festa junina daquelas paragens. Além dessa festa municipal, Itapagipe continua contando com muitas outras festas juninas, tanto nas escolas e instituições da região central da cidade quando em comunidades e distritos da região, como na Vila Coqueiros e na comunidade do Cachoeirão. Existe ainda o Arraial dos Servidores Públicos, e alguns bairros também promovem festas juninas comunitárias. Segundo Anderson, os moradores já terminam uma festa pensando na do outro ano.

Em termos econômicos, o Arraial do Lageado é muito positivo para o Município. Durante os preparativos, a maior parte dos produtos e materiais utilizados é comprada nas lojas e estabelecimentos comerciais da cidade. E, quando a festa começa, o grande público incrementa ainda mais a economia através da hospedagem, alimentação e outros serviços. Segundo algumas estimativas, esse público chega a ser de cerca de duas a três mil pessoas a cada dia de festa, sendo que no sábado, quando costumeiramente ocorrem os maiores shows e apresentações, esse número beira quatro mil pessoas.

Por tudo isso, o Arraial do Lageado hoje aparece como herdeiro direto da antiga tradição das festas juninas da região. Fruto de um contínuo processo de desenvolvimento, esse arraial se configura como um grande arcabouço de tradições culturais campesinas e dos costumes locais. E a comunidade itapagipense percebe isso, visto que todos ali enxergam o Arraial do Lageado como representante de um de seus mais valiosos patrimônios culturais imateriais: as festas juninas. A população se reconhece e se identifica nesse evento, o que pôde ser constatado na grande participação popular durante a cobertura do Arraial do Lageado 2011, feita para a elaboração deste Dossiê. Todos ali se mostravam muito interessados na preservação da festa e em seu registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Município.

18. Informações Descritivas

O Arraial do Lageado ocorre anualmente, durante três dias do mês de junho, mas não possui uma data fixa. O evento geralmente é comemorado no terceiro final de semana desse mês, e a Secretaria Municipal de Cultura procura sempre marcá-lo em datas que não coincidam com grandes eventos realizados nas cidades próximas, sendo que muitos deles também são festas juninas.

Os preparativos para a festa começam com cerca de um mês de antecedência, quando é montada a Comissão Organizadora. Essa Comissão é formada pelo pessoal da Secretaria de Cultura e por membros de todas as instituições, entidades e grupos participantes. Fica a cargo dela o estabelecimento da data em que o evento ocorrerá no ano, assim como sua formatação, produção e realização.

Os grupos interessados em mostrar quadrilhas e encenações durante a festa se inscrevem mais ou menos nessa época, para que haja tempo para preparar suas apresentações. A Comissão Organizadora define as apresentações artísticas que serão contratadas, dando preferência aos artistas e grupos

musicais locais. Cabe a ela também cuidar da infra-estrutura, cuja maior parte é contratada de empresas terceirizadas, como os sistemas de som e iluminação, as barraquinhas, tendas e banheiros químicos – os banheiros públicos da Praça da Matriz não dão conta do público durante os dias de Arraial.

Na semana que antecede o evento, começa a adaptação do espaço escolhido dentro da Praça da Matriz e a montagem das estruturas. A prefeitura recolhe os feixes de bambu usados na decoração em sítios da região. O restante dessa decoração – móveis de cabaça, bandeirinhas, balões, flores de papel etc. – é produzido pelas entidades e grupos participantes, com materiais doados pelos moradores. Aliás, a comunidade tem grande participação na montagem dos espaços e na realização do Arraial do Lageado, que considera uma de suas grandes tradições.

O Arraial do Lageado começa geralmente no início da noite de sexta-feira, quando é realizada a missa em louvor a Santo Antônio, padroeiro local e um dos principais santos juninos. Em alguns anos essa missa ocorre dentro da Igreja Matriz, mas ela também costuma ser celebrada em frente ao palco do evento. Aliás, as missas ocorrem durante todos os dias da festa, antes do início das atividades, e também prestam homenagem a São João e São Pedro. As procissões, novenas e trezenas também ocorrem pela região, que guarda forte caráter religioso.

À noite, o evento é aberto oficialmente, geralmente contando com discursos do prefeito municipal e de outras autoridades presentes. Um mestre de cerimônias comanda a festa, apresentando os apoiadores, autoridades, entidades e artistas participantes. Algumas quadrilhas e grupos artísticos se apresentam e segue o show de abertura.

A antiga tradição das fogueiras foi mantida por muitos anos na cidade, mas teve de ser abolida há algum tempo. O motivo, segundo os entrevistados, foi uma briga ocorrida ali, onde os baderneiros usaram as toras em brasa como arma. Desde então, a fogueira utilizada na festa é falsa: o quadrado formado por toras de madeira abriga uma pequena luminária com uma ventoinha, um pedaço de pano faz às vezes de fogo.

No sábado de manhã, algumas escolas infantis ensaiam na Praça da Matriz e se apresentam à tarde. À noite ocorrem as quadrilhas dos estudantes mais velhos e das outras entidades participantes. O número dessas apresentações varia de ano para ano, mas normalmente são quatro ou mais por dia de festa. Também há pelo menos uma encenação de Casamento na Roça por dia, contando com os tradicionais “noivos”, suas respectivas famílias e as costumeiras peripécias dessa trama.

É interessante notar que os alunos são muito participativos nessas festas juninas, em especial nas quadrilhas – a ponto de a proibição de participar nelas servir de punição para má conduta em sala. Nessas ocasiões, a maioria das escolas participantes também promove festas juninas próprias.

O som mecânico é ligado no início das tardes de festa, animando a maioria das apresentações. Os shows ocorrem à noite, seguindo até o início da madrugada. Algumas das instituições e entidades participantes promovem sorteios de brindes, que, em 2011, variaram de uma bezerra a um notebook.

Cada grupo participante tem direito a uma barraquinha para venda de produtos durante o evento. Os mais tradicionais são as quitandas, quitutes e bebidas, que guardam muitos dos sabores do campo, bastante difundidos na região central do país.

Nesse ponto, destacam-se os produtos à base de milho e leite, além de doces e compotas de frutas. Dentre as quitandas aparecem a tradicional galinhada, o risoto de arroz com frango desfiado e legumes, o charuto de repolho recheado com arroz e carne moída, churrasquinhos variados e o famoso *mané-pelado*, espécie de bolo de mandioca úmido e assado na folha de bananeira. O quentão não pode faltar, assim como as brincadeiras da *pescaria* e da *boca do palhaço*.

Os ingredientes para a elaboração dos pratos são obtidos através de doações arrecadadas pelos próprios grupos participantes. No caso das escolas, os mantimentos e materiais são doados pelos pais dos alunos, muitos deles produtores rurais. É interessante que, nesses casos, todas as escolas realizam gincanas premiadas entre as turmas participantes.

Cada ingrediente arrecadado recebe uma pontuação, e a turma que somar mais pontos ganha um passeio pela região, com direito a lanche especial. Os quitutes vendidos na festas são preparados nas dependências da escola, por seus funcionários. Os ingredientes que sobram dessa gincana são utilizados pela escola ou permutados em outros produtos de que ela necessite. Independente da instituição, entidade ou grupo, a renda obtida nessas barraquinhas é revertida na melhoria de suas respectivas instalações e atividades.

Além dessa riqueza culinária, a antiga tradição dos produtos artesanais vem sendo retomada na região nos últimos anos, principalmente através de iniciativas como o Projeto Acordar e o Proarti. Ali são feitos bordados, panos de prato, toalhas e porta retratos, dentre muitos outros objetos de decoração. E ali também começa a se manifestar uma consciência ambiental, visto que muitos dos produtores passaram a utilizar materiais recicláveis há algum tempo. Produtos desse tipo são oferecidos não somente nas barraquinhas desses dois projetos, mas também na de vários outros grupos participantes.

No sábado à noite ocorre a eleição da Rainha do Arraial do Lageado, concurso promovido há nove anos pela Escola Municipal "Gil Brasileiro da Silva". Em 2010 também foi criado o concurso do Rei do Arraial. A escolha é feita através da venda de votos, sendo a conferência bastante rígida.

No domingo, as outras quadrilhas infantis participantes também ensaiam na praça pela manhã e se apresentam à tarde. A missa ocorre às 18 horas e logo depois começam as quadrilhas dos alunos mais velhos e o restante das outros grupos. O esquema segue como no sábado e os shows encerram a festa. O dia seguinte é feriado municipal e todos colaboram na limpeza da cidade.

19. Bens Relacionados

Igreja Matriz de Santo Antônio e Praça da Matriz

20. Intervenções

Após o término de cada edição, a Comissão Organizadora do Arraial do Lageado se reúne para fazer um balanço dos pontos positivos e negativos do evento que passou, além de ouvir a opinião da comunidade. O objetivo é promover melhorias constantes ao evento, sempre buscando agradar seu crescente público.

21. Referências Documentais | Bibliográficas

BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS:

- AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira Sentidos do festejar no país que "não é sério"*. Edição da autora consultada em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>
- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: EDUSP; Editora Itatiaia, 1982.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995 2ª ed.
- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand, 1990.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Ed Record, Rio de Janeiro, 1995.
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócios: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- LIMA JUNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais: origens e formação*. 3ed. Belo Horizonte: Instituto de História, Letras e Artes, 1965.
- LIMA, Jurani Gonçalves. (org.). *Nossa História*. Prado: Capital, 1993. v.1.
- MORAES, Fernanda Borges de. *Essas miniaturas do mundo: a cartografia histórica e o processo de ocupação do território na América portuguesa*. Vivência (Natal), Natal/RN, v. 29, p. 163-187, 2005.
- MORAES, Fernanda Borges de. *De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais*. In: Maria Efigêniia Lage de Resende; Luiz Carlos Villat. (Org.). *As Minas setecentistas*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2007, v. 1, p. 55-85.
- RODRIGUES, Maura Afonso. *Fagulhas de história do Triângulo Mineiro*. [s.l.]: ABC-SABE, 1988.
- ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Angela Vianna. *Dicionário histórico das Minas Gerais: período colonial*. 2ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. *Paulistas e emboabas no coração das Minas: idéias, práticas e imaginário político no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999.
- _____. *História Média de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1999.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade, ensaio de caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

ELETRÔNICAS:

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulo_Mineiro (consultado em 20/07/2011)
- <http://capitaodomingos.wordpress.com/> (consultado em 23/07/2011)
- <http://purl.pt/3432/1/P39.html> (consultado em 23/07/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Itapagipe> (consultado em 22/07/2011)
- <http://www.cmitapagipe.mg.gov.br/> (consultado em 22/07/2011)
- <http://www.itapagipe.mg.gov.br/> (consultado em 22/07/2011)
- <http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600200001.doc>. (consultado em 22/07/2011)
- www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200706-festasjuninas.pdf (consultado em 25/07/2011)
- http://3.bp.blogspot.com/_OpCKaDd886c/SEaNLKA66-I/AAAAAAAAALM/21q0rrLhz88/s1600-h/Quadrilha+Junina+01.jpg (consultado em 25/07/2011)
- <http://www.cidecd.com/PT/Texto11.html> (consultado em 25/07/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Juno> (consultado em 25/07/2011)
- <http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto007.htm> (consultado em 25/07/2011)

- <http://ostemplosdosol.blogspot.com/2008/06/homenagem-ao-poeta-fernando-assis.html>
(consultado em 25/07/2011)

ORAIS:

- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Valdir Nunes Freitas, mais conhecido como Esquisito, que é coveiro municipal e membro da Folia de Reis Caminho de Belém, que promove o Encontro de Bandeiras em Itapagipe - 22/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Josael de Souza Fernandes, Presidente da Fanfarra Municipal - 23/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Ambrósio José Agrelli, professor do Ensino do Uso da Biblioteca e responsável direto por esse estabelecimento - 24/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Isoldina Ferreira Lima, moradora e antiga "festeira" das festas juninas da cidade - 24/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Gilmar Donizete de Meneses, Bibliotecário Municipal - 24/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Graciany Garcia, professora da Escola Municipal "Alonso de Moraes Andrade" - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Nilza Ferreira de Vasconcelos, Diretora do Projeto Acordar - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Renata Rosa Borges, Secretária do CEMEI "Professora Alice Nogueira" - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Neide Antônia Araújo Barbosa, Diretora da Escola Municipal "Gil Brasileiro da Silva" - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Anderson Paulo Franco dos Santos, Secretário Municipal de Cultura de Itapagipe - 26/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Maria da Glória de Andrade, Diretora de Oficinas de Arte da Secretaria Municipal de Cultura - 26/06/2011

22. Informações Complementares

- De acordo com o Evangelho de São Lucas, João Batista, o são João, era filho do sacerdote Zacarias com Isabel, prima de Maria, mãe do Cristo. Tornou-se Profeta e é considerado por algumas correntes religiosas como o antecessor direto de Jesus, a quem teria batizado no Rio Jordão. Ele introduziria o batismo como ritual de conversão ao judaísmo, que mais tarde seria adotado também pelo cristianismo.
- Santo Antônio nasceu Fernando Martin de Bulhões, em Lisboa, Portugal, em 1195. Foi educado em Coimbra, onde ingressou na Ordem de Santo Agostinho. Mais tarde, ele se mudaria para a Ordem dos Franciscanos. Conhecido pela grande oratória e pela pregação eloquente, Santo Antônio, como ficou conhecido mais tarde, assumiria importantes cargos administrativos da Igreja Católica na Itália e depois novamente em Portugal. Faleceu no Oratório de Arcela, arredores de Pádua, em 1231. Tido como grande exemplo de vida, foi canonizado já no ano seguinte pelo Papa Gregório IX. Em 1946, Pio XII o elegeu Doutor da Igreja, com o título de "*Doutor Evangélico*".
- São Pedro não necessita de grandes apresentações. Apóstolo de Cristo, ele seria o fundador, junto com São Paulo, da Igreja Apostólica Romana, e é considerado o primeiro Papa Católico.

23. Ficha Técnica

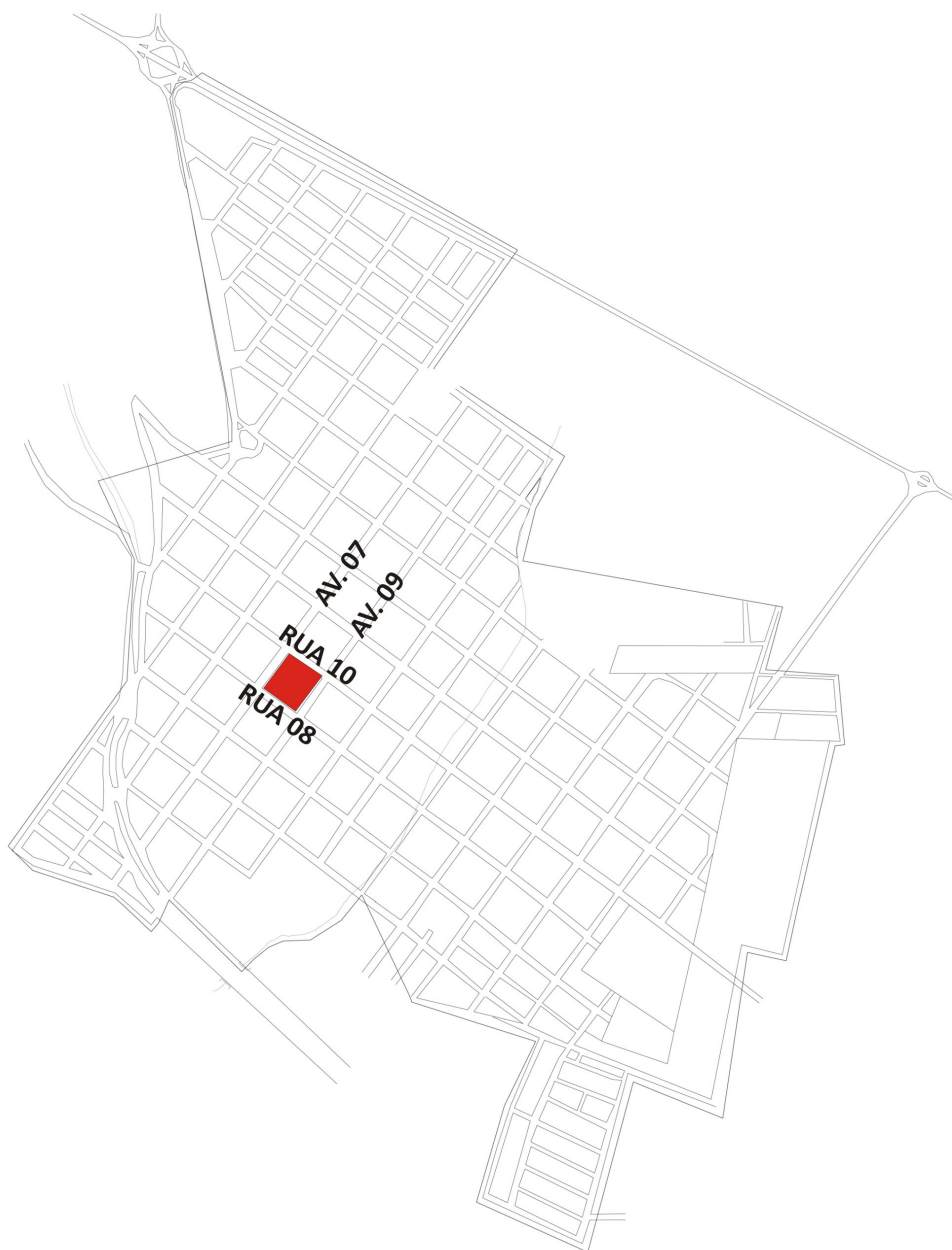
23.1. Levantamento Junho - 2011	Bernardo Alves de Brito Andrade Historiador – MGTM Ltda
23.2. Elaboração Agosto – 2011	Mônica Guimarães CREA 98,109/D Arquiteta Urbanista Bernardo Alves de Brito Andrade Historiador – MGTM Ltda
23.3. Revisão Janeiro - 2012	Mônica Guimarães CREA98,109/D. Arquiteta e Urbanista – MGTM Ltda. Rogério Stockler de Mello MGTM Ltda. Anderson Paulo Franco dos Santos Chefe do Setor Cultural Itapagipe

05. DELIMITAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ÁREA DE OCORRÊNCIA



A imagem aérea acima foi retirada do programa Google Earth em agosto de 2011 e mostra a área urbana do município de Itapagipe. O círculo amarelo destaca a Praça da Matriz, Centro da cidade, local onde o Arraial do Lageado ocorre tradicionalmente. A imagem abaixo mostra essa região ampliada. Porém, não há um local específico dentro desse espaço e a cada ano a festa é montada em uma parte diferente da Praça. Os preparativos para o evento ocorrem nas instituições e entidades participantes, que se encontram espalhadas pelo município, inclusive na área rural.





 PRAÇA DA IGREJA MATRIZ/CENTRO DE ITAPAGIPE - ONDE OCORRE O ARRAIAL DO LAJEADO

Mapa de delimitação da área de ocorrência

Fonte: Mapa cartográfico IBGE/2000

Elaboração: Brenda Melo Bernardes/2011

S/Escala

06. SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA ATIVIDADE CULTURAL

06.1. IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS

Durante a pesquisa de campo para a elaboração deste Dossiê de Registro não foram identificados grandes problemas em relação ao Arraial do Lageado. Apesar de sofrer algumas modificações ao longo dos anos, a festa ainda preserva a maior parte de suas características originais, como as quadrilhas e produtos locais.

Além disso, chama atenção a conscientização da população sobre o valor de seu patrimônio e de seus valores culturais. Fruto de um amplo trabalho de registro e educação patrimonial iniciado pela Prefeitura Municipal em 2005, essa conscientização pode ser vista principalmente nas escolas e instituições de ensino. No caso do Arraial do Lageado, é interessante notar a identificação e envolvimento que a comunidade tem com a festa e a preocupação com sua preservação.

Dentre os poucos problemas levantados, destacam-se:

- O espaço da Praça da Matriz, apesar de já ser o ponto tradicional do Arraial do Lageado, não se apresenta muito adequado à realização de eventos desse tipo;
- Ausência de um banco de imagens e registros de festas antigas no município, inclusive dos primeiros Arraiais do Lageado;
- O material promocional do evento ainda é bastante restrito. O Arraial do Lageado já possui renome na região, mas produtos como adesivos, folhetos, CD's, DVD's dentre outros ajudariam a difundir-lo para públicos mais distantes e variados, inclusive de outros estados e países.

06.2. DIRETRIZES / MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO E CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Como destacado acima, a parte de conscientização da população sobre o valor e a importância da preservação de seu patrimônio cultural já está bastante desenvolvida no município, oferecendo ótimas perspectivas de ações futuras. E, o que é mais importante, a própria população enxerga o Arraial como um dos grandes expoentes de sua cultura, e tem pleno interesse na sua manutenção.

Quanto aos problemas apontados, cabe aqui explicar sobre algumas alternativas para tentar contorná-los:

A questão da Praça da Matriz não é necessariamente um problema. O ideal seria que o Arraial do Lageado fosse realizado em outros espaços da cidade, como o Ginásio Municipal ou a Vila Olímpica, ambos mais bem estruturados para eventos de grande público. Porém, como apontou Anderson Paulo

Franco dos Santos, Secretário Municipal de Cultura, a própria população não gosta da idéia de mudar o evento para outro lugar, o que já foi aventado em outras ocasiões.

Uma solução seria concentrar o evento em locais menos “intrusivos” aos jardins e equipamentos urbanos da Praça, como a parte em frente à matriz, utilizando-se a Avenida Nove para a instalação das barraquinhas. Porém, ainda de acordo com o Anderson, um grande Centro de Eventos está sendo construído na cidade e a proposta é levar o Arraial do Lageado para lá assim que ele estiver pronto.

Já a questão da falta de imagens e registros das antigas festas juninas poderia ser contornada com a criação de um banco de imagens digitalizadas do município, abrangendo também outros aspectos da história da cidade. A Secretaria de Cultura poderia criar um programa de levantamento de imagens e documentos relativos às festividades da cidade junto aos moradores, além de recolher depoimentos de figuras de destaque nesse campo.

Isso permitiria a criação de um grande banco de dados sobre a história da cidade, que mais tarde poderia ser disponibilizado ao público em geral. Esse arquivo também se tornaria uma importante ferramenta de difusão e salvaguarda dessas atividades culturais. Esse banco de dados e imagens poderia ser incluído na página da internet da Prefeitura Municipal, ajudando a divulgar a cidade e sua cultura.

Esse banco de dados também ajudaria a solucionar o último problema apontado: a questão do material promocional. Ele auxiliaria a produção de materiais de divulgação mais diversificados e dinâmicos, como DVD’s, CD’s e publicações sobre o Arraial do Lageado, inclusive vídeos de cada edição do evento.

Outras diretrizes e ações também poderiam ser realizadas no sentido de valorizar e incrementar o Arraial do Lageado. Uma delas seria a criação de um ou mais concursos de quadrilhas, contando com premiação – o que dinamizaria as apresentações. A Prefeitura também poderia buscar mais parcerias junto à iniciativa privada local para a realização da festa, o que certamente reduziria os gastos públicos com o evento e ajudaria e incrementá-la.

Outra possibilidade de incremento do Arraial do Lageado são as leis de incentivo à cultura, tanto federais quanto estaduais, que hoje se tornaram grandes ferramentas para o desenvolvimento do setor cultural no país. Através delas, os projetos aprovados recebem a chancela do governo e as empresas interessadas em patrociná-los abatem o total investido, ou parte dele, dos impostos e tributos devidos ao Estado. A Secretaria Municipal de Cultura poderia tentar inserir o Arraial do Lageado em uma dessas leis, e captar os recursos junto ao empresariado local, o que contribuiria enormemente para a redução dos investimentos públicos na festa.

As propostas e diretrizes apresentadas dependem da aceitação e adequação por parte dos interessados. Além disso, muitas necessitam de recursos financeiros ainda não disponíveis, assim como de parcerias e convênios que ainda precisam ser construídos.

Ações	2012				2013			
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre
Ministrar palestras nas escolas e instituições de ensino sobre a história das comemorações juninas e de sua introdução desenvolvimento na região de Itapagipe								
Desenvolver parcerias junto aos músicos e entidades musicais da região para o ensino e difusão de músicas e marcações juninas tradicionais								
Trabalhar a Educação patrimonial voltada à valorização das festividades comemoradas na cidade, em especial do Arraial do Lageado								
Organizar exposição sobre a história das festas juninas em Itapagipe								



07. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

FOTOGRAFIAS – DATA 24 a 26 de junho de 2011

Bernardo Alves de Brito Andrade
Michelle Mendes Antunes



Foto 01- Fotografia da família de Isoldina Ferreira de Lima. Essa família sempre esteve ligada às festas juninas de Itapagipe e foi muito importante em seu desenvolvimento
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 02- Uma das apresentações do Arraial do Lageado 2007
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 03 – Público de um dos dias do Arraial do Lageado 2007
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 04 - Um dos casamentos na Roça do evento de 2007
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 05 – Uma das apresentações do Arraial do Lageado 2007
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 06 – Vista geral do espaço utilizado pelo Arraial do Lageado na Praça da Matriz em 2011, ainda durante a montagem
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 11 – Detalhe da decoração do Arraial do Lageado
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 12 – Vista geral do parque infantil
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 13 - Detalhe das guloseimas de uma das barraquinhas do Arraial do Lageado 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 14 – Preparo de quitanda em uma das escolas participantes do evento de 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 15 – Detalhe de um dos Casamentos na Roça apresentados
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 16 – Detalhe de uma quadrilha infantil
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 17 – Turma do Projeto Acordar levando os quitutes e artesanatos para sua barraquinha
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 18 – Coro da apresentação do Projeto Acordar
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 19 – Público de uma das noites do evento 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 20 – Detalhe de um dos casamentos na Roça apresentados em 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 21 – Detalhe de uma das noites do evento de 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 22 – Preparativos para o evento 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 23 – Barraquinha da Creche Marina no evento de 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 24 – Aspecto do evento 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 25 – Apresentação vespertina no evento 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 26 – Apresentação de uma das quadrilhas infantis
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 27 – Uma das quadrilhas do evento 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 28 – Apresentação de uma das danças típicas de outros estados no evento 2011
Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011



Foto 29 – Detalhe de um dos Casamentos na Roça do Evento 2011

*Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011*



Foto 30 - Detalhe de um dos Casamentos na Roça do Evento 2011

*Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011*



Foto 31 – Apresentação de uma das danças típicas de outros estados no evento 2011

*Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011*



Foto 32 – Ensaio de uma das quadrilhas infantis do evento 2011

*Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011*



Foto 33 – Um dos casais concorrentes no concurso da Rainha e do Rei do Arraial do Lageado 2011

*Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011*



Foto 30 – Abertura das bandeiras dos santos juninos

*Município de Itapagipe – MG
Dezembro - 2011*



08. REGISTRO AUDIOVISUAL

ENTREVISTA

Sr. Ambrósio José Agreli (biblioteca)

Sr. Anderson Paulo e Sra. Gloria (sec. Festa Junina)

Sr. Valdir Nunes Freitas parte 01 e parte 02

Sra. Graciany Garcia (escola Alonso)

Sra. Isoldina Ferreira Lima – Festa Junina

Sr. Josael – Fanfarra

Sr. José Garcia Pinto – Pinto - Mangueira

Sra. Neide Antonia Araujo Barbosa – Escola Gil Brasileiro parte 01 e parte 02

Sra. Neile Nunes Lemes – Panelona de ferro

Sra. Nilsa Ferreira de Vasconcelos – Vila Olímpica

Sra. Zilda Maria da Silva – Vila Olímpica

GRAVAÇÃO DO AUDIO – MP3 / CD-ROM

(ENTREVISTA CONCEDIDA AO HISTORIADOR BERNARDO EM 22 A 26 DE JUNHO DE 2011)



08.1 - REGISTRO AUDIOVISUAL

DVD – Gravado 24 e 26 de Junho 2011

REGISTRO ARRIAL DO LAGEADO

Vídeo: Abrigo de Jerônimo de Paula Assunção – Sorteio da Bezerra

APAE - Dança Flamenca

APAE – Preparativos 03 partes

Apresentação dos Santos Juninos

Arraial do Lageado à noite

CEMEI - Alice Nogueira – Quadrilha

CRAS - Oficina de Artes – Forró Universitário

Creche M. Marina Camargos – Quadrilha Caminho da Roça

E. E. Santo Antônio Quadrilha Nordestina (parte 01 e 02)

Missa de Ação de Graça 05 partes

Passeio pelo Arraial do Lageado



09. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS:

- AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira Sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Edição da autora consultada em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>
- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: EDUSP; Editora Itatiaia, 1982.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995 2ª ed.
- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand, 1990.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Ed Record, Rio de Janeiro, 1995.
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócios: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- LIMA JUNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais: origens e formação*. 3ed. Belo Horizonte: Instituto de História, Letras e Artes, 1965.
- LIMA, Jurani Gonçalves. (org.). *Nossa História*. Prado: Capital, 1993. v.1.
- MORAES, Fernanda Borges de. *Essas miniaturas do mundo: a cartografia histórica e o processo de ocupação do território na América portuguesa*. Vivência (Natal), Natal/RN, v. 29, p. 163-187, 2005.
- MORAES, Fernanda Borges de. *De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais*. In: Maria Efigêniia Lage de Resende; Luiz Carlos Villat. (Org.). *As Minas setecentistas*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2007, v. 1, p. 55-85.
- RODRIGUES, Maura Afonso. *Fagulhas de história do Triângulo Mineiro*. [s.l.]: ABC-SABE, 1988.
- ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Angela Vianna. *Dicionário histórico das Minas Gerais: período colonial*. 2ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____ . *Paulistas e emboabas no coração das Minas: idéias, práticas e imaginário político no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999.
- _____. *História Média de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1999.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade, ensaio de caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

CARTOGRÁFICAS:

IBGE / Google

ELETRÔNICAS:

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulo_Mineiro (consultado em 20/07/2011)
- <http://capitaodomingos.wordpress.com/> (consultado em 23/07/2011)
- <http://purl.pt/3432/1/P39.html> (consultado em 23/07/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Itapagipe> (consultado em 22/07/2011)
- <http://www.cmitapagipe.mg.gov.br/> (consultado em 22/07/2011)
- <http://www.itapagipe.mg.gov.br/> (consultado em 22/07/2011)
- <http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600200001.doc>. (consultado em 22/07/2011)
- www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200706-festasjuninas.pdf (consultado em 25/07/2011)
- http://3.bp.blogspot.com/_OpCKaDd886c/SEaNLKA66-I/AAAAAAAAALM/21q0rrLhz88/s1600-h/Quadrilha+Junina+01.jpg (consultado em 25/07/2011)
- <http://www.cidecd.com/PT/Texto11.html> (consultado em 25/07/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Juno> (consultado em 25/07/2011)
- <http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto007.htm> (consultado em 25/07/2011)
- <http://ostemplosdosol.blogspot.com/2008/06/homenagem-ao-poeta-fernando-assis.html> (consultado em 25/07/2011)

ORAIS:

- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Valdir Nunes Freitas, mais conhecido como Esquisito, que é Coveiro Municipal e membro da Folia de Reis Caminho de Belém, que promove o Encontro de Bandeiras em Itapagipe - 22/06/2011

- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Josael de Souza Fernandes, Presidente da Fanfarra Municipal - 23/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Ambrósio José Agrelli, que é Professor do Ensino do Uso da Biblioteca e responsável direto por esse estabelecimento - 24/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Isoldina Ferreira Lima, moradora e antiga “festeira” das festas juninas da cidade - 24/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Gilmar Donizete de Meneses, Bibliotecário Municipal - 24/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Graciany Garcia, Professora da Escola Municipal “Alonso de Moraes Andrade” - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Nilza Ferreira de Vasconcelos, Diretora do Projeto Acordar - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Renata Rosa Borges, Secretária do CEMEI “Professora Alice Nogueira” - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Neide Antônia Araújo Barbosa, Diretora da Escola Municipal “Gil Brasileiro da Silva” - 25/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Anderson Paulo Franco dos Santos, Secretário Municipal de Cultura de Itapagipe - 26/06/2011
- Entrevista concedida a Bernardo Alves de Brito Andrade por Maria da Glória de Andrade, Diretora de Oficinas de Arte da Secretaria Municipal de Cultura - 26/06/2011



10. ANEXOS

A - FICHA TÉCNICA

<p>MGTM Ltda.</p> <p>Av. Prudente de Moraes, 135 5º andar - Cidade Jardim Tel.fax.: (31) 3503 - 5900 Belo Horizonte – MG mgtm@mgtm.com.br</p>	CONSULTORIA TÉCNICA
	COORDENAÇÃO GERAL: Rogério Stockler de Mello
	COORDENAÇÃO TÉCNICA
	<p>Mônica Guimarães Maciel e Silva Marinho CREA: 98.109/D Arquiteta e Urbanista – MGTM Ltda.</p>
LEVANTAMENTO DATA:	Abril a Novembro 2011
ELABORAÇÃO DATA:	Novembro 2011
	EQUIPE DE TRABALHO
TRABALHO DE CAMPO	
	Bernardo Alves de Brito Andrade Historiador
ELABORAÇÃO TRABALHO	
Mônica Guimarães Maciel e Silva Marinho Arquiteta Urbanista – CREA: 98.109 D	Bernardo Alves de Brito Andrade Historiador
	Acessória Técnica MGTM
Mônica Guimarães Maciel e Silva Marinho Arquiteta Urbanista – CREA: 98.109 D	Rogério Stockler de Mello Administrador de Empresa
Brenda Melo Bernardes Arquiteta e Urbanista	Amanda Auxiliadora Siqueira Assistente Administrativo
Raquel Eugenia Nasser Santos Historiadora	Marcela Soares Ferreira Historiadora
	Revisão Data: Janeiro de 2012
Equipe de Coordenação Técnica MGTM Ltda	Prefeitura Municipal de Itapagipe



B. PARECER TÉCNICO SOBRE O REGISTRO

As festas juninas figuram ente as manifestações mais representativas de nossa cultura e de nosso passado sincrético e miscigenado. Presentes em todas as regiões do país, essas festividades receberiam diferentes influências em cada lugar, agregando valores, costumes e produtos locais sem, contudo, perder sua antiga ligação com o campo e com a religiosidade.

A região do Triângulo Mineiro, por seu caráter agropecuarista, sempre foi muito apegada às tradições do campo, propiciando terreno fértil para o aparecimento de inúmeras festas e arraiais juninos famosos. O município de Itapagipe, cujo povoado original nasceu sob a proteção de Santo Antônio, é palco de grandes festas juninas desde pelo menos a segunda metade do século XIX, sendo que elas hoje se tornaram uma tradição profundamente enraizada na cultura local.

Nesse contexto, o Arraial do Lageado se tornou um dos maiores eventos desse tipo naquela região, sendo hoje uma grande tradição e atração da cidade. Além de movimentar a comunidade e promover uma grande confraternização entre os moradores, esse Arraial também incrementa a economia da cidade. Tanto durante os preparativos como no decorrer do evento, os produtos consumidos são comprados no comércio da cidade e nas barraquinhas da festa, e o grande público que para lá afluí movimentou o setor de hospedagem, alimentação e serviços. Segundo algumas estimativas, esse público chega a ser de cerca de duas a três mil pessoas a cada dia de festa, sendo que no sábado, quando costumeiramente ocorrem os maiores shows e apresentações, esse número beira quatro mil pessoas. Isso tudo numa cidade de cerca de doze mil habitantes!

Assim, o Arraial do Lageado hoje aparece como herdeiro direto da antiga tradição das festas juninas da região. Fruto de um contínuo processo de desenvolvimento, esse arraial se configura como um grande arcabouço de tradições culturais campestres e dos costumes locais. E a comunidade itapagipense percebe isso, visto que todos ali enxergam o Arraial do Lageado como representante de um de seus mais valiosos patrimônios culturais imateriais: as festas juninas.

A população se reconhece e se identifica nesse evento, o que pôde ser constatado na grande participação popular durante a cobertura do Arraial do Lageado 2011, feita para a elaboração deste Dossiê. Todos ali se mostravam muito interessados na preservação da festa e em seu registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Município, o que demonstra a importância conferida pela comunidade ao Arraial do Lageado.

Ouro Preto, 11 de janeiro de 2012

Bernardo Alves de Brito Andrade
Historiador



C. PARECER DO CONSELHO SOBRE O REGISTRO

EM ANEXO.



D. ATA DE REUNIÃO DO CONSELHO APROVANDO O REGISTRO PROVISÓRIO, DIRETRIZES E MEDIDAS PARA GESTÃO

EM ANEXO.



E. NOTIFICAÇÕES / COMUNICAÇÃO E RECIBOS

EM ANEXO.



F. ATA DE REUNIÃO DO CONSELHO APROVANDO O REGISTRO DEFINITIVO

EM ANEXO.



G. DECRETO OU HOMOLOGAÇÃO DO REGISTRO

EM ANEXO.



H. INSCRIÇÃO NO LIVRO DE REGISTRO

EM ANEXO.



I. PUBLICAÇÃO DO DECRETO OU HOMOLOGAÇÃO DO REGISTRO

EM ANEXO.



J. DOCUMENTOS DIVERSOS

EM ANEXO.

